

teatro da juventude

**Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura**



Ano 4 - Número 23 - Abril de 1999

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez



500 Anos de
Dramaturgia Brasileira

Teatro da Juventude

Ano 4 - número 23 - Abril de 1999

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jônatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Consultoria: Prof. Milton Andrade

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

Tiragem: 7 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301

Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP

CEP 01028-907

500 Anos da Dramaturgia Brasileira

Ao assumirmos a *Secretaria de Estado da Cultura*, pela primeira vez entendemos que divulgar o teatro para o jovem, estimulando-o a conhecer melhor e a participar desta atividade seria a forma mais certa de enfrentar o desafio que se nos apresentava, especialmente no que se refere a criação de novas platéias e a função educacional que deve acompanhar a atividade cultural.

Assim a *Secretaria de Estado da Cultura*, realizou uma série de ações e projetos, entre eles o resgate da revista *Teatro da Juventude*, o incentivo ao teatro amador e à produção teatral, numa eficiente resposta aos anseios e necessidades de nossa sociedade, transformando a arte dos palcos num dos mais ricos veículos educacionais e culturais.

Hoje, passados mais de quatro anos, temos resultados consolidados no sentido de tornar a atividade teatral um precioso e importante instrumento de desenvolvimento do sentimento de cidadania em nossa população, especialmente os meninos e jovens.

É portanto, o melhor momento para abrirmos um novo caminho que pode ser definido como aquele que ligará o nosso teatro à nossa própria história, a história do Brasil, em seus 500 anos.

Ao analisar a sociedade brasileira e suas transformações através de sua literatura dramática, a série "500 anos da Dramaturgia Brasileira", a qual estamos iniciando nesta edição, levará aos leitores os mais expressivos autores teatrais deste nosso Brasil, desde o seu descobrimento até nossos dias.

Refazendo o trajeto da arte brasileira pelo tempo, com a dramaturgia contando as transformações de nossa sociedade, está se cumprindo de forma magnífica o dever daqueles que fazem cultura neste país, que não é outro senão o de alavancar uma verdadeira "Revolução Cultural", pedra de toque para transformarmos, por um referencial humanístico, estes nossos tão duros anos 90.

Marcos Mendonça
Secretário de Estado da Cultura

CARTAS

S.O.S AOS GRUPOS



Solicitamos informações de materiais sobre o teatro de fantoches. Estamos iniciando este trabalho fantástico e gostaríamos de receber todo tipo de material possível. Queremos através do **TEATRO DA JUVENTUDE** o livro *Como Fazer Teatrinhos de Bonecos, de Maria Clara Machado*, publicado na edição nº 3, de 1995. Todo material sobre o teatro de fantoches que nos fornecerem será bem-vindo.

Alexandre Eduardo - ator
Trupe Teatral Michopimpa
Santa Ernestina – SP

*Resp.: Alexandre, seu apelo está lançado. E mais: você poderá conseguir material sobre o assunto na Biblioteca da ECA – Escola de Comunicação e Artes – da USP. Endereço: Cidade Universitária – Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Cep 05508-900. Tel.: (011) 818-4071/818-4047 – Central de Atendimento da Biblioteca. E-mail: www.usp.br a seguir acessar dedalus. Quanto ao livro *Como Fazer Teatrinhos de Bonecos*, é editado pela Editora Agir, situada na rua dos Inválidos, 198, Rio de Janeiro – RJ. Cep: 20231-020 Tel: (021) 221-6424/ fax: (021) 252-0410.*

ENVIO DE TEXTOS PARA PUBLICAÇÃO



Tenho 14 anos, estou na 8ª série e gostaria que a **TEATRO DA**

JUVENTUDE publicasse os meus textos. Adoro fazer teatro, principalmente de humor, mas já fiz teatro de mistério e quase fiz um teatro romântico. Como eu faço para enviar meus textos para vocês?

Mauro Anderson de Pinho – estudante
São Bento do Sapucaí – SP

Resp.: Envie seus textos aos cuidados da Comissão de Teatro. Após avaliados, se atenderem os critérios estabelecidos e terem qualidade, serão publicados de acordo com o cronograma estabelecido.

SOLICITAÇÃO DA **TEATRO DA JUVENTUDE**



Em primeiro lugar quero parabenizar esta entidade pelo belíssimo trabalho no desenvolvimento da revista **TEATRO DA JUVENTUDE**. Tive contato com a revista em nossa cidade pelo Projeto Adhemar Guerra, que infelizmente está paralisado. Trabalho com teatro há quase 20 anos e, no momento, estou na direção de um grupo infanto-juvenil, que no ano passado apresentou o espetáculo publicado na **TEATRO DA JUVENTUDE** Boa Noite, Felipe – com ótima repercussão no município. A revista nos foi emprestada pela nossa Biblioteca Municipal, que não tem todos os números da Revista. Tenho um Banco de Textos Teatrais com mais de 100 títulos e gostaria de incluir neste Banco todas as Edições da Revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, do nº 01 até o último lançamento, bem como todos

que vierem posteriormente. Solicito, portanto, que me seja enviada toda a coleção. No aguardo de uma resposta positiva, agradeço antecipadamente a atenção dispensada.

*Márcia Jaques de Campos – diretora
Estância Turística de Paraguaçu
Paulista – Paraguaçu Paulista – SP*

Resp.: Parabéns a você também pela iniciativa, Márcia. Primeiro, uma boa notícia: o Projeto Adhemar Guerra apenas foi interrompido, mas esperamos que, em breve, estará retornando. Quanto à coleção, veja resposta no final da seção.



Sou diretora do grupo de teatro de bonecos Fábrica de Ilusões que completou cinco anos em abril. Neste ano estaremos realizando um sonho antigo, a construção da nossa pequena sede e queremos montar uma biblioteca de arte, tanto para uso próprio como para grupos interessados. Ficariamos muito felizes em receber os exemplares da revista TEATRO DA JUVENTUDE (se possível os exemplares antigos também), essa revista maravilhosa para nós, amantes do teatro. Enfim, todos os elogios são poucos para expressar o quanto gostamos da revista.

*Alessandra Oliveira – diretora
Fábrica de Ilusões
Guarujá – SP*

Resp.: Congratulamo-nos com a realização de seu sonho, agradecemos os elogios e, com relação as revistas, veja resposta no final da seção.



Vimos por meio deste apresentar o Colégio PoliLogos, que iniciou suas atividades em 01 de fevereiro do

corrente ano apresentando os cursos de educação infantil e ensino fundamental, com um total de 150 alunos matriculados. Em nossa grade curricular contamos com a disciplina de educação artística em todas as séries, sendo o teatro umas das expressões que desenvolvemos através do trabalho do professor Cleber Barbosa. Assim, solicitamos que nos sejam enviados exemplares da revista, o que certamente trará maior riqueza ao planejamento das aulas de teatro.

*Maria Thereza Costa – diretora
Colégio PoliLogos
Associação Brasileira de Educação
Coreana – São Paulo – SP*



Sou professora aposentada de Educação Artística e estou formando um grupo de teatro e uma escolinha de Artes Cênicas para crianças e adolescentes, aqui na minha cidade – Chavantes – SP. Gostaria de adquirir a revista TEATRO DA JUVENTUDE como fonte de informação e estudo, para poder trabalhar com as crianças. Soube da reedição da revista e gostaria, se possível, de receber os números já publicados e continuar adquirindo os próximos por assinatura. Há muitos anos tive a oportunidade de utilizar essa revista da qual me foi muito útil.


*Cleide de A. Mastraudéa Cadamuro
professora – Chavantes – SP*




Faço parte do Grupo de Teatro Aurart's que atua amadoristicamente na região de Osasco, fazendo Prevenção às Drogas e AIDS em Escolas, Empresas, Igrejas e parte da renda dos espetáculos é revertida a duas Entidades de Osasco que cuidam de doentes de AIDS e

usuários de drogas em recuperação, são elas: LAR – Associação Liberdade com Amor e Respeito à Vida; e GOAS – Grupo de Orientação e Assistência à Saúde. Como este trabalho tomou um rumo maior do que esperávamos, sentimos a necessidade de nos aperfeiçoarmos e tomamos conhecimento da Coleção TEATRO DA JUVENTUDE, a qual poderia nos ser muito útil na preparação de nossos atores. Sendo assim, solicitamos que vocês nos enviem todos os números já existentes da revista TEATRO DA JUVENTUDE e os próximos a fim de tornar nosso trabalho ainda melhor.

Andreia Sampaio Barbosa – atriz
Grupo “Aurart’s” Promoções Artísticas
Osasco – SP


 *Somos professores de Teatro da Casa da Cultura da Prefeitura do Município de Valinhos. Vínhamos recebendo, há três anos, os exemplares da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Muito do material editorial desta revista era aproveitado em nossas aulas e nas montagens com os alunos. Mas, desde a edição de nº 14, não recebemos mais a revista. Como sabemos que ela vem sendo editada, gostaríamos de voltar a receber dois exemplares: uma para cada professor.*

André e Alessandra Buffa – professores
Teatro da Casa da Cultura da
Prefeitura do Município de Valinhos
Valinhos – SP


 *O Colégio Monteiro Lobato vem, pela presente, solicitar para o acervo da Biblioteca, a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Nosso colégio possui 420 alunos distribuídos nos seguintes cursos:*

Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O Diretor do Colégio é Walter Willian Ferreira de Assis. A revista subsidiará nosso professor e enriquecerá nossas aulas de teatro, essa arte tão fascinante e educativa.

Maria Beatriz M. G. Pinto –
coordenadora – Colégio Monteiro Lobato
São Paulo – SP

 *Servimo-nos da presente para solicitar todos os números já publicados da TEATRO DA JUVENTUDE, e também quaisquer outros materiais que possam ser úteis. Somos professores de Ed. Física e Catecismo, e pretendemos levar o teatro a nossos alunos. Descobrimos a revista através da 1ª Delegacia de Ensino de Osasco, e acreditamos que será de grande utilidade para nosso trabalho. Certas de podermos contar com a especial e honrosa atenção de V. Sas., desde já agradecemos. Parabéns e um grande abraço!*

Rosemeire e Débora – Professoras e
catequistas – Osasco – SP

 *Venho através desta solicitar o meu cadastramento junto a esta Secretaria do Estado da Cultura, revista TEATRO DA JUVENTUDE, para que eu possa usufruir deste órgão informativo das artes cênicas. Faço teatro com crianças, adolescentes e adultos nas escolas que trabalho e com jovens da Igreja Imaculada Conceição. Pesquisando no Centro Pedagógico da Delegacia de Ensino, tomei conhecimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Gostaria que V.Sas. me cedessem os volumes disponíveis que, irão me ajudar muito. Certa de poder contar com sua especial e honrosa atenção,*

reitero protestos de elevada estima e distinta consideração.

*Rosemeire Aparecida Caputo –
professora de Ed. Física e Teatro
E.E. Graciliano Ramos / Colégio
Prisma – Igreja Imaculada Conceição
Osasco – SP*

*Resp.: Devido à contenção de verbas,
solicitamos que as revistas solicitadas sejam
retiradas pessoalmente na própria
Secretaria ou nas Delegacias Regionais de
Cultural mais próximas mediante uma
solicitação por escrito. Casos especiais,
como formação de Banco de Textos, e
solicitações de outros Estados, entrar em
contato com Glória Inês. Tel.: (011)
222-6971 / Tel-fax.: (011) 220-8125.*

SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA
JUVENTUDE POR FORMULÁRIO
PUBLICADO NO FINAL DA REVISTA

*Marli Aparecida Lopes
Escola Casarão de Indaiatuba e
Casarão Pau Preto
Indaiatuba – SP*

*Dr. Oswaldo Accursi – professor
Faculdade Paulista de Artes
São Paulo – SP*

*Maria Leonor Gattolini
Colégio Salisario São José e Teatro
América – Sorocaba – SP*

*Selma M.A.P. Silva – bibliotecária
Biblioteca Municipal Prof. Francisco R.
dos Santos – Avaré – SP*

*Eduardo Francisco
Centro de Divulgação e Valorização da
Leitura – São Paulo – SP*

*Rodney do Valle
Grupo Teatral Máscaras
Borborema – SP*

*Rosa Filomena Ignarro
Colégio Meta
São Paulo – SP*

*Paulo Tibiriça de Andrade
Sociedade Amigos da Casa da Cultura
Piedade – SP*

ESCREVA PARA CARTAS

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**.
Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas
e informações.

O ENDEREÇO É:

Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo – SP
CEP 01028-907

Tel.: (011) 222-6971 / Tel-fax.: (011) 220-8125.

SUMÁRIO

Apresentação

Três clássicos brasileiros	12
Sebastião Milaré	

500 Anos da Dramaturgia Brasileira

Adolescente/Adulto

Na Festa de São Lourenço	19
José de Anchieta	

Guerras do Alecrim e da Manjerona	39
Antônio José, o Judeu	

Leonor de Mendonça	85
Gonçalves Dias	

APRESENTAÇÃO

TRÊS CLÁSSICOS BRASILEIROS

Anchieta, Antônio José e Gonçalves Dias – autores de obras embrionárias do teatro brasileiro.

Sebastião Milaré*

Os clássicos reunidos neste volume implicam realidades históricas e humanas do período de formação da sociedade brasileira. A catequese, que marcou o início da colonização, teve em José de Anchieta o seu poeta. As perseguições religiosas e os desteros impostos pelos colonizadores nos séculos 17 e 18, podem ser evocados na figura emblemática de Antônio José, o Judeu. O romantismo de Gonçalves Dias reflete o alvorecer da nação politicamente emancipada, registrando as contradições da busca de uma identidade cultural sem que ainda se tivessem desfeitos os vínculos com a metrópole colonial. Três momentos importantes da evolução da nossa sociedade contextualizam essas obras-primas. Será sempre um problema, contudo, creditar a qualquer desses textos o começo da tradição dramática brasileira. A poesia dramática de Anchieta estava a serviço da catequese e nos chega do século 16 como um prodígio surpreendente. Introduzia nesta Terra de Santa Cruz o vigor do teatro religioso medieval, mas não teve continuadores, sequer entre os jesuítas. Tornou-se dado cultural isolado e frustrante, se nele pretendemos encontrar as bases fundadoras da literatura dramática nacional.

“Nas peças as
contradições pelas
quais foi
amalgamada a
experiência do
homem brasileiro.”

Problemática é a inclusão de Antônio José da Silva, o Judeu, na história do teatro brasileiro. Ele escrevia para o público do Bairro Alto, de Lisboa, onde viveu desde os oito anos de idade e onde foi supliciado pelo Santo Ofício, morrendo na fogueira. Por uma questão de justiça intelectual, Antônio José deveria ser considerado comediógrafo português, apesar de ter nascido no Rio de Janeiro. Porém, em ensaios publicados no século 19, entre os quais figuram os de um autor da dimensão de Machado de Assis e, mesmo ao ser tomado como assunto da peça que se fixou na história como primeira tragédia escrita por um autor nacional, Antônio José foi adotado e anexado à cultura brasileira. Sua obra, de todo o modo, permanece isolada no panorama árido do nosso século 18, estando longe de constituir um passo no sentido da criação da nossa dramaturgia. Finalmente, Gonçalves Dias pode ser arrolado entre os dramaturgos que, na primeira metade do século 19, deram início à produção contínua de dramas. Suas peças, todavia, permaneceram inéditas no palco por mais de um século, o que as deixa à margem e não no centro da evolução dramática brasileira. A despeito disso tudo, as obras aqui

reunidas são fundamentais ao estudo do nosso teatro. Não só por seus valores dramáticos e literários intrínsecos, como por ensejarem a reflexão sobre aspectos da aventura histórica do Brasil, desde o descobrimento até a emancipação política. E embora não se refiram diretamente à sociedade brasileira (exceto a de Anchieta, escrita muito a propósito), exprimem contradições através das quais foi amalgamada a experiência histórica do homem brasileiro.

Indo mais longe no subterrâneo e nos subúrbios dessas obras, é possível através delas detectar o embrião do teatro nacional, que se desenvolveu por caminhos tortos no período colonial até se converter em contraditória realidade, após a Independência, e se tornar, nos últimos cinquenta anos, uma das expressões artísticas mais vigorosas do Brasil.

Anchieta – “Na Festa de S. Lourenço”

Nascido em La Laguna, ilha de Tenerife, Canárias, a 19 de março de 1534, José de Anchieta muito cedo ingressou na Companhia de Jesus e, aos 19 anos de idade, chegou ao Brasil na condição de noviço. Dotado de fervor religioso incomum, dando pouca ou nenhuma atenção ao corpo e totalmente voltado à alma, Anchieta encontrou no Brasil continente propício ao seu trabalho evangelizador. Aprendeu o tupi como primeiro passo para ensinar o português aos índios e passou a arrebatar para a Santa Igreja essas ovelhas perdidas. Assim, realizou obra dramatúrgica que é brasileira por corresponder às necessidades (do ponto de vista jesuítico) do conjunto populacional brasileiro da época.

Dominando, além do português, o espanhol e o tupi, podia mudar não apenas o tom mas o próprio idioma, conforme a platéia à qual destinava

“Anchieta mudava de idioma e de tom conforme a platéia.”

este ou aquele auto. Flexibilizando o discurso poético, graças aos diferentes idiomas usados, manipulava as mensagens divinas na dicotomia de Bem e Mal inserindo-as num contexto, além de religioso, político.

Tal aspecto fica muito claro *Na Vila da Vitória*, onde Anchieta revela seu jogo diplomático. Estando Portugal vinculado à Espanha, sob o reinado de Felipe II, Anchieta teve o cuidado de colocar-se bem com ambas as nações dividindo criteriosamente as falas entre o português e o castelhano, como observa Joel Pontes: *Os santos são portugueses, mas cada um deles se*

exprime em língua diferente, sempre em distribuição equitativa, enquanto Vitória se exprime em castelhano, o Governo em português, e a alegoria Temor de Deus, começando em uma

língua passa para a outra em seu sermão ao povo (Teatro de Anchieta, pg.39).

De fato, a ambígua relação de missionário e colonizador permeia sua obra, na qual prega a origem divina dos poderes reais e a necessidade de obediência às autoridades portuguesas. Os personagens são diabos, quase sempre cômicos, ensejando cenas de pancadaria; anjos que combatem os diabos e fazem pios sermões onde a Virgem Maria é exaltada; santos; índios catequizados sempre em risco de danação eterna, além das alegorias. Os diabos caracterizam vícios e pecados (embriaguês, adultério, tabagismo, assassinio), sendo índios que não aceitam Cristo nem vivem no povoado junto à igreja, ou brancos de nacionalidade não definida ligados aos infiéis, índios ou não. Claro que os diabos fazem o jogo dos jesuítas confessando que só agem na ausência da Virgem e dos santos protetores. Destacam-se também as crianças, donas de grande sabedoria, indicando que nelas está a

esperança de salvação, pois os índios velhos, incapazes de aceitar a religião do colonizador, estão condenados ao fogo eterno.

Esse repertório de valores e de clichês dramático-religiosos estão presentes no auto *Na Festa de São Lourenço*, representado por volta de 1583 junto à Capela de São Lourenço, em Niterói, considerado o mais interessante e complexo dos textos anchietanos.

O centro do interesse dramático está na luta travada entre São Lourenço, ajudado pelo Anjo e por São Sebastião, contra os demônios Guaixará e seus auxiliares, Aimbirê e Saravaia. Os nomes dos demônios na verdade são nomes tamoios, que se aliaram aos invasores franceses contra os portugueses. No auto, decidida a luta do Bem e do Mal pelo domínio da aldeia, com a vitória do Anjo e dos santos, tendo sido aprisionados os demônios, dançam columins em homenagem ao triunfo de Lourenço. Assim, o auto termina com a afirmação da criança como dona de grande sabedoria.

Ao morrer, em 1597, José de Anchieta deixou implantado um teatro que os jesuítas continuariam a produzir (ao que parece, sem brilho nem grandeza) até 1759, quando por decreto do Marquês de Pombal foram expulsos do Brasil. Nesse espaço de século e meio, nenhum outro jesuíta escreveu obra dramática de valor ou que tenha sobrevivido ao seu tempo, o que evidencia não ter sido José de Anchieta poeta dramático apenas por força das circunstâncias.

Antônio José e “As Guerras do Alecrim e da Manjerona”

Há pareceres, como os do padre Serafim Leite, de que o teatro foi introduzido no Brasil pelos colonos que

representavam nas igrejas, à moda portuguesa, autos arranjados ali mesmo ou, mais provavelmente, levados de Portugal (Hessel e Raeders, *O Teatro Jesuítico no Brasil*, pg.18).

Mas, pela categoria dos europeus (portugueses, na maioria) aqui despejados, ou para cá desterrados, fica difícil imaginá-los em representações religiosas no rigor das

igrejas. Até porque, os colonos encontravam-se em condições morais que viriam a escandalizar Manuel de Nóbrega. Queixava-se ele, em suas cartas, da devassidão que por aqui se estabelecera. Numa tentativa de eliminar a libertinagem dos colonos, solicitou ao Reino *quantas órfãs*

“Nos três primeiros séculos, a manifestação teatral faz-se pelos jesuítas e folguedos populares.”

tivesse para poder-se constituir família, no rebanho de homens sob sua guarda (Alves Motta Sobrinho, *A Civilização do Café*, pg. 17). É de se imaginar, nesse “escândalo”, o início da miscigenação que marcaria o povo brasileiro. E esse encontro de raças seria na verdade festivo. Essa ralé indesejada em Portugal trouxe, certamente, os primeiros folguedos populares ibéricos, de raiz pagã, com cantos e danças, que se fixariam na cultura brasileira. Através desses folguedos, melhor se aproximavam dos índios, que também tinham seus cantos e danças rituais. Dava-se, desse modo, a miscigenação cultural.

Às manifestações de índios e portugueses, somariam mais tarde as dos africanos, para cá trazidos como escravos. Nos três primeiros séculos, por conta do desenvolvimentos das “danças dramáticas”, ou folguedos populares, pode-se falar de manifestação teatral no Brasil, além daquela desenvolvida pelos jesuítas. Tanto e tão profundamente se desenvolveram tais manifestações que por todo o território brasileiro são detectados ainda hoje

seus traços, quando não sua permanência.

Depois de José de Anchieta, todavia, nenhum outro dramaturgo verdadeiro surgiu no cenário. Talvez essa ausência explique um pouco a necessidade de tornar brasileira a comédia de Antônio José da Silva, o Judeu (1705-1739), que desse modo iluminaria com sua verve humorística e superior talento a incômoda lacuna.

Por outro lado — e independentemente do juízo de críticos, como Sílvio Romero, que *procuram definir como brasileira a natureza do lirismo de Antônio José* (Sábato Magaldi, *Panorama do Teatro Brasileiro*, pg.31)

— é de se convir que o poeta não viveu em Portugal por vontade própria: para lá foi levado com sua mãe, posta a ferros por ser judia. Faz parte de um contingente de deserdados que o poder da metrópole colonial jogava por sobre o oceano em desterros freqüentes, de uma para outra colônia, ou para a própria metrópole. Acolhê-lo como filho desta terra é um resgate simbólico da sua dignidade. Machado de Assis dizia que *o nosso Judeu era a farsa, a genuína farsa, sem outras pretensões, sem mais remotas vistas que os limites do seu bairro e do seu tempo* (*Duas Comédias de Antônio José, o Judeu*, pg. 172). Defendeu sua inclusão na história das nossas letras indicando seu nome para patrono de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

As comédias de Antônio José (ou “óperas cômicas”) têm vivacidade e alegria juvenis, sempre permeadas do grotesco e do vulgar. Os motivos atendiam ao classicismo da época, sendo retirados do teatro greco-romano, quase sempre. Apenas em *Guerras do Alecrim e da Manjerona* se refere diretamente à sociedade do seu tempo e lugar.

“Antônio José soltava as rédeas da fantasia, mas sempre atento às leis do palco.”

Para Machado de Assis, a alma de todas as peças do Judeu *não é grande; vive-se ali de enredos e de aparato* (idem, pg. 162). Realmente ao comediógrafo interessava o jogo, os efeitos cênicos alcançados por complicada maquinaria, com a média de oito mutações por peça, além do movimento de elencos numerosos. Sua genialidade transparece justo na forma teatral, na capacidade

de arquitetar situações soltando as rédeas da fantasia, mas sempre atento às leis do palco. Há-de se convir, porém, que a atualidade permanente das suas óperas deve-se menos ao enredo e ao aparato do que a um agudo senso de

observação, não despido de sarcasmo, que lhe permitia, como maravilhoso caricaturista que era, ressaltar nos personagens as fraquezas, os vícios e as pequenas virtudes do homem comum.

Gonçalves Dias e “Leonor de Mendonça”

As casas de ópera construídas ainda no século 18 incluíam em seu repertório as “óperas cômicas” de Antônio José. Nossos primeiros atores, oriundos das mais baixas camadas sociais, estariam familiarizados com as tramas do Judeu. Assim, suas peças davam alento a esse teatro nascido da necessidade espiritual de um povo.

Depois da Independência, no seio das companhias portuguesas que dominavam o mercado começavam a surgir brasileiros. Ocupariam sempre lugares subalternos da cena, em cujo centro estaria a “estrela” portuguesa. Contra isso rebelou-se João Caetano dos Santos que, em 1833, criou uma companhia formada apenas por atores brasileiros. Posteriormente, já firmado seu prestígio como ator e empresário, João Caetano voltaria a trabalhar com portugueses. E com grandes atores e

atrizes lusos, que tinham experiência no ofício, aprimorava sua técnica interpretativa.

Em 1838, João Caetano promove outros eventos históricos: a montagem da primeira tragédia escrita por um brasileiro, que evocava o Judeu: *Antônio José ou O poeta e a Inquisição*, de Gonçalves de Magalhães; e a primeira comédia de um brasileiro nato: *O Juiz de Paz da Roça*, de Martins Penna. Nove anos depois, em 1847, João Caetano diminuiria seus méritos como lançador de grandes escritores dramáticos brasileiros ao se recusar a encenar a peça de Gonçalves Dias *Leonor de Mendonça*, nesse mesmo ano aprovada pelo Conservatório.

O que motivou sua recusa, não se sabe. Mas o fato marcou profundamente o poeta. Um ano antes, Gonçalves Dias teve seu drama *Beatriz Cenci* recusado como imoral pelo Conservatório. Essa seqüência de fatos negativos deve ter sido um desestímulo ao poeta, levando-o a interromper sua dramaturgia. Pena, porque a obra dramática de Gonçalves Dias, especialmente *Leonor de Mendonça*, representa a melhor qualidade dramática apresentada pelo teatro brasileiro no século 19. Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) era filho de português com uma mestiça brasileira, de cor acobreada. Aos quinze anos foi para Portugal, conseguindo lá manter-se por sete anos, cursando faculdades e participando ativamente de movimentos culturais, onde divulgava sua poesia. Tendo chegado a Portugal quando o teatro do país se beneficiava ainda das inovações introduzidas pela Reforma Garret, é natural que Gonçalves Dias, a exemplo da nova geração de escritores portugueses, se sentisse atraído pelo desafio do palco. As quatro peças que escreveu – *Patkull*, *Beatriz Cenci*, *Leonor de Mendonça* e *Boabdil* – observam os preceitos do drama romântico, situando a ação em épocas passadas e países estrangeiros. *Leonor de Mendonça* é um drama conciso, que alcança perfeito equilíbrio

na seleção dos elementos e dos signos dramáticos. As cenas se condensam no essencial e a ação é construída através de conceitos antagônicos, num constante atrito entre idéias e emoções. Ao contrário dos românticos seus contemporâneos, Gonçalves Dias não expõe o conflito através de abstrações morais: localiza-o na esfera do Poder, onde se estabelece o embate entre fraco e forte, com natural vitória deste. O clima tenso da ação, sempre subsidiada por novas informações, abre expectativas que se frustram, conduz o drama a um desfecho de magnífica teatralidade.

E Gonçalves Dias, nesta breve antologia do teatro clássico brasileiro, é o índice de maturidade artística de um país que começava apenas a buscar sua identidade enquanto nação.

Notas Bibliográficas:

Andrade, Mário de, *Danças Dramáticas do Brasil*. São Paulo: Martins Editora, 1950;
Gonçalves Dias, Antônio, *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: SNT, 1979;
Hessel, Lothar e Raeders, Georges, *O Teatro Jesuítico no Brasil*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1972;
Magaldi, Sábato, *Panorama do Teatro Brasileiro*. São Paulo, Global Editora, 1997;
Magalhães, D. Gonçalves de, *Tragédias*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1865;
Motta Sobrinho, Alves, *A Civilização do Café*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978;
Pontes, Joel, *O Teatro de Anchieta*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1978;
Silva, Antônio José da, *Duas Comédias de Antônio José, o Judeu: A Vida de Esopo e Guerras do Alecrim e da Manjerona*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1957.

* **Sebastião Milaré** é crítico e pesquisador de Teatro. Autor de "Antunes Filho e a Dimensão Utópica", "Batalha da Quimera – Renato Viana e o Modernismo Cênico Brasileiro" e, em preparo "Hirofania – O Teatro segundo Antunes Filho".

500 Anos da Dramaturgia Brasileira

Na Festa de São Lourenço

José de Anchieta

Guerras do Alecrim e da Manjerona

Antônio José, o Judeu

Leonor de Mendonça

Gonçalves Dias

NA FESTA DE SÃO LOURENÇO

Um auto de
José de Anchieta

Traduzido em versos, nas partes tupi e castelhano, por Guilherme de Almeida, segundo o texto de Maria de Lourdes de Paula Martins.

PERSONAGENS

Guaixará – rei dos diabos
Aimbirê – criado de Guaixará
Saravaia – criado de Guaixará
Tataurana – companheiro dos diabos
Urubu – companheiro dos diabos
Jaguaruçu – companheiro dos diabos
Caboré – companheiro dos diabos
Décio – imperador romano
Valeriano – imperador romano
São Sebastião – padroeiro do Rio de Janeiro
São Lourenço – padroeiro da aldeia de São Lourenço
Velha
Anjo
Temor de Deus
Amor de Deus
Cativos, Acompanhantes
Doze Meninos

LOCAL

Terreiro da Capela de São Lourenço, sobre o morro de São Lourenço em Niterói.

DATA

10 de Agosto de 1583, ou ano pouco anterior.

PRIMEIRO ATO

(Enquanto se representa o martírio de São Lourenço, cantam:)

Por Jesus, meu salvador,
que por meus pecados morre,
que eu nestas grelhas me torre

ao fogo do seu amor.

Bom Jesus, quando te vejo
nessa cruz, por mim chagado,
somente morrer queimado
por teu amor eu desejo.

Se em teu sangue redentor

de meus pecados lavei-me,
que eu nessas brasas me queime
ao fogo do teu amor.

O fogo do forte amor,
ó meu Deus, com que me amas,
mais me incendeia que as chamais
e as brasas, com seu calor.

Teu amor, por meu amor,
tantos milagres verteu,
que nestas grelhas morra eu
por teu amor, meu Senhor.

SEGUNDO ATO

*(No segundo ato entram três diabos que
querem destruir a aldeia com pecados,
aos quais resistem São Lourenço, São
Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando
a aldeia e prendendo os diabos, cujos
nomes são: Guaixará, que é o rei;
Aimbirê e Saravaia, seus criados.)*

GUAIXARÁ: Já está me fazendo mal
e me irrita a ladainha
dessa gente desigual.
Quem a mandou, afinal,
contra essa terra que é minha?

Eu, só eu,
como guardião desta aldeia,
é quem pode aqui ficar,
ditar leis e governar.
E desta taba ainda irei a
outras que há por visitar.

Igual a mim ninguém há.
Eu é que sou respeitado,
eu, o grande diabo assado,
eu, chamado Guaixará,
por toda parte afamado.

Tenho um sistema excelente.
Que a ele ninguém resista
esperando que eu desista.
Vou agitar toda a gente
de qualquer taba que exista.

Nada melhor que o cauim:
beber até vomitar.

Isso é que se há de apreciar.
Isso é que é bom, isso sim,
isso é que vou receitar.

Por aqui valem somente
moçaracas beberrões.
Só quem toma seus pifões
de cauim é que é valente
e luta sem prostrações.

É bom dançar, empenar-se,
fumar, de negro ou vermelho
tingir cara, perna, joelho,
curandeirar sem disfarce,
dando receita e conselho.

Matar, prender sem critério
tapuias; comer-se; ser
desonesto, espião, viver
em mancebia e adultério:
– isso é o que se há de fazer.

Não se ignora
porque vivo entre índios... Ora,
para afastá-los dos meus
caminhos, que são os seus,
vêm estes “padres”, agora,
apregoando a lei de Deus.

Esse que
aqui está, logo se vê
é o meu tenente, nem mais
nem menos; somos iguais:
é o grande chefe Aimbirê,
pervertedor dos mortais.

*(Senta-se numa cadeira e vem uma
Velha a chorá-lo, e ele ajuda-a, como
fazem os índios, e ela, depois de o
chorar, achando-se enganada, diz:)*

VELHA: Que cheiro mais enjoativo
desse diabo! Se o finado
meu marido – o Peixe Assado –
por acaso fosse vivo,
contava tudo ao coitado...

(Fala com ele:)

VELHA: Cousa ruim! Não beberás
do que eu hoje mastiguei!
Tudo aquilo que ajuntei,

desde alguns dias atrás,
eu, sim, eu só beberei!

(Chama Guaixará a Aimbirê e diz:)

GUAIXARÁ: Eh! Onde está esse diabo?
Dormindo, naturalmente?

AIMBIRÊ: Nada disso! Fui somente
à serra e às tabas. E acabo
de visitar nossa gente.

Folgaram ao receber-me,
como se fossem dos meus,
com danças, bebidas e os seus
enfeites todos; e ao ver-me
zombaram das leis de Deus.

Foi uma festa de doudos
E eu, vendo essa corrupção,
fiquei tranqüilo, pois são
desses tais que os vícios todos
abrigam no coração.

GUAIXARÁ: Muito bem!
Por isso mesmo também
eu muito te prestígio
e em teu apoio confio.
Mas, vem cá! Dizes lá quem
corrompeste entre o gentio?

AIMBIRÊ: Em Maratauã, repara,
meus sermões não foram vãos.
Na ilha todos são irmãos:
tudo o que é paraibiguara
pôs a alma nas minhas mãos.

Perdi alguns, é verdade:
para Magueá foram vários
atrás desses missionários.
Não hão de ter liberdade
os tupis, meus tributários.

Percebi
que aos que ficassem ali
os padres, sem que eu os visse,
trariam sua intrujice.
Mas não vê que permiti!
Ficaram todos no que eu disse.

GUAIXARÁ: Qual o recurso empregado
para retê-los por lá?

AIMBIRÊ: Trouxe ao tapuia um punhado

de velhas de Magueá...
Depois fiquei descansado.

Elas são más de verdade.
Com suas feitiçarias,
dando aos homens fantasias,
negam a Deus sem piedade,
e a mim prestam honrarias.

Para folgar, o tapuia
nem quis vir. Foi bebedeira,
bruxaria a noite inteira,
fazendo banzé-de-cuia
antes de ir para a caldeira

GUAIXARÁ: É bastante.
Como vês, estou radiante
com esse teu relatório.

AIMBIRÊ: E isso é remuneratório:
Mais presas, daqui por diante,
farei com meu falatório.

Sabes? Os tupinambás
de Paraguaçu, coitados,
já do seu Deus afastados,
a todos, bem tempo faz,
que deixamos liquidados.

Tomamos Moçupiroca
Jequei, Guatapitiba,
Niterói, o Paraíba,
Guajajó, Carijó-oca,
Pacucáia, Araçatiba.

Todos, de sangue tamoio,
já no inferno estão ardendo:
menos uns, que, a Deus temendo,
recebem constante apoio
e por aqui vão vivendo.

São temiminós malditos
que odeiam nossos preceitos.

GUAIXARÁ: Vem, pois, torná-los direitos:
na bebedeira peritos,
e na blasfêmia perfeitos;

que sejam ladrões, briguentos,
cometam todo pecado,
e se vão deste povoado.
Vem dar-lhes ensinamento
do que por nós foi firmado.

AIMBIRÊ: Não é fácil, quando penso no seu valente guardião que eu temo.

GUAIXARÁ: Algum valentão?

AIMBIRÊ: O virtuoso São Lourenço que Deus tem à sua mão.

GUAIXARÁ: Qual? O Lourenço que ainda arde

assim como nós ardemos?

AIMBIRÊ: Esse mesmo.

GUAIXARÁ: Ora, veremos! Não sou um Mair covarde! Depressa o afugentaremos...

Se fui eu quem fez torresmo dele que, vivo, frigi.

AIMBIRÊ: Os que eram teus, por aí, de certo, por isso mesmo, ele os libertou de ti.

Seu companheiro também – Bastião – de flechas crivado.

GUAIXARÁ: O que por mim foi flechado? Folga com isso, ainda bem, meu velho orgulho assanhado!

Garanto que os dois, assim que me virem, fugirão.

AIMBIRÊ: Não creio. Vencer-te-ão.

GUAIXARÁ: Amigo, confia em mim! Sei dar medo: eles verão!

Quem houve como eu, que, um dia, ao próprio Deus desafiou?

AIMBIRÊ: Por isso Deus te expulsou, e o inferno, que nunca esfria, para sempre te abraçou.

Há muito tempo, assisti à luta de Guaixará.

Tantas igaras por lá! Ajudaste-as: e eu as vi debandando ao deus-dará...

Bem poucos cristãos havia. Mesmo assim, São Sebastião pôs fogo aos barcos: e então ninguém mais escaparia ao combate e à confusão.

GUAIXARÁ: Os cristãos, seguramente,

cederiam... Mas os tais temiminós são os mais rebeldes a Deus: é gente que o não amará jamais.

A esses maus vai tu prender em nossos laços! Depressa a alma deles tropeça. Fugindo a Deus, hão de crer em nós e em nossa promessa.

AIMBIRÊ: Vou tentar. Cedo, verás, hão de me ser obedientes.

GUAIXARÁ: Espera, que irei à frente. E, quando eu lutar, virás contra os índios, de repente.

AIMBIRÊ: Não te afobes, companheiro! Rastejemos, de emboscada. E, enquanto isso, na calada, nosso espião irá primeiro espionar cada morada.

GUAIXARÁ: Bravo! Aceito. És capaz de dar um jeito, Saravaia, mau espião?

SARAVAIA: Se sou capaz? Como não! Ora! Para isso foi feito Saravaia o folgazão!

Eu, o grande Saravaia! O que é que mandas? O que há?

GUAIXARÁ: Que as casas todas, por lá, vás espionar, de tocaia, e que depois voltes cá.

Eis o que hoje te ofereço: ir prender índios. Que tal?

SARAVAIA: Quando mandam, obedeço. E desde que me conheço foi sempre esse o meu ideal...

Não se é Saravaia à-toa: os que se aliam a mim não hei de trair? Pois sim! Ir-me-ei já, nesta canoa. O meu quinhão é o cauim!

GUAIXARÁ: Eh! Parte depressa! Saia já daqui!

SARAVAIA: Ninguém me freia!

(Fica passeando com Aimbirê e diz:)

GUAIXARÁ: Vamos um pouco até a praia.

Quando voltar Saravaia,
destroçaremos a aldeia.

(Torna Saravaia, e diz:)

AIMBIRÊ: O danado! Veio voando!

GUAIXARÁ: Estranho essa pressa... Então Saravaia, foste, ou não?

SARAVAIA: Fui. Vi índios se preparando para a nossa recepção.

Podes crer:

cauim que era um gosto ver.

Um ao outro desafiava
a esgotar as igaçabas
cheias a mais não poder.

GUAIXARÁ: Estava bem forte?

SARAVAIA: Estava.

De toda parte acorriam
os beberrões de mão cheia
que pervertem esta aldeia;
velhas, velhos, moças que iam
servir o cauim na ceia.

GUAIXARÁ: Isso basta. Vamos bem de manso: do ataque em massa restará cinza e fumaça.

(Vem São Lourenço com dois companheiros e diz:)

AIMBIRÊ: Olha lá! Esse que aí vem parece cheio de ameaça!

Será Lourenço, o queimado?

SARAVAIA: É ele sim. Vem com Bastião.

AIMBIRÊ: E aquele outro, que é então?

SARAVAIA: Talvez seja o Anjo mandado, que desta aldeia é guardião.

AIMBIRÊ: Vão esmagar-me, por certo! Só de olhá-los tenho medo...

GUAIXARÁ: Coragem! Sê forte e esperto! Ataquemo-los de perto, de rijo, e o quanto mais cedo!

Contra as flechas, é seguro,

deitando a gente se ampara.

AIMBIRÊ: Vão açoiar-nos! Repara! Estou com medo, estou duro e tremendo como vara.

(São Lourenço fala a Guaixará:)

SÃO LOURENÇO: Quem és tu?

GUAIXARÁ: Guaixará, o ébrio. Sou o grão boicininga e jaguar, como gente, sei brigar, voador andirá-guaçu, demônio que quer matar.

SÃO LOURENÇO: E esse, então?

AIMBIRÊ: Jibóia e socó, sou o grão índio tamoio Aimbirê. Sou sucuriju, gavião, tamanduá feio, diabão luminoso como quê!

SÃO LOURENÇO: Mas que quereis, que buscais

na terra que me pertence?

GUAIXARÁ: Amando os índios, não pense

alguém que aqui manda mais do que nós, que ninguém vence.

Deles, como cousa nossa, gostamos sinceramente.

SÃO LOURENÇO: Mas quem há aí que vos possa

ter confiado, como vossa propriedade, essa gente?

Deus foi quem

o corpo e uma alma também quis dar a essa gente amiga.

GUAIXARÁ: Deus?... É possível... Porém seus costumes não são bem coisa lá p'ra que se diga...

É gente ruim:

nega a Deus, peca e, por fim, disso tudo ainda se gaba.

AIMBIRÊ: A cuia das velhas, sim, é que é bom, quando o cauim regurgita na igaçaba.

As cabeças da festança amortece-mhe o valor.

Excitada pela dança,
desrespeita ao Criador;
e ganhamos seu amor.

SÃO LOURENÇO: De certo não tem
vontade
de vir rezar quando é hora?
Esquivam-se? Vão-se embora?...

AIMBIRÊ: Tal e qual. Sua piedade
é da boca pra fora.

SARAVAIA: Isso é que é. Lá entre os seus
cada um deles, sem temer,
provoca Deus a valer,
dizendo: "Será que Deus tem olho para
me ver?"

(São Sebastião com Saravaia)

SÃO SEBASTIÃO: Alguma rata nojenta?
Um catigudo gambá?
Será que és a noite má
que as galinhas afugenta
e empobrece o índio? Será?

SARAVAIA: Passei a noite, com fome
dessas almas, de atalaia...

GUAIXARÁ: Cala a boca, Saravaia!

SARAVAIA: Não pronuncies meu nome,
que ele me mata à tocaia.

Esconde-me dele. E eu fico
espionando por ti.

GUAIXARÁ: Dir-lhe-ei que não te vi.
Oculta-te e cala o bico!
Depois sairás daqui.

SARAVAIA: Vou meter-me em qualquer
parte.

Ainda bem que não me viu...

SÃO SEBASTIÃO: Arreda que vou flechar-
te!

Cuidado! Depressa! Parte!

GUAIXARÁ: Está dormindo um pouco...
Psiu!

SÃO SEBASTIÃO: Passou a noite
acordado,

tentando índios por aí fora!

SARAVAIA: (De fato: ele não ignora.)

(Açoita-o Guaixará e diz:)

GUAIXARÁ: Por que não ficas calado?
Olha que ele te devora!

SARAVAIA: Ui! Ai de mim!
Por que me bates assim?
Não há olhos que me vejam...

(Aimbirê com São Sebastião:)

AIMBIRÊ: Retirai-vos já, que eu vim
ver meus súditos enfim,
que há muito eles me desejam.

SÃO SEBASTIÃO: E quem são eles?

AIMBIRÊ: Os velhos da aldeia, aqueles
moços, moças que eu prender,
velhas, homens... Quer dizer:
todos esses cujas peles
tenho sob o meu poder.

Direi os vícios da taba
para que creias em mim.

SÃO SEBASTIÃO: Seja! Ouvirei até o fim.

AIMBIRÊ: Tem sempre cheia a igaçaba
e nunca falta o cauim.

De tão bêbado, não há
quem se fira, brigando.

SÃO SEBASTIÃO: O velho morubixá
repetidamente já
os advertiu censurando.

AIMBIRÊ: Censura os índios? Pois sim!
O próprio festeiro, às claras,
convida a todos assim:
"Morubixás, moçacaras,
vinde todos, vinde a mim!"

Então, toda a rapaziada
aceita o convite, e vem
banquetear-se, e se entretém
a atacar as moças, cada
qual como mais lhe convém.

SÃO SEBASTIÃO: Eis porque é que, a seu
serviço,

tem sempre os aracajás,
submissos, em boa paz.

AIMBIRÊ: Aracajás gostam disso:
vivem como lhes apraz...

SÃO SEBASTIÃO: Uns aos outros,
certamente,

provocam, de vez em quando...

AIMBIRÊ: Não sei... Mas freqüentemente,
para andarem em desmando,
eu é que os vou provocando.

GUAIXARÁ: Espera aí, que te ajudo!
As velhas brigam e mentem;
ódio é apenas o que sentem;
vão maldizendo de tudo;
e as que se calam, consentem...

Vivem pecando as danadas,
vagabundas, tagarelas,
tomando filtros, com que elas
esperam fazer-se amadas
e até tornar-se mais belas.

AIMBIRÊ: E esses rapazes, então,
que vivem importunando
as mulheres, cobiçando
escravas do branco, e vão
covardemente escapando?

GUAIXARÁ: Seria um nunca acabar,
ainda que o sol entrasse!

A taba que é pecar!

AIMBIRÊ: E o que era de se esperar
é que nos amaldiçoasse...

SÃO LOURENÇO: Mas existe a confissão,
o remédio salutar
para a alma enferma curar.
E, depois, a comunhão,
que faz de todo sarar.

Contrito, o índio se prepara;
depois vai se confessar:
"Eu quero ser bom" – declara.
E o padre o abençoa para
a ira divina aplacar.

GUAIXARÁ: É como se não tivessem
pecados, que se confessam!
Suas faltas todas cessam,
seus vícios desaparecem
e... logo mais recomeçam...

AIMBIRÊ: E, já perdoados,
"De todos os seus pecados
eu me arrependo ante a morte" –

dizem esses descarados.

GUAIXARÁ: Não te basta? Aí estão
desfiados
seus ardis de toda sorte.

SÃO LOURENÇO: Odiando-os dessa
maneira.

O que quereis é perdê-los.
Mas junto a mim hei de tê-los,
suplicando a Deus que queira
para sempre defendê-los.

Confiam em mim, primeiro,
construindo esta capela,
curando-se à sombra dela,
tomando-me por padroeiro,
pedindo a minha tutela.

GUAIXARÁ: Confiam por um momento.
Hás de auxiliá-los em vão,
que os terei em minha mão.
Eu vôo como este vento:
e comigo eles voarão.

Aimbirê,
Depressa, vamos! Porque
nos esperam nossos crentes.

AIMBIRÊ: Ranjo as presas como quê...
Eis meus chifres e unhas... Vê?
Meus longos dedos, meus dentes...

ANJO: Não o espereis, pois não penso
deixar essa aldeia à mão.
Aqui estou eu, seu guardião,
ao lado de São Lourenço,
junto de São Sebastião.

Coitados de vós, que o eterno
rancor de Deus provocastes!
Esta aldeia perturbastes:
há de queimar-vos o inferno!
Prendei-os! Que isso lhes baste!

(Os santos prendem os dois diabos.)

GUAIXARÁ: Larga! Basta!

SÃO LOURENÇO: Minha paciência está
gasta.

Provaste querer, de ruim,
à minha igreja pôr fim.
Grita! Lamenta-te! Arrasta
estes grillhões!

AIMBIRÊ: Ai de mim!

(Presos estes dois, fala o Anjo a Saravaia, que ficou escondido, e diz:)

ANJO: De que te escondes? Explica!
Serás morcego sarado?
Serás borboleta, ou cuica?
Eia, gambá tiririca!
Vamos, cururu minguado!

Agüenta,
boa praga fedorenta!
És borá, maritacaca,
bicha má, tamarutaca!

SARAVAIA: Ele me prende e arrebenta!
Não me acordes! Ele ataca!

ANJO: Quem és tu?

SARAVAIA: Sou Saravaia,
inimigo dos franceses.

ANJO: Tens mais títulos que prezes?

SARAVAIA: Sou também tajasugaia
e espião turbulento às vezes.

ANJO: Por isso é que és sujo, e sujas
a alma dos índios. Não temeis!
Borra, porco! Não me intrujas:
vou queimar-te antes que fujas!

SARAVAIA: Isso não! Ai! Não me queimes!

Dou-te em paga, se quiseres,
ovas de peixe, raízes,
farinha puba... Não queres?
É dinheiro o que preferes?

ANJO: Não percebo o que me dizes.

Tens isso tudo escondido...
Não o roubaste de alguém?
Antes de vires, com quem,
onde estiveste metido?
Trazes mais coisas também?

SARAVAIA: Somente essas três. Convenho
que da casa dos cristãos,
onde trabalhei, eu venho
só com o que trago nas mãos.
Nos bolsos nada mais tenho.

Meus compadres devem ter
bem mais do que eu. Quanto a mim,
dando aos índios, por prazer,

pois que queiram beber,
já gastei tudo em cauim.

ANJO: Dá-me o que tens, que ao
roubado

vou restituir o que é seu.

SARAVAIA: Não, que estou embriagado...
(Minha sogra, está provado,
bebe muito mais do que eu)...

Perdoa, irmão, estou doente.
Mas deixa que eu te ofereça
alguns cativos: são presas
de que podes facilmente
arrebentar a cabeça.

Toma os seus nomes, que te hão
de tornar dos mais famosos.

ANJO: Onde os achaste, e quem são?

SARAVAIA: Quando entrei pelo sertão,
fui prendendo os mais maldosos.

ANJO: E seus pais, não te recordas?

SARAVAIA: Talvez filhos de índio. Ao dar
a laçada, pus-me a enfiar
cabeças por longas cordas,
como contas de um colar.

Lacei mulheres aos pares,
lancei entre eles tumulto;
noites a fio, em seus lares
emprestei-os, sempre oculto,
como presas familiares.

(Amarra-o Anjo, e diz:)

ANJO: Em vão desejaste o mal.
Ficarás no eterno fogo
tramando a trama infernal
de misérias de teu jogo.
Tenho-te preso, afinal.

SARAVAIA: Aimbirê!

AIMBIRÊ: Oi!

SARAVAIA: Socorro! Não vês que
este diabo me prendeu?!

AIMBIRÊ: A mim também venceu
Sebastião flechado. Vê!

Meu velho orgulho desceu...

SARAVAIA: Ai! Mas o que há?

Estás dormindo, Guaixará?

Não vens? Não queres vingar-me?

GUAIXARÁ: Não vês que não posso ir lá?

Lourenço queimado já
me prendeu e vai queimar-me...

ANJO: Todos três, eternamente,
hão de arder juntos, não tarda.
Ficou feliz, finalmente,
graças a Deus, esta gente.
E estarei sempre de guarda.

(Faz uma prática aos ouvintes:)

Filhos, enfim
felizes, folgai por mim!
Eis-me aqui para amparar-vos.
Do céu de Deus foi que vim
para ficar até o fim
junto de vós, e ajudar-vos.

Esta taba será cheia
de luz. Para isso aqui estou.
Nunca mais daqui me vou.
De custodiar esta aldeia
Deus do céu me encarregou.

Cada um de vós o Senhor
a um Anjo recomendou.
Deu-vos coragem, valor,
e do inimigo traidor
as vossas almas limpou.

E também
seus servos vos querem bem.
São Lourenço, abençoando
a vossa terra, e esmagando
os demônios, é que vem
a vós todos elevando.

Vede esse São Sebastião,
Que foi soldado e, na guerra,
bate o demônio e o desterra:
e tudo foi destruição.
Nem há mais a sua terra.

Tudo – Parapucú,
Jacutinga, Moroí,
Sariguéia, Guiriri,
Pindoba, Rariguaçu,
Curucá, Miapéi,

Jabebiracica – é nada,
nada mais... Somente um fio
de guerreiros – uma enfiada

de corpos – está deitada
no leito fundo do rio...

Os tais franceses em vão
trouxeram fuzís. Irado,
feriu-os com seu punhado
de flechas São Sebastião,
com São Lourenço a seu lado.

Vossas almas, na verdade,
estes sempre irão amando,
compreendendo, amparando,
incutindo-lhes piedade
e os velhos vícios sanando.

Hão de prender na armadilha
os diabos que vos provoquem,
pois, por vós sempre em vigília,
não deixarão que vos toquem:
sereis de sua família.

Evitai,
de hoje em diante, o mal; limpai
de maus costumes a vida:
– seja adultério, bebida,
mentiras, brigas; lutai
contra a guerra fratricida.

Amai o vosso criador,
a Jesus engrandecei,
de cuja altíssima lei
São Lourenço é defensor:
o guardião de vossa grei.

Foi ele preso, e o seu corpo
santo foi queimado em vida.
Sofreu ele a chama ardida,
para ter, depois de morto,
a alegria prometida.

Fazei-vos amar por ele,
suas leis sempre seguindo,
confiando nele e sentindo
que o mando, que vier daquele
patrono, será bem-vindo.

Confiai,
e ao lado de Deus formai.
É bastante que o leveis
no coração, e sereis
dos que Ele ama como pai:
e aos seus pés repousareis.

(Fala com os santos, convidando-os a cantar, e com isto se despedem)

Cantemos comemorando
este dia de vitória!
Aos demônios subjugando
e desta terra expulsando,
celebremos nossa glória!

(Levam presos os diabos, os quais, na última repetição da cantiga, choram)

CANTIGA

Alegrem-se os nossos filhos
libertos por Deus eterno!
Guaixará vá para o inferno!...
Guaixará vá para o inferno!...
Guaixará, Aimbirê, Saravaia
vão para o inferno...

Alegrem-se renegando
os velhos hábitos seus,
não mais fugindo de Deus
e aos demônios repudiando.
Alegrem-se, a paz gozando,
libertos por Deus eterno!
Guaixará vá para o inferno!...
Guaixará vá para o inferno!...
Guaixará, Aimbirê, Saravaia
vão para o inferno...

TERCEIRO ATO

(Depois de São Lourenço morto nas grelhas, o Anjo fica em guarda, e chama os dois diabos, Aimbirê e Saravaia, que vêm afogar a Décio e Valeriano, que ficam sentados em seus tronos.)

ANJO: Aimbirê,
vem à minha presença! Eh!
Depressa! Corre! Sim, tu!

AIMBIRÊ: Vou já! Vou já! (Urubu!
O que quer de mim? O que
esse pássaro guaçu?)...

ANJO: Presas tuas se declaram
esses dois imperadores
que a São Lourenço mataram.
Pelo mal que praticaram,

queima-os tu com teus ardores!

AIMBIRÊ: Por hoje, se não me enganas,
com esses fico contente.
Irão à força e somente
satisfarei minhas ganas
queimando-os eternamente.

ANJO: Eia! Anda logo a afogá-los!
Que nunca mais vejam essa
luz do sol! Vamos! Começa!
Vai ao teu fogo atirá-los!
Todos contra eles, depressa!

AIMBIRÊ: Vou mandar
cumprir tais ordens, chamar
os meus escravos fiéis.
Vem beber, Saravaia! Eis
que vamos hoje quebrar
a cabeça destes reis!

SARAVAIA: Haverá muito cauim,
heim, meu avô Jaguar Preto?
Vou me embriagar até o fim!
Na verdade, quanto a mim,
já estou pintado de preto...

Será esse um guaitacá,
um termiminó, talvez?
Ou filho de guaianá...
É o melhor pitéu que já
Jacaré-guaçu me fez!

(Vê o Anjo e espanta-se dizendo:)

Olá! Que é isso? Que grande
canindé azul! Parece
arara que resplandece...

AIMBIRÊ: É o Anjo que manda: e mande
o que mandar, obedece!

SARAVAIA: Aqui, capangas, meus
"brabos",
Tataurana, Tamanduá!
Sei que ele me afogará!
Não confio nesses diabos...
Vou sumir daqui, e é já!

AIMBIRÊ: Vem aqui!

SARAVAIA: Estou que é só marigui.
Vão me comer inteirinho!
Tenho medo de ir aí!

Vão comer o que eu comi!
Eu sou tão pequenininho!

AIMBIRÊ: Os índios é que não dão os seus filhos quando a gente os quer matar: isso não!

SARAVAIA: Desconfiam com razão: enganam-se mutuamente.

AIMBIRÊ: Basta! Só porque bebeste viraste valente já?

Tu, moleirão, ambuá!

SARAVAIA: Pois que me prendam! Ai deste coitado! Eu irei... Vá lá!

Quem é que vamos comer?

AIMBIRÊ: Os que assaram São Lourenço.

SARAVAIA: Esses reis nojentos?... Penso em quantos nomes vou ter! Hoje não mais me pertencem!

Muito bem! Sua pacuéra é que vai ser meu quinhão.

AIMBIRÊ: Vou trincar seu coração...

SARAVAIA: E os que não vieram, porque era distante, também virão.

(Chama quatro companheiros, que ajudem.)

Tataurana,
traze a sua muçurana!
Urubu, Jaguaruçu,
trazei a igapema! E tu,
Caboré, com tua gana,
vem comer, assado ou cru!

(Acodem todos quatro com suas armas e dizem:)

TATAURANA: Eis a muçuranuçu!
Como-lhe os braços no almoço;
Jaguaruçu, o pescoço;
sua caveira, Urubu;
Caboré, perna até o osso.

URUBU: Aqui estou.
Aqui estou e já me vou
tripas, bofe e o que sobrar
à velha sogra levar.

A panela já chegou,
para nela eu ver assar.

JAGUARUÇU: Que esta igapema listrada
suas cabeças rebente!
Quero os miolos de presente.
Sou guará, onça pintada,
jaguetê come-gente!

CABORÉ: Há tempos andei matando
os franceses por aqui,
e assim famoso vivi.
Agora, irei devorando
esses chefes junto a ti.

SARAVAIA: Não vos viram... Agachai-vos!
Irei até onde estão,
só, na frente, como espião.
Ataquemos! Apressai-vos,
que eles nos escaparão!

(Vão todos, agachados, para Décio que está praticando com Valeriano.)

DÉCIO: Amigo Valeriano,
cumpru-se o desejo meu:
por mais artes que teceu,
não escapou ao meu plano
o servo do Galileu.

Pois nem Pompeu, nem Catão,
nem César, nem o Africano
e nenhum grego ou troiano
puderam dar conclusão
a feito tão soberano.

VALERIANO: O remate, grão senhor,
desta tão grande façanha
foi mais que vencer a Espanha.
Nunca rei, ou imperador,
conseguiu coisa tamanha.

Mas, senhor, quem é o novel
que ali vejo tão armado,
com espadas e cordel,
e com gente de tropel
de quem vem acompanhado?

DÉCIO: É o nosso grão-deus e amigo
Júpiter, sumo senhor,
que recebeu com louvor
o horripilante castigo

e morte desse traidor.

E quer, a nos galardoar
por penas desse profano,
nosso império acrescentar,
com seu gesto soberano,
pela terra e pelo mar.

VALERIANO: Mas desconfio que vem
esses tormentos vingar,
e a nós outros enforcar...
Oh! Que cara má que tem!
Já começo a me arrepiar...

DÉCIO: Enforcar?
A mim quem pode matar
ou mover meus fundamentos?
Nem toda a fúria dos ventos,
nem a braveza do mar,
nem todos os elementos.

Não temas, que o meu poder,
e que os deuses imortais
me quiseram conceder,
ninguém poderá vencer,
pois não há forças iguais.

Ante o meu cetro imperial
tremem os reis e os tiranos.
Venço a todos os humanos:
quase posso ser igual
aos meus deuses soberanos.

VALERIANO: Oh! Que terrível figura!
Não posso mais agüentar!
Que já me sinto queimar!
Vamo-nos já que é loucura
tal encontro aqui esperar.

Ai! Ai! Que grandes calores!
Nenhum sossego me resta.
Ai! Que tão terríveis dores!
Ai! Que ferventes ardores
deste fogo que me cresta!

Oh! Paixão!
Ai de mim, pois é Plutão
que está vindo do Aqueronte,
ardendo como tição,
a levar-nos de roldão
ao fogo de Flegetonte!

Oh! Coitado,
que sinto que esse queimado
me queima com tal furor!
Oh, mofino imperador!
Todo me vejo cercado
de penas e de pavor,

porque o diabo,
lança içada no seu cabo,
com as fúrias infernais
vem castigar-me ainda mais.
Não me entendo e já me acabo
em angustias tão mortais...

O Décio, cruel tirano!
Tu pagas, e pagará
contigo Valeriano,
pois Lourenço, por seu dano,
assado nos assará.

AIMBIRÊ: Oh! Espanhol? Que é que tem?
Sim, castelhano, parece...
Alegra-me. Muito bem!
Espanhol, ou não, também
já vai ter o que merece.

Também vou ser castelhano
e usar de diplomacia
com Décio e com Valeriano,
porque o espanhol, muito ufano,
sempre guarda cortesia.

O mui alta majestade!
Beijo as mãos e cumprimento
a vossa Grã crueldade,
pois justiça, nem verdade,
guardastes no julgamento.

Sou mandado
por São Lourenço queimado
para hospedar-vos em casa,
onde seja confirmado
vosso imperial estado,
em fogo que sempre abrasa.

Ó que tronos, e que camas
que vos tenho preparadas
em minhas torvas moradas
de vivas e eternas chamas
sem nunca serem apagadas!

VALERIANO: "Xe, akái!..."

AIMBIRÊ: Viestes do Paraguai,
pois falais em carijó?
Falo qualquer língua. E é só.
Saravaia, avança! Vai!
Aqui! Golpeia-o sem dó!

VALERIANO: Tu me matas! Basta! Não!...
Pequei, sim, mas quase nada...

Meu chefe é que é a alma danada...

AIMBIRÊ: Nada disso! És meu quinhão,
minha presa cobiçada!

DÉCIO: Oh, miserável que sou,
que não basta ser tirano
e nem falar castelhano!
Que é do poder que arrogou
esta mão de que me ufano?

AIMBIRÊ: Jesus, grão-Deus soberano,
que tu, traidor, perseguiste,
dar-te-á sorte muito triste,
por minhas mãos, que, a teu dano,
a mim, malvado serviste.

Se me honraste,
e sempre me contentaste
ofendendo a Deus eterno,
mais que justo é que no inferno,
palácio que tanto amaste,
não sintas frio no inverno...

O ódio mais inveterado
que em teu coração desponte
não pode ser abrandado
enquanto não for regado
com água do Flegetonte.

DÉCIO: Vede! Que consolação
para quem se está queimando!
Sumos Deuses, para quando
adiais minha salvação,
que, vivo, me estou queimando?

Ai! Ai! Que mortal desmaio!
Esculápio, não me ouvís?
Júpiter, por que dormís?
Que é do vosso ardente raio?
Oh! Por que não me acudís?

AIMBIRÊ: Que dizeis?
É de pleuris que sofreis?
Tendes o pulso alterado!
É grande mal de costado

este mal de que morreis!
Precisais ser bem sangrado!

Dias há que esta sangria
vos era devida por
vos ver sangrar, noite e dia,
com obstinada porfia
aos mártires do Senhor.

Desejo muito beber
vosso sangue imperial;
mas não me leveis a mal,
que eu, com isso, quero ser
homem de sangue real

DÉCIO: Vede só que disparate,
que engraçado desvario!
Lançai-me dentro de um rio,
antes que o fogo me mate,
ó deuses em que confio!

Não quereis
socorrer-me, ou não podeis?
Ó malditos, fermentados,
maus e mal reconhecidos
de tão pouco vos condoeis
de quem fostes tão servidos!

Se pudesse voar com o vento
iria vos derribar
dos tronos do firmamento,
e ser-me-ia novo alento
nas fornalhas vos lançar.

AIMBIRÊ: Parece-me enfim chegado
o momento em que vos quis
ferir com ardor dobrado,
o qual será mal curado
pelos deuses que servis.

São vaidosos
dos fidalgos valorosos
que têm língua e não têm mão,
e por isso, mui pimpão,
hoje quereis ter por vosso
ao idioma castelhano.

SARAVAIA: Sim, talvez.
Pensava dar de revés
horripilantes pontações,
mas enfim nossos balaços
deitaram-no a nossos pés
com bem poucos canhoneços.

Ai! Mas quantas bofetadas
tenho logo que lhe dar!
Coitados! Sem descansar,
a poder de tiçoadas,
como cães hão de ladrar.

VALERIANO: Que ferida!
Arranca-me logo a vida,
pois minha alta condição
contra a justiça e a razão
veio a ser tão abatida
que morro como ladrão!

SARAVAIA: Não é outro o galardão
que reservo aos meus criados,
senão morrer enforcados,
e depois, sem remissão,
ao fogo ser condenados.

DÉCIO: É minha pena dobrada
que me causa maior dor:
eu, universal senhor,
morrer morte desonrada
na força, como traidor.

Se ao menos fosse lutando,
fendendo Morrões e arneses,
pernas e braços cortando,
como fiz com os franceses,
acabava triunfando.

AIMBIRÊ: Parece que estai lembrando,
poderoso imperador,
quando com bravo furor,
matastes, traição armando,
Felipe, vosso senhor.

Por certo que me alegrais
e se cumprem meus anseios
com coisas que imaginais:
é o fogo em que vos queimais
que causa tais devaneios.

DÉCIO: Bem compreendo
que este fogo em que me acendo
paga a minha tirania,
pois com tão cruel porfia
aos cristãos ia prendendo
e com fogo os destruía.

Mas que em minha monarquia
acabe eu com tal pregão
morrendo como ladrão,

é terrível agonia
e dobrada confusão.

AIMBIRÊ: Como? Pedis confissão?!
Sem asas quereis voar...
dos vossos crimes sem par
ide o almejado perdão
à deusa Palas rogar...

Ou senão,
a Nero, cruel carniceiro
do fiel povo cristão.
Ou a Valeriano, então,
vosso leal companheiro.
Pedi-lhe: estendei-lhe a mão!

DÉCIO: Essas amargas facécias
e baldões
aumentam minhas paixões,
minhas dores,
com os mais cruéis ardores
dos mais ardentes tições.

E com isso crescem mais
estes fogos que padeço.
Acaba – que me ofereço
às tuas mãos, Satanás –
o tormento que mereço!

AIMBIRÊ: Oh! Quanto vos agradeço
a vossa boa vontade!
E é com liberalidade
que eu um remédio ofereço
para a vossa enfermidade:

é na cova,
onde o fogo se renova
com ardores perenais,
e onde o vossos crimes mais
sofrerão a eterna prova
das angústias imortais.

DÉCIO: O que fazes, Valeriano,
bom amigo?
Testemunhas meu castigo
que incendeia,
atado com a cadeia
de fogo sem fim, comigo.

VALERIANO: Maldita hora! E já são
horas...
Vamos logo

QUARTO ATO

deste fogo ao outro fogo
eternal
e cuja chama imortal
nunca há de cessar seu jogo.

AIMBIRÊ: Sus! Asinha!
Todos à nossa cozinha,
Saravaia!

SARAVAIA: Aqui estou e desta laia
não me afasto.
Das brasas vão ser bom pasto,
que delas não há quem saia.

DÉCIO: Vou arder todo, bem sei!
Vem, Lourenço assado, assar-me!
Embora seja eu um rei,
por teu servo eu arderei,
Ó Deus! Vem, pois, abrasar-me!

AIMBIRÊ: Eu te digo:
Mataste, injusto castigo,
a São Lourenço; e, dest'arte,
vim só para castigar-te.
Tens em mim um inimigo,
e meu fogo há de queimar-te.

*(Afogam-nos e entregam-nos aos quatro
beleguins, e cada dois levam o seu.)*

Vinde aqui
e os malditos conduzi
para no fogo se assarem,
ensoparem, cozinharem,
abrasarem, inflamarem,
sapecarem, chamuscarem...

*(Ficam ambos no terreiro, com as
coroas dos imperadores.)*

SARAVAIA: Eis que sou o vencedor
de pecadores reais.
Sou grande chefe e senhor.
Serei conhecido por
"Cururupeba"! E ainda mais:

como tal,
aos que pecam farei mal
e ao meu fogo atirarei.
Homens, velhas, moças hei
de escravizar e, afinal,
a todos devorarei.

*(Tendo o corpo de São Lourenço
amortalhado e posto na tumba, entra o
Anjo, com o Temor e Amor de Deus, a
despedir a obra, e no cabo
acompanharem o santo para a
sepultura.)*

ANJO: Vendo nosso Deus benigno
vossa grande devoção
que tendes, e com razão,
a Lourenço, mártir digno
de toda veneração,

determina, por seus rogos
e martírio singular,
a todos sempre ajudar,
para que esca`peis dos fogos
em que os maus se hão de queimar.

Dois fogos trazia n'alma
com que as brasas resfriou,
e no fogo em que se assou,
com essa gloriosa palma,
dos tiranos triunfou.

Um fogo foi o Temor
do bravo fogo infernal,
e, como servo leal,
por honrar a seu senhor,
fugiu da culpa mortal.

Outro foi o Amor fervente
de Jesus, que tanto amava,
que muito mais se abrasava
com esse fervor ardente
que com o fogo, em que se assava.

Estes o fizeram forte.
Com estes purificado
com o ouro refinado,
padeceu tão crumorte
por lesu, seu doce amado.

Estes vos manda o Senhor
a ganhar vossa frieza,
para que vossa alma acesa
de seu fogo gastador,
fique cheia de pureza.

Deixai-vos deles queimar

como o mártir São Lourenço
e sereis um vivo incenso
que sempre haveis de cheirar
na corte de Deus imenso.

(Temor de Deus com seu recado:)

TEMOR DE DEUS: "Pecador,
degustas, com tal sabor,
o pecado,
e não te vês afogado
com teu mal!
Tua ferida mortal
não sentes, desventurado?"

Será o inferno,
com seu fogo sempiterno,
tua sorte,
se não seguires o norte
dessa cruz
sobre a qual morreu Jesus
dando morte à tua morte.

Deus te envia esta mensagem
com amor.
A mim, que sou seu Temor,
me convém
declarar o que contém,
pois temerás ao Senhor.

(Glosa e declaração do recado:)

Surpreso estou por te ver,
pecador, tão descuidoso,
e tanto mal cometer.
Como vives sem temer
aquele fogo espantoso?

Fogo que nunca descansa,
e sempre causando dor,
e com seu bravo furor
tirando toda esperança
ao maldito pecador.

Pecador, como te entregas
a tantos vícios, sem freio:
as culpas, de que estás cheio,
engolindo tão às cegas
seu veneno, sem receio?

Veneno de maldição
sorves sem nenhum temor;

e, sem sentir tua dor,
a carnal deleitação
degustas, com tal sabor.

Sabor parece o pecado,
muito mais doce que o mel,
porém o inferno cruel
depois dar-te-á um bocado
bem mais amargo que o fel.

Fel beberás, sem medida,
pecador desatinado,
com a alma em fogo incendiada.
Esta há de ser a saída
do deleite do pecado.

O pecado, que tua amas,
Lourenço tanto evitou
que mil penas suportou
e, devorado por chamas,
por não pecar, expirou.

A morte não receou.
Tu não temes o pecado
no qual te tem asfixiado
Lúcifer, que te afogou,
e não te vês afogado!

Afogado por um plano
do diabo, foi que desceu
Décio, com Valeriano,
infiel, cruel tirano,
ao fogo que mereceu.

Tua fé mereceu vida,
mas, com pecado mortal,
já quase que a tens perdida,
a teu Deus, já sem medida,
ofendido com teu mal.

Com teu mal, com teus pecados
tua alma de Deus se alheia,
e numa infernal cadeia
pagará, junto aos danados,
a pena que não receia.

Pena sem fim há de dar-te
no eterno fogo infernal
o teu deleite sensual.
E há de mais atormentar-te
tua ferida mortal.

Mortal é a sua ferida.
Pecador, por que não choras?
Não vês que, com tais demoras,
mais se torna corrompida
e cada dia a pioras?

Pioras e te definhas;
mas teu perigoso estado,
a pressa e grande cuidado
com que ao inferno caminhas,
não sentes, desventurado?

Ó descuido intolerável
de tua vida,
com tua alma derretida
pelo lodo,
ris de tudo, como um doudo,
e não sentes a caída!

Ó traidor,
que negas teu Criador,
Deus eterno,
que se faz menino terno
por salvar-te,
e tu queres condenar-te,
e não receias o inferno!

Ó insensível,
não sentes aquele horrível
espanto, que causará
o teu juiz, que surgirá
com sua carranca horrível,
e a morte é o que te dará,

e a tua alma, então, será
sepultada num inferno
onde morte não terá,
mas viva se queimará
com seu fogo sempiterno?

Ó perdido,
que ali será corroído
sem nunca se carcomer.
Ali vida sem viver.
Ali choro sem gemido.
Ali morte sem morrer.

Será pranto teu sorrir,
teu comer, fome mui forte,
teu beber, sede de morte,
teu sono, nunca dormir:
isso tudo é a tua sorte.

Ó mofino,
que só verás, por destino,
ao horrível Lucifer*,
sem nunca chegar a ver
aquele aspecto divino
que te deu todo o teu ser,

acaba, pois, por temer
a Deus – e isso só te importe –
que te espera em sua corte
pois d'Ele não hás de ser
se não seguires o norte.

Homem louco!
Se o seu coração já toco,
muda as tuas alegrias
em tristezas e agonias.
Vê como te falta pouco
para ver murchar teus dias!

Não peques mais, infiel
contra o que só vida e luz
te deu, com morte cruel,
bebendo vinagre e fel
no madeiro dessa cruz.

Ó malvado!
Se Ele foi crucificado,
sendo Deus, por te salvar,
que mais podes esperar,
se és o único culpado
e não cessas de pecar?

Tu O defendes e Ele te ama.
Cegou para dar-te luz:
a ti que pisas a cruz,
aquela tão dura cama
sobre a qual morreu Jesus.

Interrogo:
por que não comesças logo
a chorar por teu pecado
e tomar por advogado
a Lourenço que, no fogo,
por Jesus morreu queimado?

Teme a Deus, que é juiz tremendo,
nesta hora final, de sorte
que por Jesus vás vivendo,

* Pronúncia do original: oxítone em toda a obra de Anchieta.

pois Ele acabou morrendo,
dando morte à tua morte.

(Amor de Deus com seu recado:)

AMOR DE DEUS: "Ama a Deus, que te
criou,

homem, de Deus muito amado!
Ama com todo o cuidado,
a quem primeiro te amou.

Seu próprio Filho cedeu
à morte, por te salvar.
Que mais te podia dar,
pois quanto teve te deu?"

A mandado do Senhor,
disse eu o que tens ouvido.
Presta, pois muito sentido:
eu, que sou o seu Amor,
devo ser bem entendido.

(Glosa e declaração do recado:)

Todas as cousas criadas
conhecem seu criador.
E todas lhe têm amor
pois são por Ele guardadas,
cada qual com seu valor.

Se com tanta perfeição
o seu saber te formou,
homem capaz de razão,
de todo teu coração
ama a Deus que te criou!

E se amas a criatura
por te parecer formosa,
aquela visão graciosa
dessa mesma formosura
ama sobre toda cousa

Dessa divina lindeza
deves estar namorado.
Que tua alma seja presa
daquela suma beleza,
homem, de Deus muito amado!

Aborrece todo mal,
com desgosto e com desdém.
E, por seres racional,
une-te a Deus imortal,

só, supremo e todo o bem.

Este abismo de fartura,
em tempo algum esgotado,
esta fonte viva e pura,
este rio de doçura –
ama com todo cuidado.

Antes que criasse nada,
pela excelsa majestade
já uma vida te foi dada
e foi tua alma abrasada
numa eterna caridade.

Por fazer-te todo seu,
com amor te cativou;
e se Ele tudo te deu,
dá todo esse amor, que é o teu,
a quem primeiro te amou.

Deu-te Deus alma imortal
digna d'Ele e, pois, sem preço
para que ficasse preso
àquele bem eternal
que é sem fim e sem começo.

Quando na morte caíste,
outra vez vida te deu,
e porque não conseguiste
salvação, a quem serviste
seu próprio Filho cedeu.

Entregou-O como escravo,
e quis que fosse vendido,
para que tu, redimido
do leão poderoso e bravo,
lhe fosse reconhecido.

Para que não morras, morre
com amor mui singular.
Ah! Quanto deves amar
a esse Deus, que assim recorre
à morte por te salvar!

O Filho, que o Pai produz,
seu Pai por teu pai te lega,
e te infunde a sua luz,
e quando morre na cruz,
sua Mãe por mãe te entrega.

Deu-te fé com esperança,
e a si mesmo por manjar,

para em si te transformar
numa bem-aventurança:
que mais te podia dar?

Em paga de tudo – presta
atenção, ó pecador! –
pede apenas teu amor.
Tens que dar quanto te resta
por ganhar um tal Senhor.

Dá-lhe tudo pelos bens
que ao morrer te concedeu.
Tu és d'Ele, não és teu.
Dá-lhe tudo quanto tens,
pois quando teve te deu.

DESPEDIDA

Erguei, meus irmãos, para o céu vosso
olhar.

Reinando com Deus a Lourenço vereis,
rogando por vós ao Senhor Rei dos Reis,
por vós que na terra o quereis festejar.

Mostrai, de hoje em diante, a maior
devoção;
que Deus seja sempre temido e amado,
e mártir tão santo por todos honrado.
Tereis seus favores e consolação.

Já que celebrais com tal compunção
seu claro martírio, aceitai meu conselho:
sua vida e virtudes tomai por espelho
invocando-o sempre com mística unção.

Por seu intermédio tereis o perdão
e sobre o inimigo perfeita vitória,
e depois da morte vereis toda a glória
da face divina, com clara visão.

Laus Deo

QUINTO ATO

*(Dança, que se faz na procissão de São
Lourenço, de doze meninos.)*

1º) Aqui estamos, jubilosos,
por esta celebração.
Que, por tua intervenção,
Deus, tornando-nos ditosos,
fique em nosso coração.

2º) Em ti confiamos, contigo,
São Lourenço, ficaremos.
Guarda a terra em que nascemos
contra qualquer inimigo.

Repudiamos todo vício,
renegamos aos pajés,
às danças, aos bate-pés,
aos curandeiros do ofício.

3º) A fé, que foi tua luz,
não deixou teu coração.
Iremos, por tua mão,
a nosso pai, que é Jesus.

Que ele todo o mal antigo
apague das almas nossas;
e tu, encantando-as, possas
trazer a Jesus contigo.

4º) Repleto do amor de Deus
foi outrora o teu amor.
Suplica a nosso favor!
Amando o Pai, somos seus,
que Ele é o nosso Criador.

5º) De Nosso Senhor o mando
cumpriste com lealdade.
Vem, que estamos celebrando
este teu dia, imitando
tua pura santidade.

6º) Com ela curaste as gentes
abençoando o teu povo.
Vês? Teus filhos estão doentes,
presos ao mal, inconscientes...
Ah! Vem curá-los de novo!

7º) Confessando-te ao Senhor,
suportaste a tua morte;
vem a nós, torna mais forte
cada qual, para que a dor,
por amor de Deus, suporte.

8º) Têm grande medo de ti
os demônios, que te evitam.
Expulsa os que aqui habitam,
que eles, soltos por aí,
nossas almas debilitam.

9º) Na labareda vermelha
grandes hereges te assaram.

Teu corpo todo sarjaram
sobre os ferros de uma grelha.

Choremos pela alegria
de a Deus Padre contemplar.
E venha Ele, nesse dia,
nossas almas inflamar.

10º) Tremem por te haver matado
os infiéis. Por seu castigo,
vem tu levar-nos contigo,
para que sempre a teu lado
assustemos o inimigo.

11º) Quem te matou ora jaz
a arder no fogo infernal.
Tu, na glória celestial,
por todo o sempre estarás.

Se amaste, amemos aqui
a Deus, que nossa alma encerra.
Tenhamos em sua terra

vida longa junto a ti.

12º) Às tuas mãos entregamos
nossas almas, nosso bem,
confiando como confiamos.

Ama-nos tu, que te amamos,
por toda esta vida. Amém!

Obs.: Segundo o tradutor e adaptador à linguagem teatral mais atual, Guilherme de Almeida, que se baseou na obra de Maria de Lourdes de Paula Martins, na Festa de São Lurenço, de José de Anchieta, o texto é trilingüe contendo 1.493 versos, dos quais cerca de 70% em tupi, 26% em castelhano e 4% em português. O texto em tupi foi traduzido por Maria de Lourdes em 1948. O trabalho de Guilherme de Almeida ocorreu em 1952.

FIM

GUERRAS DO ALECRIM E DA MANJERONA

Antônio José, o Judeu

(comédia em duas partes)

PERSONAGENS

Dom Gilvaz

Dom Fuas

Dom Tibúrcio

Dom Lancerote – Velho

Dona Clóris – Sobrinha de Dom Lancerote.

Dona Nize – Sobrinha de Dom Lancerote.

Sevadilha – graciosa criada.

Fagundes – velha criada.

Semicúpio – gracioso criado de Dom Gilvaz

CENAS DA PARTE I

I. Prado, com casario no fim.

II. Câmara.

III. Praça.

IV. Gabinete.

CENAS DA PARTE II

I. Praça.

II. Sala.

III. Câmara.

IV. Praça.

V. Câmara.

VI. Jardim.

VII. Sala.

PRIMEIRA PARTE

CENA I

(Prado com casario no fim. Entram Dona Clóris, Dona Nize e Sevadilha, com os rostos cobertos; e Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicúpio, seguindo-as.)

DOM GILVAZ: Diana destes bosques,
cessem os acelerados desvios desse
rigor, pois quando remora me
suspendeis, sois imã, que me traís.

(Para D. Clóris).

DOM FUAS: Flora destes prados,
suspendei a fadigada porfia de
vosso desdém, que essa discorde

fuga com que me desenganais, é harmoniosa atração de meus carinhos, pois nos passos desses retiros forma compasso o meu amor.

(Para D. Nize.)

SEMICÚPIO: E tu, que vens atrás, serás o seringa destas brenhas, e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atrás, pois apesar dos esguichos de teu rigor, hei de ser conglutinado rabo-leva das tuas costas.

(Para Sevadilha.)

DONA CLÓRIS: Cavalheiro, se é que o sois, peço-vos, me não sigais, que mal sabeis o perigo a que me expõe a vossa porfia.

(Para D. Gilvaz.)

DOM GILVAZ: Galhardo impossível, em cujas nubladas esferas ardem oculto dois sóis, e se abraça patente um coração, permiti, que esta vez seja fineza a desobediência, porque seria agravo de vossos reflexos negar-lhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor; porque assim, formosa Ninfa, ou hei ver-vos, ou seguir-vos, porque conheça, já que não o sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

DONA CLÓRIS (à parte): Que será de mim, se este homem me seguir?

DONA NIZE: Já parece teima essa porfia: vede, senhor, que se me seguis, que impossibilitais o meio para ver-me outra vez.

DOM FUAS: Para que são, belíssimo encanto, esses avaros melindres do repúdio? Se já comecei a querer-vos, como posso deixar de seguir-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno girassol de vossas luzes.

SEVADILHA: Ora basta já de porfia, senão vou revirando.

(Para Semicúpio.)

SEMICÚPIO: Tem mão, Sargeta encantadora, que com embiocadas denguices, feita papão das almas, encobres olho e meio, para notares gente de meio olho; são escusados

esses esconderelos, pois pela unha desse melindre conheço o leão desta cara.

DONA CLÓRIS: Isso já parece teima.

DOM GILVAZ: Isto é querer-vos.

DONA NIZE: Isso é porfia.

DOM FUAS: É adorar-vos.

SEVADILHA: Isto é empurração.

SEMICÚPIO: Agora, isto é bichancrear, pouco mais ou menos.

DOM GILVAZ: Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grosseria não obedecer, entendei que a nossa curiosidade e amor não permitirá que vos ausenteis sem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dando-nos também o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

DOM FUAS: Eis aí, senhora, o que queremos.

SEVADILHA: Em termos, sem tirar nem pôr.

DONA CLÓRIS: Pois, senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruíis o mesmo que edificais.

DOM GILVAZ: E admitireis a minha fineza?

DONA CLÓRIS: Sendo verdadeira, por que não?

DOM FUAS: Admitireis os repetidos sacrifícios de meu amor?

DONA NIZE: Sim, se for amor constante.

DOM GILVAZ e DOM FUAS: Quem essa dita me abona?

DONA NIZE: Esse ramo de Manjerona.

DOM FUAS: Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféu da Primavera.

DOM GILVAZ: Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

DONA CLÓRIS: Este ramo de Alecrim, que tem as raízes no meu coração, seja o fiador que me abone.

DOM GILVAZ: Por único na minha estimação será este Alecrim o Fênix das plantas, que abrasando-se nos incêndios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

SEMICÚPIO: Isso é bom, segurar o barco;

mas a tácita hipoteca não me cheira muito, digam o que quiserem os jardineiros.

DONA CLÓRIS: Cada uma de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais fácil será perder a vida, do que elas perderem o crédito de verdadeiras.

SEMICÚPIO: Ai! Basta, basta, já aqui não está quem falou: vossas mercês perdoem, que eu não sabia que eram do rancho do Alecrim e da Manjerona: resta-me também que tu, cozinheirinha, vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois também me quero segurar.

SEVADILHA: Eis, aí tem esse malmequer, que este é o meu rancho, estime-o bem, não o deixe murchar.

SEMICÚPIO: Ditoso seria eu, se o teu malmequer se murchasse.

DONA CLÓRIS: Pois, senhor, como estais satisfeito, desejarei estimásseis esse ramo não tanto como prenda minha, mas por ser de Alecrim.

DONA NIZE: O mesmo vos recomendo da Manjerona.

DONA CLÓRIS: Advertindo que aquele que mais extremos fizer a nosso respeito, coroar-se de triunfos a Manjerona, ou Alecrim, para que se veja qual destas duas plantas têm mais poderosos influxos para vencer impossíveis.

DONA NIZE: Desejara que triunfasse a Manjerona.

(Vai-se.)

DONA CLÓRIS: E eu o Alecrim.

(Vai-se.)

SEVADILHA: Cuidado no malmequer.

(Vai-se.)

SEMICÚPIO: Cuidado no bem-me-quer.

DOM GILVAZ: Ó Semicúpio, vai seguindo-as para sabermos aonde moram, anda, não as perca de vista.

SEMICÚPIO: Elas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para essas caçadas.

(Vai-se.)

DOM FUAS: Quem serão, amigo D. Gilvaz,

essas duas mulheres?

DOM GILVAZ: Essa pergunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado com que vendaram o rosto para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e asseio, indicam ser gente abastada.

DOM FUAS: Oxalá que assim fora; porque em tal caso, admitindo os meus carinhos, poderei com a fortuna de esposo ser meeiro no cabedal.

DOM GILVAZ: Ai, amigo D. Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cair morto?

DOM FUAS: Elas foram aturdidas com palanfrórios.

DOM GILVAZ: Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

(Entra Semicúpio.)

SEMICÚPIO: Já fica assinalada na carta de marear toda a Costa de Leste a Oeste, com seus cachopos, e baixios.

DOM GILVAZ: Aonde moram?

SEMICÚPIO: São as nossas vizinhas, sobrinhas de D. Lancerote, aquele mineiro velho, que veio das minas o ano passado.

DOM FUAS: Basta que são essas! Por isso elas cobriram o rosto.

SEMICÚPIO: Isso têm elas, que não são descaradas; antes são tão sisudas, que nunca encaram para ninguém.

DOM GILVAZ: Uma delas sei eu, que se chama D. Clóris.

SEMICÚPIO: E a outra D. Nize, isso sabia eu há muito tempo.

DOM FUAS: E como saberei eu, qual delas é a da Manjerona?

SEMICÚPIO: Isso é fácil, em se sabendo qual é a do Alecrim, logo se sabe qual é a da Manjerona.

DOM FUAS: Grande sutileza! Vamos D. Gil.

SEMICÚPIO: Já que se vão, advertam de caminho, que segundo as notícias, que tenho, bem podem desistir da empresa; porque o velho é tão cioso das sobrinhas como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas de bronze; as janelas de

encerado; as frestas são óculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem, as trapeiras são zimbórios tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discípulas, porque ainda não sabem abrir; mas só um bem há, e é, que tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro. Com que, senhores meus, outro ofício, contentem-se com cheirar a sua Manjerona e o seu Alecrim; que amor que entra pelo nariz, não é bem que chegue ao coração.

DOM GILVAZ: Semicúpio, não temo impossíveis, tendo da minha parte a tua indústria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

SEMICÚPIO: Ah, senhor D. Gilvaz, o meu Ariete já se acha mui cansado com tanto vaivém, pois nem todo o artifício de minhas máquinas pode abrir brechas nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se dificulta aos meus merecimentos.

DOM GILVAZ: Semicúpio amigo, tem ânimo, que se montamos a burra de D. Lancerote, saltaremos de contentes.

SEMICÚPIO: Tal é a minha desgraça e a sua miséria, que ainda com essa burra me dá dois coices.

DOM GILVAZ: D. Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

DOM FUAS: Dom Gil, vamos a forro, e a partido pois que Semicúpio é tão destro na matéria.

DOM GILVAZ: Por ora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau, que vós também navegareis no mar de Cupido.

DOM FUAS: Isso não merece a nossa amizade.

DOM GILVAZ: Se vós sois do rancho da Manjerona, já me podeis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como

nas guerras destas plantas havemos os dois ser contrários, mal poderei socorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, D. Fuas, e viva o Alecrim.

(Vai-se.)

SEMICÚPIO: E viva o malmequer.

(Vai-se.)

DOM FUAS: Viverá a Manjerona apesar do mais intenso ardor de opostos Planetas.

(Entra Fagundes com manto e capelo)

FAGUNDES: E bom sumiço! Aonde estarão estas meninas, que há mais de quatro horas que foram à missa, e ainda não há fumo delas? Meu senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

DOM FUAS: Que sinais tinham?

FAGUNDES: Tinha uma delas uns sinais pretos no rosto e a outra uns sinais de bexigas.

DOM FUAS: E que mais?

FAGUNDES: Uma delas tem os olhos verdes, cor de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; uma tem cova na barba, e a outra barba na cova, uma tem espinhela caída, e a outra leicenço num braço.

DOM FUAS: Com esses sinais, nunca vi mulher nessa vida.

FAGUNDES: Meu senhor, uma delas trazia um ramo de Alecrim no peito, e a outra de Manjerona.

DOM FUAS: Vi muito bem, que são as sobrinhas de D. Lancerote.

FAGUNDES: Essas mesmas são: ora diga-me, aonde as viu?

DOM FUAS: Promete vossa mercê fazer-me quanto lhe eu pedir?

FAGUNDES: Ai, que coisa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

DOM FUAS: Pois descanse, que elas aqui estiveram, e agora foram para casa.

FAGUNDES: Ai, boas novas tenha.

DOM FUAS: Ora, pois, em alvissaras desta boa nova quero me diga como se

chama...

FAGUNDES: Eu? Ambrósia Fagundes, para servir a vossa mercê.

DOM FUAS: Diga, como se chama a que trazia a Manjerona no peito?

FAGUNDES: Chama-se D. Nize.

DOM FUAS: Pois, Senhora Ambrósia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a D. Nize, que em prêmio do meu extremo me franqueou este ramo de Manjerona.

FAGUNDES: Verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

DOM FUAS: E como me dizem os impossíveis, que há de a poder comunicar, quisera dever-lhe a galantaria de ser minha protetora nesta amorosa pretensão; e fie de mim, que o prêmio há de ser igual ao meu desejo.

FAGUNDES: Meu senhor, difícil empresa toma vossa mercê; porque além da excessiva cautela do tio, que nisto não se fala, uma delas está para casar com um primo, que hoje se espera de fora da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu senhor, desengane-se, que ali não há que arranhar.

DOM FUAS: E qual delas é a que casa?

FAGUNDES: Ainda não se sabe; porque o noivo vem à escolha daquela que lhe mais agradar.

DOM FUAS: Como o vencer impossíveis é próprio de um verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empresa, saia o que sair; que a diligência é mãe de boa ventura: favoreça-me vossa mercê, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido: tenho dinheiro e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da Manjerona.

FAGUNDES: Pois por mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmancha-prazeres; esta noite o espero debaixo da janela da cozinha; sabe a onde é?

DOM FUAS: Bem sei.

FAGUNDES: Pois espere-me aí, que eu lhe direi o que há na matéria.

DOM FUAS: Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

FAGUNDES: Ai! Levanta-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados e um tanto fétidos; descanse, senhor, que D. Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio, e das carícias do noivo.

DOM FUAS: Se tal consigo, não tenho mais que desejar.

(Canta Dom Fuas a seguinte área:)

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Você me verá.

Porém se um favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá.
(Vai-se.)

FAGUNDES: Estes homens, tanto que são amantes, logo são músicos; e eu neste entendo terei boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da Manjerona, e do Alecrim.

CENA II

(Câmara. Entram Dona Nize, Dona Clóris e Sevadilha.)

SEVADILHA: Ai, senhora, que ainda não creio que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o senhor velho!

DONA CLÓRIS: Em boa nos metemos!

DONA NIZE: Nunca tal nos sucedeu, que te parece, D. Clóris, a porfia daqueles homens em nos querer conhecer?

SEVADILHA: Sim, senhora, como se nós fossemos suas conhecidas.

DONA CLÓRIS: É a facilidade com que se namoram logo estes homens, é o que mais me admira!

SEVADILHA: Pois o maldito do criado, que

tanto se meteu comigo, como
piolho por costura!

DONA CLÓRIS: Que te veio dizendo?

SEVADILHA: Mil despropósitos misturados
com várias finezas esfarrapadas.

*(Entra Fagundes com o manto apanhado
no braço.)*

FAGUNDES: Ainda esses Alecrins, e
Manjeronas, hão de dar nos narizes
a muita gente.

DONA NIZE: Que diz, Fagundes?

FAGUNDES: Digo que bem escusados
eram estes sustos: ora, digam-me,
senhoras, se seu tio viesse, e as não
achasse em casa, que seria de
mim?

DONA CLÓRIS: Não falemos nisso, que
ainda estou a tremer.

FAGUNDES: Apostemos, que isso foram
conselhos dessa senhora, que aqui
está?

SEVADILHA: Apelo eu, que testemunho!
Olhe o diabo da mulher, parece,
que me tem tomado a sua conta!

FAGUNDES: Coitada, como se
desconjura!

SEVADILHA: Ainda por amor dela me hei
de ir desta casa.

(Entra Dom Lancerote.)

DOM LANCEROTE: Fagundes, depressa vá
deitar mais um ovo nos espinafres,
que aí vem meu sobrinho D.
Tibúrcio, já que sou tão desgraçado
que por mais meia hora não chega
depois de jantar.

FAGUNDES: Eu vou, meu senhor, mas
cuido que o noivo a estas horas
comerá novilho.

DOM LANCEROTE: Agora, minhas
sobrinhas, é chegado o vosso
esposo; não tenho que
encomendar-vos o modo com que
haveis de tratar.

DONA CLÓRIS *(à parte):* Já vem tarde.

DONA NIZE *(à parte):* Veremos a cara a
este noivo.

SEVADILHA *(à parte):* Pois dizem que é
um galante lapuz.

*(Entra Dom Tibúrcio com botas, vestido
ridiculamente.)*

DOM LANCEROTE: Amado sobrinho, dá-
me os braços. É possível que veja a

um filho de meu irmão!

DOM TIBÚRCIO: Sim, senhor, mas primeiro
mande vossa mercê ter cuidado
naquelas chouriças que vem no
alforje, não as dizime o arrieiro, que
tem em cada mão cinco
aguirrapantes.

DOM LANCEROTE: Isso me parece bem,
seres poupado; eu vou a isso.

(Vai-se.)

DONA CLÓRIS: Que te parece, Nize, a
discrição do noivo?

DONA NIZE: Muito bom princípio leva.

SEVADILHA *(à parte):* Parece que o seu
gênio mais se casa com o alforje.

DOM TIBÚRCIO *(à parte):* As primas não
são más; porém a moça me toa
mais.

(Entra D. Lancerote.)

DOM LANCEROTE: Sossegai, sobrinho, que
já tudo está arrecadado.

DOM TIBÚRCIO: Agora sim, amado tio
meu, por cujos humanos aquedutos
circula em nacarados licores o
sangue de meu progenitor, permiti,
que os meus sequiosos lábios
calculem esses pés, dedo por
dedo.

DOM LANCEROTE: Levantai-vos, sois
discreto, meu sobrinho, pois vosso
pai era um pedaço d'asno, Deus lhe
perdoe.

DOM TIBÚRCIO: Não está mais na minha
mão; em abrindo a boca me
chovem os conceitos aos
borbotões.

DOM LANCEROTE: Falai a vossas primas, e
minhas sobrinhas, D. Nize e D. Clóris.

DOM TIBÚRCIO: Eu vou a isso.

SONETO

Primas, que na guitarra da constância
Tão iguais retinis no contraponto,
Que não há contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto dissonância;

Oh, falsas não sejais nesta jactância;
Pois quando atento os números vos
conto,

Nessa beleza harmônica remonto
Ao plecto da Febina consonância;

Já que primas me sois, sede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de um cavalete as frioleiras;

Se encordoais de ouvir-me, ó primas,
baste
De dar à escaravelha em tais asneiras,
Que enfim isto de amor é um lindo traste.

DOM LANCEROTE: Também sois poeta,
meu sobrinho?

DOM TIBÚRCIO: Também temos nosso
entusiasmo, senhor tio; isso cá é veia
capilar e natural.

DOM LANCEROTE: Oh, quanto me pesa
que sejais poeta, pois por força
haveis de ser pobre.

DOM TIBÚRCIO: Agora, senhor, eu sou um
rico poeta. Pois, primas, que dizeis
da minha eloquência? Não me
respondeis?

DONA CLÓRIS: Os anjos lhe respondam.

DONA NIZE: Aí não há mais que dizer.

DOM TIBÚRCIO: Ah, senhor tio, essa
rapariga é cá da obrigação de
casa?

DOM LANCEROTE: É moça da almofada.

DOM TIBÚRCIO: Não é mal estreada; e
que olhos que tem! Benza-te Deus!

SEVADILHA: Quer Deus que trago um
corninho por amor do quebranto.

DOM LANCEROTE: Eu cuido, sobrinho, que
mais vos agrada a criada, do que a
noiva.

DOM TIBÚRCIO: Tudo o que é desta casa
me agrada muito.

DOM LANCEROTE: Agora vamos ao
intento: sabereis, minhas sobrinhas,
que vosso primo D. Tibúrcio, filho de
meu irmão D. Tifônio e de Dona
Pantaleoa Reboldan, a qual
também era irmão de vosso pai, e
meu irmão D. Blianis, vem a eleger
uma de vós outras para esposa,
pela mercê que me faz; que a ser
possível casar com ambas, o fizera
sem cerimônia, que para mais é o
seu primor.

DOM TIBÚRCIO: Por certo que sim; e não
só com ambas, mas até com a
criada: pois, como digo, desejo
meter no coração tudo o que for

desta casa.

DOM LANCEROTE: Eu creio, meu sobrinho,
nisso saís a vosso pai.

DONA CLÓRIS (*à parte*): Não vi maior
asno!

DONA NIZE (*à parte*): Nem eu maior
simples!

(*Diz de dentro, Semicúpio.*)

SEMICÚPIO: Quem merca o Alecrim?

DONA CLÓRIS: Ó Sevadilha, chama a
esse homem do Alecrim, anda
depressa.

SEVADILHA (*à parte*): Entrou no fadário!

DOM LANCEROTE: Sobrinho, não
estranheis este excesso de minha
sobrinha; porque haveis de saber,
que há nesta terra dois ranchos, um
do Alecrim, outro da Manjerona, e
fazem tais excessos por estas duas
plantas, que se matarão umas às
outras.

DOM TIBÚRCIO: E vossa mercê consente,
que minhas primas sigam essas
parcialidades?

DOM LANCEROTE: Não vedes que é
moda, e como não custa dinheiro,
bem se pode permitir?

DOM TIBÚRCIO: Bem sei que isso são
verduras da mocidade, mas
contudo não aprovo.

DOM LANCEROTE: E a razão?

DOM TIBÚRCIO: Não sei.

DONA CLÓRIS: Vossa mercê como vem
com os abusos do monte, por isso
estranha os estilos da côrte.

DONA NIZE: Calai-vos, mana, que ele há
de ser o maior apaixonado que há
de ter o Alecrim e a Manjerona.

DOM TIBÚRCIO: Se eu enlouquecer, não
duvido.

(*Entra Semicúpio com um molho de
Alecrim ao ombro.*)

SEMICÚPIO: Quem quer o Alecrim?

DONA CLÓRIS: Anda para cá: tem mão,
não o ponhas no chão.

SEMICÚPIO: Pois onde o hei de pôr?

DONA CLÓRIS: Aqui no meu colo: aí, no
chão o meu Alecrim? Isso não.

SEMICÚPIO: Pois não só o ponha no colo,
mas no pescoço.

DONA CLÓRIS: A quanto é o molho?

SEMICÚPIO: A real e meio, por ser para

vossa mercê?

DONA CLÓRIS: Põe aí cinqüenta molhos.

SEMICÚPIO: Pelo que vejo, esta é D. Clóris. (*À parte.*) Eis aí tem todos os molhos, reparta lá com a senhora, que suponho também quererá o seu raminho.

DONA NIZE: Ai, tira-te para lá, homem, com esse mau cheiro.

SEMICÚPIO (*à parte*): Já sei, que esta é a da Manjerona de D. Fuas.

DOM TIBÚRCIO: Bem haja, minha prima, que não é destas invenções.

DOM LANCEROTE: Porque é da Manjerona, por isso aborrece o Alecrim.

DOM TIBÚRCIO: Resta-me que vossa mercê também tenha algum rancho.

DOM LANCEROTE: Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

SEMICÚPIO: Ora demos princípio à tramóia. (*À parte.*) Ai, senhores, quem me acode?

DOM LANCEROTE: Que tens, homem?

SEMICÚPIO: Ai, ai, confissão.
(*Cai Semicúpio estrebuchando, fingindo um acidente.*)

DONA CLÓRIS: Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

DONA NIZE: Tão venenoso é o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

DOM LANCEROTE: Olá, tragam água.
(*Entram Fagundes e Sevadilha com uma quarta.*)

SEVADILHA: Ai, senhores, que isso é acidente de gota coral!

SEMICÚPIO (*à parte*): O coral dos teus lábios que acidentes não fará?

DOM LANCEROTE: A unha de grão besta é boa para isto.

DOM TIBÚRCIO: Puxem-lhe pelos dedos, que também é bom remédio.
(*Dom Lancerote, Dom Tibúrcio, Sevadilha e Fagundes pegam em Semicúpio, e este com estrabuchamento fará cair a todos.*)

DOM LANCEROTE: Mostra cá o dedo.

SEMICÚPIO (*à parte*): Agradeço o anel.

DOM TIBÚRCIO: E a força que tem o selvagem!

SEVADILHA: Eu não posso com ele.

SEMICÚPIO: Lá vai o dedo polegar c'os diabos? Eu estou capaz de tomar a mim, antes que me deixem despedaçado.

DOM LANCEROTE: Borrifa-o, Fagundes.

FAGUNDES: Ora deixem-no comigo.
(*Borrifa-o.*)

SEMICÚPIO: Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece que tem apostema no bofe.

DONA NIZE: Não se cansem, que ele não torna de si tão cedo.

SEMICÚPIO: Essa é a verdade.

FAGUNDES: Mas, pelo sim pelo não, eu lhe vazo esta quarta; que quando Deus quer, água fria é mezinha.

SEMICÚPIO (*à parte*): Valha-te o diabo, que me deitaste água na fervura! Eu não tenho mais remédio, que aquietar-me, senão virá como remédio algum pau santo sobre mim.

FAGUNDES: Senhores, ele está mais sossegado depois da água, venham jantar que a mesa está posta.

DOM LANCEROTE: Vai buscar o meu capote, e cobre-o que está tremendo o miserável.

SEMICÚPIO (*à parte*): É maravilha, que um miserável cubra ouro.

DOM TIBÚRCIO: Aquilo são convulsões, mas bom é cobri-lo por amor do ar.
(*Entra Fagundes com o capote.*)

FAGUNDES: Eis aí o capote; se ele o babar, babado ficará.

SEMICÚPIO (*à parte*): Anda, tola, que não me babo.

DOM LANCEROTE: Tu, Sevadilha, tem sentido nesse homem, enquanto jantamos, vinde, sobrinho.

(*Vai-se.*)

DOM TIBÚRCIO: Vamos que tenho uma fome horrenda.

(*Vai-se.*)

DONA NIZE: É galante figura o tal meu primo.

(*Vai-se.*)

DONA CLÓRIS: Fagundes, agasalha esse Alecrim.

(*Vai-se.*)

FAGUNDES: Tanto me importa; se fora Manjerona, ainda, ainda.

(Vai-se.)

SEVADILHA: Só isso me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

SEMICÚPIO: Vejamos quem é esta Sevadilha, que ficou pois minha enfermeira. Ai, que suponho que é a menina do malmequer, que lá traz um no cabelo. Vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem.

(Vai-se erguendo.)

SEVADILHA: Deite-se, deite-se. Ai, que o homem tem frenesis! Acudam cá.

SEMICÚPIO: Cala-te, Sevadilha, não perturbes esta primeira ocasião de meu amor.

SEVADILHA: Deixe-se estar coberto.

SEMICÚPIO: Bem sei, que o calafrio de meu amor é tão grande, que se pode cobrir diante d'El-Rei; mas confesso-te que já não posso aturar o gravame' deste capote.

SEVADILHA: Ai, que homem está louco, e furioso!

SEMICÚPIO: A fúria com que te ausentas me faz enlouquecer, não fujas, Sevadilha, que eu sou aquele sujeito do malmequer, e tão sujeito aos teus impérios, que sou um criado de vossa mercê.

SEVADILHA: Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o desta manhã?

SEMICÚPIO: Cuidavas que não havia saber buscar modo para ver-te?

SEVADILHA: Queres que vá chamar a D. Clóris, ou D. Nize?

SEMICÚPIO: Logo irás chamar a D. Clóris, mas primeiro atende a chama de meu amor: que se o fogo tem línguas, e as paredes têm ouvidos, bem pode a dura parede de teu rigor escutar a labareda em que me abraso: muita coisinha te poderia eu dizer, porém a ocasião não é para isso.

SEVADILHA: Nem eu estou para essoutro.

SEMICÚPIO: Eu o dissera, que o teu malmequer não é para menos.

SEVADILHA: Nem a tua pessoa é para mais.

SEMICÚPIO: Pois isso é deveras? Olha, que desconfio.

SEVADILHA: Bem aviada estou eu! Bom

amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte anos de desprezos, como há muitos que aturam, levando com as janelas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, sofrendo geadas, apurando-se em romances, dando descartes, feito estátuas de amor no templo de Venus, e contudo estão mui contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

SEMICÚPIO: Para que me desenganes, se me queres, ou não.

SEVADILHA: Pergunta ao malmequer, que ele t'ó dirá.

SEMICÚPIO: Se eu o tivera, aqui, fizera essa experiência.

SEVADILHA: E aonde está o que eu te dei?

SEMICÚPIO: Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar m'ó leva.

SEVADILHA: Assim te leve o diabo.

SEMICÚPIO: Levará que é muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

SEVADILHA: Apanha aquele malmequer, que está junto àquela porta, e pergunta-lho, que ele to dirá.

SEMICÚPIO: Pois acaso nas folhas do malmequer, estão escritos os teus amores, ou os teus desdêns?

SEVADILHA: Da mesma sorte que a buena dicha na palma da mão.

SEMICÚPIO: Eu vou apanhar o dito malmequer.

(Vai-se.)

SEVADILHA: Quem me dera que ficasse em malmequer para o fazer andar à prática!

(Entra Semicúpio com um malmequer.)

SEMICÚPIO: Eis aqui o malmequer: ora vamos a isso; que se há flores que são desengano da vida, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bem-me-quer.

SEVADILHA: Isto é como uma sorte.

SEMICÚPIO: Queira Deus não se converta o malmequer em azar. Tem sentido, Sevadilha; amor, se sai a coisa como eu quero, eu te prometo um arco de pipa, e uma venda nos Remolares em que ganhes muito

dinheiro.

(Canta Semicúpio a seguinte Ária:)

Oráculo de amor
Propício me responde
Nas ânsias deste ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, disse a flor.
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!

Acabou-se o meu cuidado,
Que mais tenho que esperar?
Vou-me agora regalar,
Levar boa vida, comer, e beber.
(Entra D. Clóris.)

DONA CLÓRIS: Oh, quanto folgo que já estejas bom!

SEMICÚPIO: E tão bom que parece que nunca tive nada.

DONA CLÓRIS: Com que saraste?

SEMICÚPIO: Com o mesmo mal; porque também há males que vêm por bem.

DONA CLÓRIS: Que dizes, que te não entendo? Estás louco?

SEMICÚPIO: Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te viu assim por maior esta manhã; e assim para significar-te a tremendíssima eficácia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto, aos teus átomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

DONA CLÓRIS: Sevadilha, põe-te a espreitar não venha alguém.

SEVADILHA: Sim, senhora. Arrelá como ardil do homem!

(Vai-se.)

DONA CLÓRIS: E que é esse teu amo que tanto me adora?

SEMICÚPIO: É o Senhor D. Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia* Londres e Paris.

DONA CLÓRIS: Que ofício tem?

SEMICÚPIO: Há de ter um de defuntos, quando morrer.

DONA CLÓRIS: E enquanto vivo, em que se ocupa?

SEMICÚPIO: Em morrer por vossa mercê.

DONA CLÓRIS: Fala a propósito.

SEMICÚPIO: Senhora, meu amo não necessita de ofícios para manter os seus estados, porque tem várias propriedades consigo muito boas; além disso tem uma quinta na semana, que fica entre a quarta e a sexta, tão grande que é necessário vinte e quatro horas, para se correr toda.

DONA CLÓRIS: Quanto fará toda de renda?

SEMICÚPIO: Não se pode saber ao certo; sei que tem várias rendas em Flandres, e outras em Peniche, e estas bem grossas; também tem um foro de fidalgo, e um juro de nobreza.

DONA CLÓRIS: Basta que é fidalgo?

SEMICÚPIO: Como as estrelas, que as vê ao meio-dia, e a estas horas não vê outra coisa; e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente, que descende de Adão.

DONA CLÓRIS: Se isso é assim, talvez, que me incline a querê-lo para meu esposo.

SEMICÚPIO: Venha a resposta, senhora, que meu amo está esperando com língua de palmo.

DONA CLÓRIS: Pois ouve o que lhe hás de dizer.

(Canta D. Clóris a seguinte Ária:)

Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que à sua firmeza
Constante serei.

Que firme eu também
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farei.
(Vai-se.)

SEMICÚPIO: Vencido está o negócio; mas o capote do velho cá não há de ficar por vida de Semicúpio; que se a ocasião faz o ladrão, hei de sê-lo

por não perder a ocasião.
(*Vai-se com o capote. Entra Sevadilha.*)
SEVADILHA: Espera, homem, onde levas o capote? E foi-se como um cesto roto? Ai, mofina desgraçada, que há de ser de mim se meu amo não achar o seu rico capote?
(*Entra D. Lancerote.*)
DOM LANCEROTE: Já sarou o homem, Sevadilha?
SEVADILHA: Sim, senhor.
DOM LANCEROTE: Já se foi?
SEVADILHA: Sim, senhor.
DOM LANCEROTE: Guardaste o capote?
SEVADILHA (*à parte*): Aí é ela.
DOM LANCEROTE: Não ouves? Guardaste o capote?
SEVADILHA: Qual capote?
DOM LANCEROTE: O meu.
SEVADILHA: Qual meu?
DOM LANCEROTE: O meu de Saragoça.
SEVADILHA: Ah sim, o capote do homem do Alecrim?
DOM LANCEROTE: Qual homem?
SEVADILHA: O do acidente.
DOM LANCEROTE: Tu zombas?
SEVADILHA: Zombaria fora, o homem levou o capote.
DOM LANCEROTE: O meu capote?
SEVADILHA: Eu não sei, se ele era de vossa mercê, o que sei é que o homem do Alecrim levou um capote, com que estava coberto.
DOM LANCEROTE: E como o levou?
SEVADILHA: Nos ombros.
DOM LANCEROTE: O meu capote furtado?
SEVADILHA: Pois nunca se viu furtar um capote?
DOM LANCEROTE: Não, bribantona, que era um capote aquele que nunca ninguém o furtou. Oh, dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te viste com os seus raios!
SEVADILHA: Santa Bárbara!
DOM LANCEROTE: Tu, descuidada, hás de pôr para ali o meu capote, ou do corpo t'ó hei de tirar.
SEVADILHA: Como m'ó há de tirar do corpo se eu não o tenho?
DOM LANCEROTE: Desta sorte.
(*Cantam Dom Lancerote e Sevadilha a*

seguinte Ária a duo:)

DOM LANCEROTE: Moça tonta, descuidada,
SEVADILHA: Há mulher mais desgraçada Neste mundo? Não, não há.
DOM LANCEROTE: Se não dás o meu capote,
Tua capa hei de rasgar.
SEVADILHA: Não me rasgue a minha capa.
DOM LANCEROTE: Dá-me, moça, o meu capote.
SEVADILHA: Minha capa.
DOM LANCEROTE: Meu capote.
AMBOS: Trata logo de o pagar.
DOM LANCEROTE: Meu capote assim furtado!
SEVADILHA: Meu adorno assim rasgado!
AMBOS: Que desgraça!
DOM LANCEROTE: Contra a moça
SEVADILHA: Contra o velho
AMBOS: A justiça hei de chamar: Meu capote donde está?
(*Vão-se.*)

CENA III

(*Praça: no fim haverá uma janela. Entra Dom Gilvaz embuçado.*)

DOM GILVAZ: Disse a Semicúpio que aqui o esperava; mas tarda tanto que entendo o apanharam na empresa. Mas, se será aquele, que ali vem? Não é Semicúpio que ele não tem capote. Quem será?
(*Entra Semicúpio embuçado em um capote.*)
SEMICÚPIO: Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deus não me chegue ao vulto; não sei se torne para trás, mas pior é mostrar covardia; eu faço das tripas coração; vou chegando mas sempre de longe.
DOM GILVAZ: Ele se vem chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.
SEMICÚPIO: Este homem não está aqui para bom fim, eu finjo-me valente; afaste-se lá, deixa-me passar, aliás o passarei.

DOM GILVAZ: Vossa mercê pode passar.

SEMICÚPIO: Ai, que é D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroso. Quem está aí? Fale, quando não despeça-se desta vida que o mando para outra.

DOM GILVAZ: Primeiro perderá a sua, quem me intenta reconhecer.

SEMICÚPIO: Tenha mão, senhor D. Gilvaz, que sou Semicúpio.

DOM GILVAZ: Se não falas, talvez que a graça te saísse cara.

SEMICÚPIO: Igual vossa mercê, que se não o conheço pela voz, sem dúvida, Senhor D. Gilvaz, lhe prego como o seu nome na cara.

DOM GILVAZ: Deixemos isso, dá-me novas de D. Clóris; dize, pudeste dar-lhe o recado?

SEMICÚPIO: Não sabe que sou o César dos alcoviteiros? Fui, vi, e venci.

DOM GILVAZ: Dá-me um abraço, meu Semicúpio.

SEMICÚPIO: Não quero abraços, venham as alvíssaras, senão emudeci como Oráculo.

DOM GILVAZ: Em casa t'as darei, conta-me primeiro, que fazia D. Clóris?

SEMICÚPIO: Isso são contos largos, estava toda rodeada de braseiros de Alecrim, com um grande molho dele no peito, cheirando a Rainha de Hungria, mascando Alecrim como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com um palito de Alecrim e, finalmente, senhor, com o Alecrim ainda toda tão verde como se tivera tirícia.

DOM GILVAZ: E do mais que passaste?

SEMICÚPIO: Isso é para mais de vagar, basta que saiba por ora que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de D. Clóris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasalhada com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei à mão tente.

DOM GILVAZ: Incríveis são as tuas habilidades: e que capote é esse?

SEMICÚPIO: Este é o despojo do meu triunfo; joguei com o velho os centos, e ganhei-lhe este capote; e se vossa mercê soubera a virtude que ele tem, pasmaria.

DOM GILVAZ: Que virtude tem?

SEMICÚPIO: É um grande remédio para sarar acidentes de gota coral.

DOM GILVAZ: Conta-me isso.

(Entra D. Fuas embuçado.)

SEMICÚPIO: Falemos de manso, que aí vem um homem.

DOM FUAS: Esta é a janela da cozinha de Dona Nize, que apesar da escuridade da noite a conhece o meu instinto pelos eflúvios odoríferos que exala a Pancava daquela Fênix.

DOM GILVAZ: Semicúpio, um homem ao pé da janela de D. Clóris? Isso não me cheira bem.

SEMICÚPIO: Como lhe há de cheirar bem, se isto aqui é um monturo?

(Aparece Fagundes à janela.)

FAGUNDES: Cé, é vossa mercê mesmo?

DOM FUAS: Sou eu mesmo, e não outro, que impaciente espero novas do meu bem.

DOM GILVAZ: Não ouviste aquilo, Semicúpio.

SEMICÚPIO: Aquilo é que não cheira bem, senhor D. Gilvaz.

FAGUNDES: Não basta que vossa mercê diga que é mesmo, é necessário a senha, e a contra-senha.

DOM FUAS: Pois atenda.

(Canta Dom Fuas o seguinte minueto:)

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Manjerona,
Quero exaltar.

No seu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Há de levar.

Há de por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andar.

CENA IV

DOM GILVAZ: Este é D. Fuas, pela senha da Manjerona: que te parece, Semicúpio, o quanto tem adiantado o seu amor?

SEMICÚPIO: *Quidquid sit*, o primeiro milho é dos pássaros, o segundo é cá para os melros.

FAGUNDES: Suba por esta escada.
(Lança a escada.)

DOM FUAS: Segure bem.
(Sobe.)

SEMICÚPIO: Senhor D. Gil, agora é tempo de subir também pois estamos em era de atrepar; não perca a ocasião.

DOM GILVAZ: Vem tu também.
(Sobe.)

SEMICÚPIO: Eu também vou a render à escada vista esse castelo de Cupido.

FAGUNDES: Tenha mão, senhor, que é o que quer?

DOM GILVAZ: Manjerona.

FAGUNDES: Vossa mercê, meu fidalgo, quem procura?

SEMICÚPIO: Também Manjerona em lugar de cevadilha, que tudo faz bom tabaco.

FAGUNDES: Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

SEMICÚPIO: Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

FAGUNDES: Vá-se daí, que não conheço Framengos à meia-noite.

SEMICÚPIO: Tem mão, não me empurres.

FAGUNDES: Não há de entrar.

SEMICÚPIO: Ó mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

FAGUNDES: Vá-se c'os diabos, seja quem for.

(Empurra a escada que cai com Semicúpio.)

SEMICÚPIO: Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o semicúpio que me fizeste tomar. Estes são os ossos do ofício, mas para que tudo não sejam ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma coisa: ao menos se não morri da queda, vou para casa em uma escada.

(Vai-se Semicúpio e leva a escada.)

(Gabinete. Entra Fagundes trazendo pela mão a Dom Fuas, e de trás virá Dom Gilvaz embuçado.)

FAGUNDES: Pise de mansinho; que se acorda, será para nos enforcar.

DOM FUAS: Recontou a D. Nize os extremos, com que a idolatro?

FAGUNDES: Não me ficou nada no tinteiro: meu senhor, nessa matéria tenho tanta elegância que sou outra Marca Túlia Cicerona.

DOM FUAS: Ai, Fagundes, se casará D. Nize com o primo! Mas quem está aqui atrás de nós?

DOM GILVAZ (à parte): Não quero dar-me a conhecer a D. Fuas, por ver se com os zelos desiste da empresa, para que só triunfe o Alecrim.

DOM FUAS: Cavalheiro, vós daqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro o que buscais nesta casa?

DOM GILVAZ: O mesmo que vós buscais.

DOM FUAS: O que eu busco, não vos pode pertencer.

DOM GILVAZ: Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

FAGUNDES: Senhores meus, acomodem-se que pode acordar o Senhor D. Lancerote, e o dano será de todos.

DOM FUAS: Queres que me cale à vista dos meus zelos?

(Entra D. Nize.)

DONA NIZE: Que ruído é este, Fagundes?

DOM FUAS: Sinto, Senhora D. Nize, que a primeira vez que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

DONA NIZE: Não sei que motivo haja para os haver.

DOM FUAS: Este senhor embuçado que aqui me vem seguindo, e diz que procura o mesmo que eu busco.

DONA NIZE: Sabe ele porventura o que vós procurais?

DOM FUAS: Ele que diz que sim, certo é que o sabe.

DONA NIZE (Para D. Gil): Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito?

DOM GILVAZ (*à parte*): Nada hei de responder.

DOM FUAS: Quem cala consente; não averiguemos mais, Senhora D. Nize, só sinto que a sua Manjerona admita enxertos de outras plantas.

DONA NIZE: Este é o pago que me dais, de admitir a vossa correspondência, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

DOM FUAS: Melhor fora enganar-me que essa era a melhor fineza que vos podia merecer.

DONA NIZE: Pois eu digo-vos que estou inocente, que não conheço este homem; e me parece que basta dizê-lo, para me acreditares.

DOM FUAS: E bastava ver eu o contrário, para não acreditar essas desculpas.

DONA NIZE: Pois visto isso, fiquemos como dantes.

DOM FUAS: De que sorte?

DONA NIZE: Desta sorte.

(*Canta Dona Nize a seguinte Ária:*)

Suponha, senhor,
Que nunca me viu,
E que é o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceu,
E logo murchou.

Pois tanto me dá
De seu pretender,
Que firme suponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou.
(*Vai-se.*)

DOM FUAS: Nize cruel, isso ainda é maior tirania; escuta-me.

(*Vai-se.*)

FAGUNDES: Vá lá dar-lhe satisfações que ela é bonita para essas graças. E vossa mercê, senhor rebuçado, a que sim quis profanar o sagrado desta casa?

DOM GILVAZ: A ver o bem que adoro.

FAGUNDES: Vossa mercê está zombando? Aqui não há quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem

vê o recato é honra desta casa.

DOM GILVAZ: Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Quê? Aquilo de subir um homem por uma janela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?

FAGUNDES: Aquele homem é primo carnal da Senhora D. Nize.

DOM GILVAZ: Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora D. Clóris: Ora faça-me o favor de a ir chamar.

FAGUNDES: Que diz? A Senhora D. Clóris? Olha tu lá, D. Clóris não te enganes; sim, a outra, que anda coberta de cilícios, jejuando a pão e água, tire daí o sentido, meu senhor.

DOM GILVAZ: Se não a fores chamar, a irei eu buscar.

FAGUNDES: Ai, senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remédio tenho senão chamá-la, antes que o homem faça alguma asneira, que ele tem cara de arremeter.

(*Vai-se.*)

DOM GILVAZ: Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretagem: basta que lh'a dê D. Fuas.

(*Entra D. Clóris.*)

DONA CLÓRIS: Senhor, vossa mercê, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

DOM GILVAZ: Eu, Senhora D. Clóris, sou D. Gilvaz, aquele impaciente amante, que atropelando impossíveis vem, qual salamandra de amor, a abrasar-se nas chamas do seu Alecrim, como vítima da mesma chama.

DONA CLÓRIS: Senhor D. Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao lícito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente que primeiro não haja de experimentar no crisol da constância os raios do seu amor.

DOM GILVAZ: Mui pouco conceito fazeis da vossa beleza; pois se antes de admirar essa formosura em ocultas

simpatias soubestes atrair todos os meus afetos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorar-vos com tão imóvel constância, que primeiro se moverão as estrelas fixas que sejam errantes as minhas adorações?

DONA CLÓRIS: Isto é de veras, Senhor D. Gil?

DOM GILVAZ: Se eu morro de veras, como hei de falar zombando?

SONETO

Tanto te quero, ó Clóris, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tanto,
Que em cuidar que te perco, me
 espavento,
E em cuidar que me deixes, me ataranto.

Se não sabes (ai, Clóris) o quanto o
 quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digam-te os meus suspiros cento a cento,
Solettra-o nos meus olhos pranto a pranto.

O quem pudera agora encarecer-te
Os esquisitos modos de adorar-te
Que amor soube inventar para querer-te!

Ouve, Clóris, mas não, que hei de
 assustar-te;
Porque é tal o meu incêndio, que ao
 dizer-te
Ficarás no perigo de abrasar-te.

DONA CLÓRIS: Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimação de verdadeiras; que quem tem a língua tão solta para os encarecimentos, terá presa a vontade para os extremos.

DOM GILVAZ: Como há de haver experiências na minha constância, serão os sucessos de minhas finezas os cronistas do meu amor.

(Canta Dom Gilvaz a seguinte Ária:)

Viste, ó Clóris, a flor gigante,
Que procura firme amante,

Seguir sempre a luz do sol?
Dessa sorte, sem desmaios,
Sol, que gira, são teus raios,
E meu peito girassol.

Mas, ai, Clóris, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crisol.

DONA CLÓRIS: Cessa, meu bem, de encarecer-me o teu amor; já sei são verdadeiras as tuas expressões. Oh, se eu tivera a fortuna, que essas vozes as não levasse o vento para aumentar com elas a força de sua inconstância!

(Entra Sevadilha.)

SEVADILHA: É bem feito! É bem empregado!

DONA CLÓRIS: O que, Sevadilha?

SEVADILHA: O senhor, que está acordado.

DONA CLÓRIS: Não pode ser a estas horas; não te creio, que és uma medrosa.

SEVADILHA: Falo a verdade e não minto.
(Canta Sevadilha a seguinte Ária:)

Senhora, que o velho,
Se quer levantar!
Mofina de mim,
Que ouvi escarrar,
Falar, e tossir!

Senhor, vá-se embora, *(para D.G.)*
Vá já para fora,
Senão o papão,
Nos há de engolir.

FAGUNDES: Ui, senhores, isto é coisa de brinco? O senhor seu tio está com tamanho olho aberto que parece um leão, que está dormindo; deite fora esse homem e venha-se agasalhar; que já vem amanhecendo.

DONA CLÓRIS: Pois deem fora a D. Gil: meu bem, estimarei que as suas obras correspondam às suas palavras. *(Vai-se.)*

(Entram Dona Nize e Dom Fuas.)

DONA NIZE: Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio está acordado.

DOM FUAS (*à parte*): Ainda o embuçado está aqui? É para ver! Ah, cruel!

DONA NIZE: Anda, Fagundes.

FAGUNDES: Senhora, que não há escada para descerem.

DONA NIZE: E aquela por onde subiu, aonde está?

FAGUNDES: Empurrei-a com um homem, que também queria subir.

DOM GILVAZ (*à parte*): Devia ser Semicúpio.

DOM FUAS: Pois como há de ser?

SEVADILHA: Não há mais remédio, que saltar pela janela.

FAGUNDES: Mas vejam não caiam no alfuje.

DOM GILVAZ (*à parte*): Em boa estou metido!

DOM FUAS: Onde está a chave da porta?

SEVADILHA: A chave tem guardas e está agasalhada no travesseiro do velho, por não dormir numa porta.

DOM LANCEROTE: Fagundes, venha abrir esta janela, que já vem amanhecendo.

(*Dentro.*)

FAGUNDES: Eis aqui vossas mercês o que quiseram!

DOM LANCEROTE: Fagundes, que faz, que não vem?

(*Dentro.*)

FAGUNDES: Estou enxotando o gato da vizinha: sape gato. Senhores, escondam-se aonde for.

DONA NIZE: Ai, que desgraça!

DOM LANCEROTE (*dentro*): Sevadilha, que é isto lá?

SEVADILHA (*dentro*): É o gato da vizinha: sape gato.

SEMICÚPIO (*dentro*): Abram a porta que se queima a casa: fogo, fogo!

FAGUNDES: Ai, que há fogo na casa! São Marçal.

DONA NIZE: Eu estou morta!

DONA CLÓRIS: Ai, que se queima a casa, que desgraça!

(*Entra.*)

DOM FUAS: Pior é esta!

DOM GILVAZ: Há horas minguadas!

SEMICÚPIO (*dentro*): Abram a porta, que há fogo, fogo!

SEVADILHA: Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos.

SEMICÚPIO (*dentro*): Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fora.

(*Entra Semicúpio com uma quarta às costas, e ao mesmo tempo sai Dom Lancerote em fralda de camisa, e Dom Tibúrcio embrulhado em um lençol, com uma candeia de garavato na mão.*)

SEMICÚPIO: Fogo, fogo!

FAGUNDES: Adonde é, meu senhor?

DOM TIBÚRCIO: Que é isto cá?

DOM LANCEROTE: Fogo aonde, se eu não vejo fumo?

SEMICÚPIO: Como há de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

DOM TIBÚRCIO: Aqui me cheira a Alecrim queimado.

DOM LANCEROTE: Dizes bem; Clóris, acendeste algum Alecrim?

DONA CLÓRIS: Eu, senhor, não... foi... porque sempre...

DOM LANCEROTE: Cala-te, que eu porei o Alecrim com dono; há mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos anos.

SEMICÚPIO: Com ele podia vossa mercê apagar este fogo.

DOM GILVAZ (*à parte*): Estou admirado de ver a traça de Semicúpio!

DOM TIBÚRCIO: Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

DOM LANCEROTE: Vede, sobrinho, ainda assim não se entorna o azeite.

DONA NIZE: Ai, os meus craveiros de Manjerona!

DONA CLÓRIS: Ai, os meus olhos de Alecrim!

FAGUNDES: Ai, a minha canastra!

SEVADILHA: Ai, os meus tarequinhos!

DOM TIBÚRCIO: Ai, a minha burra!

DOM TIBÚRCIO: Ai, o meu alforje!

SEMICÚPIO: Ai com tanto ai! Senhores, onde é o fogo?

DOM LANCEROTE: Vejam, vossas mercês, bem por essas casas aonde será.

SEMICÚPIO: Entremos, senhores, antes que se ateie o incêndio.

DOM GILVAZ e **DOM FUAS**: Vamos.

(*Saem Semicúpio, D. Fuas e D. Gilvaz e logo tornam a entrar.*)

DOM LANCEROTE: Vereis vós,

trampozinha, que fim leva o Alecrim.
DONA CLÓRIS: O Alecrim não tem fim,
que nunca murcha.
(Entram os três.)
DOM GILVAZ: Não se assustem, que não
é nada.
DOM FUAS: Já se apagou. Deus louvado.
DOM LANCEROTE: Aonde foi, o fogo?
SEMICÚPIO: Foi no almofariz, que estava
ao pé da isca.
SEVADILHA: Pois eu não fui que a
petisquei.
FAGUNDES: Pois eu nem no ferrolho.
SEMICÚPIO: Pois eu ainda estou em jejum.
DOM LANCEROTE: Ora, meus senhores,
vossas mercês me vivam muitos
anos pela honra que me fizeram.
DOM GILVAZ: Sempre buscarei ocasiões
de servir a esta casa.
(Vai-se.)
DOM FUAS: E eu não menos.
(Vai-se.)
SEMICÚPIO: Agradeça-nos a boa
vontade, não mais.
FAGUNDES: Se não houvessem boas
almas, já o mundo estava acabado.
DONA CLÓRIS (à parte): Eu estou
pasmada do sucesso!
DONA NIZE (à parte): E eu não estou em
mim!
DOM TIBÚRCIO: Ora, com licença, meus
senhores, que me vou por em
fresco.
(Vai-se.)
DOM LANCEROTE: Eu, todavia, ainda não
estou sossegado. Viu vossa mercê
bem na chaminé?
SEMICÚPIO: Para que vossa mercê
descanse de todo, vazarei esta
quarta nos narizes daquela velha,
que são duas chaminés.
FAGUNDES: Ai, que me ensopou! Senhor,
que mal lhe fiz?
SEMICÚPIO: É dar-lhe a molhadura de
certa obra.
DOM LANCEROTE: Que fez vossa mercê?
SEMICÚPIO: Deixe, senhor; isto é para que
se lembre e tenha cuidado no fogo,
que facilmente se pode atear por
um acidente.
FAGUNDES: Vou mudar de camisa.
(Vai-se.)

DONA NIZE: Tomara aproveitar os cacos
para a minha Manjerona.
DOM LANCEROTE: Esta advertência
merece esta moça, que é uma
descuidada, que por seus
desmazelos me deixou furtar um
capote.
*(Cantam Dom Lancerote, Sevadilha,
Semicúpio, Dona Clóris, e Dona Nize a
seguinte Ária A5:)*

DOM LANCEROTE: Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senão tu verás.
SEVADILHA: Debalde é o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Não é bom sinal.
SEMICÚPIO: Que linda pilhage,
Que fogo selvage,
Que lambe voraz!
DONA CLÓRIS: Não sente quem ama.
DONA NIZE: Não temo esta chama.
AMBAS: Que é fogo de amor.
DOM LANCEROTE: Cuidado no fogo.
SEVADILHA: Debalde é o seu rogo.
DOM LANCEROTE e SEVADILHA: Que fogo
sem fumo
Não é bom sinal.
DOM LANCEROTE: Sentido, cuidado.
SEMICÚPIO: Que fogo selvage.
TODOS EXCETO DOM LANCEROTE: Que é
fogo de amor.
TODOS: Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

PANO SEGUNDA PARTE CENA I

(Praça. Entram Dom Gilvaz e Semicúpio.)

DOM GILVAZ: Ainda não sei cabalmente
aplaudir a tua indústria, ó insigne
Semicúpio.
SEMICÚPIO: Nem aplaudir, nem
agradecer, Senhor D. Gilvaz.
DOM GILVAZ: As tuas idéias são tão
impossíveis de aplaudir como de
agradecer, pois todo o prêmio é
diminuto e todo o louvor limitado.
SEMICÚPIO: Visto isso, eu mesmo tenho a

culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrórios: mais obras, e menos palavras; eu quero que me ajuste a minha conta.

DOM GILVAZ: Para quê?

SEMICÚPIO: Para pôr-me no olho da rua, que serei mais bem visto.

DOM GILVAZ: Semicúpio, nem sempre o diabo há de estar atrás da porta.

SEMICÚPIO: Sim, porque estará para dentro de casa.

DOM GILVAZ: Cala-te, que se consigo a D. Clóris com seu dote, e arras, eu te prometo que andes numa boléia.

SEMICÚPIO: Senhor, não me ande com a cabeça à roda com essas promessas; era melhor que os prêmios andassem a rodo.

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES: Lá deixo a D. Fuas metido numa caixa, para o introduzir com D. Nize em casa sem sustos, como da outra vez, tomara achar um homem que m'á carregasse.

DOM GILVAZ: Lá vem a velha, criada de D. Clóris.

SEMICÚPIO: Retire-se vossa mercê, e deixe-me com ela.

DOM GILVAZ: Pois eu aqui te espero.

(Vai-se.)

FAGUNDES: Ó filho, por vida vossa quereis

levar-me uma caixa?

SEMICÚPIO: Com que achou-me vossa mercê com ombros de mariola?

FAGUNDES: Pois perdoe-me, que cuidei que era homem de ganhar.

SEMICÚPIO: Todos nesta vida somos homens de ganhar, porém o modo é que desautoriza.

FAGUNDES: Isto não era mais que levar uma caixa às costas.

SEMICÚPIO: Pois se não é mais do que isso, entendo que não estará mal à minha pessoa.

FAGUNDES: Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

SEMICÚPIO: Mas advirto que isto em mim não é ofício, é uma mera curiosidade.

FAGUNDES: Ora, Deus lhe dê saúde, olhe,

ela pesa pouco, e vai aqui para casa de Lancerote.

SEMICÚPIO: E de quem é a caixa?

FAGUNDES: É minha, que a que eu tinha toda se desfaz em caruncho.

SEMICÚPIO: Pois esta não se livrará da traça, que intento usar com ela. *(À parte.)* Vamos, Senhora.

(Vai-se.)

FAGUNDES: Ande, meu filho. *(Vai-se.)*
(Entra D. Gilvaz.)

DOM GILVAZ: Aonde irá Semicúpio com a velha? O maldito não perde ocasião: com semelhante jardineiro não murchará o Alecrim de D. Clóris; porém ele lá vem com uma caixa às costas.

(Entra Semicúpio com uma caixa às costas e logo a põe no chão.)

SEMICÚPIO: Desencontrei-me da velha, que andarás tonta por mim.

DOM GILVAZ: Que é isto, Semicúpio?

SEMICÚPIO: Não lhe importe, vá-se enrolando, que se há de meter aqui dentro e hei de levar esse corpinho à casa de D. Clóris.

DOM GILVAZ: Isso é quimera, como posso eu caber aí?

SEMICÚPIO: Isso não me importa a mim, abata as presunções, que logo caberá em toda a parte.

DOM GILVAZ: E como havemos abri-la, que está fechada?

SEMICÚPIO: Não sabe que a irmã gazua sempre me acompanha? Eu a abro.

(Abre.)

DOM GILVAZ: Esta tramóia é mui arriscada, que tem dentro?

SEMICÚPIO: Eu vejo uns trapos estendidos. Ande, ande, que nos importa a nós.

DOM GILVAZ: Ora vamos a isso: ai Clóris, quanto me custas!

(Mete-se Dom Gilvaz na caixa, e a fecha Semicúpio, e logo a põe às costas, e dentro também virá Dom Fuas.)

SEMICÚPIO: Não há de ser má esta encaixação. Arre, o que pesa a criança!

DOM FUAS: Ai, que me esmagam os narizes!

DOM GILVAZ: Quem está aqui? Espera, vejamos o que é.

SEMICÚPIO: O que for lá se achará.

DOM GILVAZ: Espera, que isto é traição.

DOM FUAS: Homem dos diabos, não me esborraches.

DOM GILVAZ: Aqui-del-Rei, não há quem me acuda?

SEMICÚPIO: Cale-se, tamanhão, que para boa casa vai.

(*Vão-se.*)

CENA II

(*Sala. Entram Dom Tibúrcio e Sevadilha.*)

DOM TIBÚRCIO: Sevadilha, agora que estamos sós, quero te pedir um conselho.

SEVADILHA: Se vossa mercê acha que lh'os posso dar, proponha que eu resolverei.

DOM TIBÚRCIO: Tu bem sabes que vim para casar com uma destas duas primas minhas, ambas são belas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada uma, para que escolha do mal o menos.

SEVADILHA: Senhor, ambas são mui bastante moças, a Senhora Dona Clóris é mui perfeita, sabe fazer os ovos moles mui bem; a senhora Dona Nize tem melhor juízo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade; e tanto; que sendo tão rapariga já lhe nasceu o dente do siso; porém na condição é uma víbora assanhada.

DOM TIBÚRCIO: Não sei, Sevadilha, o que faça neste caso.

SEVADILHA: Não casar com nenhuma.

DOM TIBÚRCIO: Pois eu vim cá por besta de pau?

SEVADILHA: Eu digo o que entendo em minha consciência.

DOM TIBÚRCIO: Oh, se pudera eu casar contigo, Sevadilha, porque só tu me caíste em graça!

SEVADILHA: Ai, que graça! Diga-me isso outra vez.

DOM TIBÚRCIO: Não zombe, que não estou fora de fazer eu uma parvoíce.

SEVADILHA: Não será a primeira.

DOM TIBÚRCIO: Queres tu que fujaamos? Olha, que estou com minhas tentações de te fazer dona da minha casa.

SEVADILHA: Diga-me destas, que gosto disso.

DOM TIBÚRCIO: Sevadilha, não percas esta fortuna.

SEVADILHA: Quem é a fortuna?

DOM TIBÚRCIO: Sou eu, que te quero.

SEVADILHA: Se é fortuna, será inconstante.

DOM TIBÚRCIO: Ai, que a moça me fala por equívocos! És discreta.

SEVADILHA: Ora vá-se com a fortuna.

(*Entra Semicúpio com a caixa às costas.*)

SEMICÚPIO: Quem toma conta deste arcaz?

DOM TIBÚRCIO: Quem a manda?

SEMICÚPIO: Uma mulher já de dias grandes, porque era bastantemente velha.

DOM TIBÚRCIO: A mim me melem, se isto não é já alguma preparação para o casamento.

SEMICÚPIO: Vossa mercê parece que adivinha, pois para casamento é, segundo ouvi dizer a um terceiro.

DOM TIBÚRCIO: Sabes, o que virá aí dentro?

SEMICÚPIO: Cuido que é um vestido.

DOM TIBÚRCIO: E que tal?

SEMICÚPIO: Belo na verdade, bordado com uns vivos brancos, e de cores tão vivas, que estão saltando.

DOM TIBÚRCIO: É de mulher ou de homem?

SEMICÚPIO: Tudo o que aqui vem é para mulher.

DOM TIBÚRCIO: Cuidei que era para mim.

SEVADILHA (à parte): Aquele é Semicúpio; ele que carrega a caixa não é sem causa.

SEMICÚPIO (à parte): Sevadilha lá me está deitando uns olhos que se vão os meus trás deles.

DOM TIBÚRCIO: Já te pagaram?

SEMICÚPIO: Não, senhor; mas eu esperarei pela velha.

DOM TIBÚRCIO: Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajustemos o negócio!

SEVADILHA (à parte): É boa esta, ouvindo-me Semicúpio!

DOM TIBÚRCIO: Olha, Sevadilha, eu lhe quero tanto, que fecharei os olhos a tudo, só por casar contigo.

SEMICÚPIO (*à parte*): Tome-se lá, o que estavam ajustando os dois! Eu o estorvarei.

DOM TIBÚRCIO: Que dizes, rapariga?

SEMICÚPIO: Ah, senhor, pague-me o carroto da caixa.

DOM TIBÚRCIO: Espera, que logo vem a velha.

SEMICÚPIO (*à parte*): Sim, pois a moça logo vai.

DOM TIBÚRCIO: Tu ainda és menina, não sabes o que te convém.

SEVADILHA: Eu não necessito de tutores.

DOM TIBÚRCIO: Olha, que eu sou Morgado na minha terra, e terás tantos e quantos.

SEMICÚPIO: Senhor, paga-me o carroto da caixa, que não posso esperar.

DOM TIBÚRCIO: Logo, espera; ora, Sevadilha, isso há de ser, dá-me um abraço.

SEMICÚPIO: Venha o carroto da caixa; é boa essa!

SEVADILHA: É boa teima!

DOM TIBÚRCIO: Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

SEMICÚPIO: Ora venha já esse carroto, senão tudo vai c'os diabos.

DOM TIBÚRCIO: Espera, homem; ouve, mulher.

SEVADILHA: Vá-se daí, malcriado, aleivoso, maligno; é o que me faltava!

(*Canta Sevadilha a seguinte Ária:*)

Que um tonto jarreta,
Que um néscio pateta,
Me fale em amor,
Ou é para rir,
Ou para chorar.

Não cuide em amores,
Que nesses ardores,
se pode frigir,
Se pode abrasar.
(*Vai-se.*)

SEMICÚPIO: Regalou-me esta Ária, vou dizer a Sevadilha, diga a D. Clóris,

que ali está o meu amo, e finjo que me vou. Senhor, adeus: eu virei noutra ocasião.

(*Vai-se. Entra Dom Lancerote com um castiçal e vela acesa, e a porá em cima da caixa, donde ao depois se assentaráo.*)

DOM LANCEROTE: Sobrinho, vós bem sabeis que um hóspede, passados os três dias, logo fede, como cavalo morto; isto não é dizer que fedeis, mas vos afirmo que não me cheira bem essa vossa irresolução, vendo que indeciso ainda não elegestes qual de vossas primas há de ser vossa consorte.

DOM TIBÚRCIO: Senhor, as perfeições de cada uma são tão peregrinas, que vacila a vontade na eleição dos sujeitos; pois quando me vejo entre Clóris e Nize, me parece que estou entre Cila e Caribdes.

DOM LANCEROTE: Pois, Sobrinho, resolver, resolver logo, e já.

DOM TIBÚRCIO: Pois, senhor, se a um enforcado se dão três dias, eu que no casar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca quem mal se casa, peço três dias também para me resolver.

DOM LANCEROTE: Três dias peremptórios concedo; e para que não hajam dúvidas no dote, assentai-vos, e sabereis o que haveis de levar.

(*Assentam-se.*)

DOM TIBÚRCIO: Isso é santo e bom, para que não seja a noiva de contado, o dote de prometido.

DOM LANCEROTE: Eu, meu sobrinho, suposto tenha corrido muito mundo, contudo me acho alcançado.

DOM TIBÚRCIO: Isso é bonito!

DOM LANCEROTE: Primeiramente cada uma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

DOM TIBÚRCIO: Sim, senhor, são muito asseadas, nisso não há dúvida.

DOM LANCEROTE: Além disso: estai atento, meu sobrinho, não deis solavancos com a caixa, que isso é manha de bestas.

(*Bole a caixa.*)

DOM TIBÚRCIO: Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.

DOM LANCEROTE: Como digo, sabereis que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Não estareis quieto!

(Bole a caixa.)

DOM TIBÚRCIO: Não sou eu, por vida minha.

DOM LANCEROTE: Não vedes a caixa a saltar?

DOM TIBÚRCIO: É verdade, será de contente.

(Cai a caixa com os dois.)

DOM LANCEROTE: Isto agora é mais comprido.

DOM TIBÚRCIO: E isto é mais estirado.

DOM LANCEROTE: Ai, quem me acode com uma luz!

(Entram Dona Clóris, Dona Nize, Fagundes e Sevadilha com luz.)

TODOS: Que sucedeu?

DOM TIBÚRCIO: O maior caso, que viram as idades.

DOM LANCEROTE: Eu, que na maior idade vi o maior caso.

DONA NIZE: Pois que foi?

DONA CLÓRIS: Que sucedeu, senhores?

SEVADILHA: Que é isto?

FAGUNDES: Que foi? Que sucedeu? Que é isto?

DOM TIBÚRCIO: Esta caixa.

DOM LANCEROTE: Esta arca.

DOM TIBÚRCIO: Que em torcicolos.

DOM LANCEROTE: Que em bamboleios.

DOM TIBÚRCIO: Com pulos.

DOM LANCEROTE: Com saltos.

DOM TIBÚRCIO: Deitou-me no chão.

DOM LANCEROTE: No chão me estendeu.

DONA NIZE: É raro caso!

DONA CLÓRIS: É caso raro!

SEVADILHA: E, não há dúvida: ai, que ela torna a bolir! Fugamos senhores.

FAGUNDES (à parte): Valha-te o diabo, D. Fuas, que tão inquieto és!

DOM LANCEROTE: Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

DOM TIBÚRCIO: Diz bem, abra-se a caixa.

DONA NIZE (à parte): Ai de mim, que será de Dom Fuas!

DONA CLÓRIS (à parte): Que será de Dom Gill!

DOM TIBÚRCIO: Vá o tampo dentro.

SEVADILHA: Tenham mão, que pode vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

FAGUNDES: Ai, santo breve da marca!

DONA NIZE: Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

DOM LANCEROTE: Vamo-nos, que a prudência é melhor que o valor.

(Vai-se.)

DOM TIBÚRCIO: Pois só não quero ser valente.

(Vai-se e leva a luz.)

SEVADILHA: Ai! Não sei que pés me hão de levar! Ande, senhora.

DONA CLÓRIS: Fazes bem em disfarçar até ao depois.

(Vai-se.)

FAGUNDES: A caixa parece que tocou a recolher.

DONA NIZE: E não foi o pior o ficarmos às escuras que assim terão todos medo de vir aqui: ora, abre a caixa e dize a D. Fuas que saia.

FAGUNDES: Ai, a caixa está aberta! Seria com os solavancos: saia, meu senhor, e perdoe o descômodo.

(Abre a caixa e sai Dom Gilvaz.)

DOM GILVAZ: Ó tu, noturna beldade, que no caliginoso bosque destas sombras brilha carbúnculo da formosura, aqui tens segunda vez no teatro de tua beleza representante a minha constância na Tragicomédia de meu amor.

FAGUNDES: Senhora, quem às escuras é tão discreto, que fará às claras?

DONA NIZE: Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas, porém...

(Sai Dom Fuas da caixa.)

DOM FUAS: Porém o teu engano, falsa, inimiga, segunda vez se repete para meu desengano, e tua afronta.

DONA NIZE: Que é isto, Fagundes? Que tramóias são estas?

FAGUNDES: Eu estou besta, pois só a Dom Fuas botei na caixa!

DONA NIZE: Pois como há aqui outro, fora D. Fuas?

FAGUNDES: Eu não sei, em minha consciência, que não é má.

DOM FUAS: Senhora D. Nize, para que

são esses fingimentos? Peleje agora com Fagundes, para se mostrar inocente.

DOM GILVAZ: Esta é D. Nize; eu me recolho ao vestuário, até que venha Dona Clóris.

(Metete-se D. Gilvaz na caixa.)

DONA NIZE: Já disse, Senhor D. Fuas, que a minha constância vive isenta dessas calúnias.

DOM FUAS: A qui-del-Rei, senhora, quereis, que dê com a cabeça por essas paredes? É possível, que ainda intentais negar o que tão repetidas vezes tenho experimentado?

DONA NIZE: Senhor, é pouca fortuna de minha firmeza, encontrar sempre com acidentes de falsidade.

FAGUNDES: Senhor D. Fuas, não cuide vossa mercê, que somos cá nenhuma mulher de cacaracá; mas ali vem gente.

DONA NIZE: Recolha-se outra vez que eu entanto aqui me retiro. Anda, Fagundes.

(Vai-se.)

FAGUNDES: Senhor, nós já tornamos.

(Vai-se.)

DOM FUAS: Mais à minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

(Esconde-se Dom Fuas na caixa, e entra Dona Clóris.)

DONA CLÓRIS: Que se expusesse D. Gil ao perigo de vir em uma caixa a meu respeito! Ora, o certo é que não há mais extremoso amante; porém os sumos de Alecrim têm a mesma virtude que o incenso nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará a caixa? Esta suponho que é. Já meu bem podes sair sem susto.

(Sai D. Fuas da caixa.)

DOM FUAS: Sim, tirana, pois já não me assustam as tuas falsidades.

DONA CLÓRIS: Que falsidades? Que dizes? Enlouqueceste, ou ignoras com quem falas?

DOM FUAS: Contigo falo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

DONA CLÓRIS: Cuido que não são tantos

os encontros que temos tido.

DOM GILVAZ *(à parte):* Aquela voz é de D. Clóris: estou ardendo com zelos!

DOM FUAS: Já estou desenganado da tua falsidade. Já sei que est'outro amante, que vive encerrado nessa caixa, é o que só merece os teus agrados.

DOM GILVAZ: E como que o merece, pois só ele é digno desse favor; e a quem o impedir, lhe meterei esta espada até as guarnições.

DOM FUAS: Vês, ingrata, se é certa a minha suspeita?

DONA CLÓRIS: Eu estou confusa e não sei a quem satisfaça.

DOM GILVAZ: Ainda continua, insolente? Não sabe que esta dama é coisa minha?

DOM FUAS: Já agora por capricho, apesar das suas aleivosias, hei de dar a vida por minha dama.

DONA CLÓRIS: Senhores, que desgraça!

DOM GILVAZ: Se não estivera às escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

DOM FUAS: Pois, se não fora a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas, ainda assim, eu vou dando dê onde der.

DONA CLÓRIS: Senhores, dêem de manso, não os ouça meu tio.

(Cantam Dom Fuas, Dom Gilvaz e Dona Clóris a seguinte Ária A 3:)

DOM GILVAZ: Se não fora por não sei que,

Te matara mesmo aqui.

DOM FUAS: Se não fora o velho ali, Te fizera um não sei quê.

DONA CLÓRIS: De mansinho, pouca bulha,

Calte gralha, calte grulha,

Porque: o velho há de acordar.

DOM GILVAZ: Pois aqui mui mansamente Matarei este insolente.

DOM FUAS: Também eu pela calada Meterei a minha espada.

DONA CLÓRIS: Devagar, não dêem de rijo,

Porque o velho há de acordar.

TODOS: Quem pudera em tanta luta Sua dor desabafar!

DOM FUAS e **DOM GILVAZ**: Se não grito neste caso,

Sou capaz de rebentar.

DONA CLÓRIS: Mais que estalem, e arrebentem,

Não se há de aqui falar.

TODOS: Não se pode isto aturar!
(*Vão-se. Entra Semicúpio pela mão de Sevadilha.*)

SEMICÚPIO: Donde me levas, Sevadilha?

SEVADILHA: Ande, não me faça perguntas.

SEMICÚPIO: Não há uma candeia nesta casa que se me meta na mão, que estou morrendo por te ver?

SEVADILHA: Melhor fineza é amar por fé.

SEMICÚPIO: Como, se eu não dou fé de ti?

SEVADILHA: Ande, que o amor se pinta cego.

SEMICÚPIO: Muito vai do vivo ao pintado.

SEVADILHA: Assim estamos mais à nossa vontade.

SEMICÚPIO: Andar, suponho que tenho o meu amor na Noruega; mas ainda assim isto de estar às escuras, não é grande coisa para um homem dizer à sua dama quatro hipérboles, pois se não vejo, como poderei dizer-te que és estátua de alabastro sobre plintos de jaspe neve vivente, e racional sorvete, mas só carapinhada, pois negra te considero nesta Etiópia: oh, negregada ocasião em que por falta de uma candeia não sai à luz a tua formosura!

SEVADILHA: Pois o fogo do teu amor não basta para alumiar esta casa?

SEMICÚPIO: Se a luz excessiva faz cegar, também a minha chama por excessiva não alumia; mas com tudo isto não nos metamos no escuro, falemos claro: como estamos nós daquilo, que chamamos amor?

SEVADILHA: E como estamos nós do malmequer, que esse é o ponto?

SEMICÚPIO: Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundaçãõ do meu pranto.

SEVADILHA: E teu amo com o Alecrim?

SEMICÚPIO: Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que é Alecrim; est'outro dia estava teimoso, em que havia de ceiar salada de Alecrim, mais que o levasse o diabo. Olha, para contar-te as loucuras que faz, assentemo-nos, que isto se não pode levar de pé.

(*Assenta-se Semicúpio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cai dentro da caixa, que se fechará com a dita queda.*)

SEMICÚPIO: Mas, ai, Sevadilha, que caí num poço sem fundo!

SEVADILHA: Aonde estás, Semicúpio?

SEMICÚPIO: Não sei aonde estou; só sei, que estou aqui.

SEVADILHA: Aonde é aqui?

SEMICÚPIO: É aqui.

SEVADILHA: Aqui, aonde?

SEMICÚPIO: É boa pergunta! Eu sei cá donde são os aquis na casa alheia? Sei, que estou aqui num fole como criança, que nasce empelicada, mas sem ventura.

SEVADILHA: Pois sai daí, e anda para aqui.

SEMICÚPIO: Isso é, se eu soubera ir daqui para aí.

SEVADILHA: Que te impede?

SEMICÚPIO: Estou entupido.

SEVADILHA: Dá dois espirros.

SEMICÚPIO: Falta-me a cevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro dela. Ora, filha, tira-me daqui, tu não ouves?

SEVADILHA: Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

SEMICÚPIO: Busca-me fora de mim, porque não estou dentro de mim, metido nesta sepultura, donde só campa por infeliz a minha desventura.

SEVADILHA: Calte, Semicúpio, que aí vem gente com luzes, adeus, até logo.

(*Vai-se.*)

SEMICÚPIO: Estou no mais apertado lance, que ninguém se viu!

(*Entra Dom Lancerote com uma luz, e Dom Tibúrcio.*)

DOM LANCEROTE: Apuremos esse

encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabelo se arrepie.

DOM TIBÚRCIO: Se for coisa desta vida, ficará sem ela, e se for da outra, a mandarei para o outro mundo.

DOM LANCEROTE: Pois, Sobrinho, abri esta caixa com intrépido valor.

DOM TIBÚRCIO: Abra vossa mercê, que é mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

DOM LANCEROTE: Deixai cumprimentos, que a ocasião não é para cerimônias.

DOM TIBÚRCIO: Por nenhum modo: não tem que se cansar, que lhe não quero tirar a glória desta empresa.

DOM LANCEROTE (*à parte*): O magano contralogrrou-me, pois eu confesso, que estou tremendo de medo.

DOM TIBÚRCIO (*à parte*): Queria arrumar-me o gigante? É bem esperto.

DOM LANCEROTE: Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?

DOM TIBÚRCIO: Vá, não haja cumprimentos, que eu sou de casa.

DOM LANCEROTE: Não há mais remédio, que ir eu em corpo e alma, a ver esta alma sem corpo ou este corpo sem alma. Deus vá comigo, Anjo da minha guarda, e todo o *Flos Sanctorum* me defenda.

DOM TIBÚRCIO: Ande, tio, não tenha medo, que eu estou aqui.

DOM LANCEROTE (*à parte*): Pois se não fora isso já eu deitava a correr.

SEMICÚPIO: Ai, que sem dúvida estou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentam reconhecer: eu lhes tocarei a caixa.

(Chega-se Dom Lancerote à caixa, e tanto que a abre, deita Semicúpio a cabeça de fora, e dá um assopro na vela.)

DOM LANCEROTE: Ó tu quem quer que és, que estás nesta caixa... mas ai, que me apagam a vela com um assopro!

DOM TIBÚRCIO: Assopra!

SEMICÚPIO: Mui fraca era aquela luz, pois de um assopro a derribei.

DOM LANCEROTE: Sobrinho, vós estais aí?

DOM TIBÚRCIO: Como se não estivera.

DOM LANCEROTE: Quem seria o cruel que tão aleivosamente matou uma inocente luz a assopros frios!

SEMICÚPIO: Deus lhe perdoe, que era uma luz a todas as luzes boa: mas eu quero safar-me daqui, e temo marrar de narizes com alguém; mas que remédio?

DOM LANCEROTE: Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho! Ide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.

DOM TIBÚRCIO: Veja vossa mercê como chama cobarde?

DOM LANCEROTE: Calai-vos, abóbora, que degenerais de quem sois.

DOM TIBÚRCIO: A mim, abóbora?

SEMICÚPIO: Agora é boa ocasião de ir-me, porque ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros: lá vai o primeiro.

(Dá.)

DOM LANCEROTE: Ó mal ensinado, pondez mãos violentas em vosso tio?

SEMICÚPIO: Eu abrirei caminho desta sorte, dando a trouxe-mouxe.

(Dá.)

DOM TIBÚRCIO: É boa essa, senhor tio, assim se dá num barbado?

DOM LANCEROTE: Calai-vos, maganão, que não haveis de casar: mas, ai, que me destes uma bofetada com a mão aberta? Aqui-d'El-Rei sobre este magano de meu sobrinho!

(Vai-se.)

DOM TIBÚRCIO: Aqui-d'El-Rei sobre este caduco de meu tio!

(Vai-se.)

SEMICÚPIO: Aqui-d'El-Rei que já me deixaram.

(Vai-se.)

CENA III

(Câmara. Entram Dom Gilvaz e Dona Nize)

DOM GILVAZ: Senhora Dona Nize, se acaso em vossa piedade pode

achar amparo um desgraçado, peço-vos que me oculteis; pois já a rubicunda Aurora em risonhas vozes nos avisa da chegada do Sol, assim a vossa Manjerona se veja coroada de louro no Capitólio do amor.

DONA NIZE: Já o Alecrim pede favores à Manjerona?

DOM GILVAZ: Se Dona Clóris não aparece, que quereis que faça?

DONA NIZE: Pois escondi-vos nessa alcova, enquanto a vou chamar.
(*Esconde-se Dom Gilvaz e entra Dom Fuas*)

DOM FUAS: Aonde vais tirana? Procuras acaso o teu amante? Oh, murcha seja a tua Manjerona que como planta venenosa me tem morto.

DONA NIZE: Homem do demônio, ou quem quer que és, que em negra hora te vi, e amei, que desconfianças são essas? Que amante é esse, com quem me andas aqui apurando a paciência, e sem que, nem que, descompondo a minha Manjerona?

DOM FUAS: Pois quem era aquele que saiu da caixa a dizer-te mil colóquios?

DONA NIZE: Que sei eu quem era; salvo fosse... Mas retira-te, que aí vem gente.

DOM FUAS: Esconder-me-ei aonde for.
(*Quer esconder-se onde está D. Gilvaz.*)

DONA NIZE (à parte): Não te escondas aí. Ai de mim, que se Dom Fuas vê a Dom Gil, ficará o seu ciúme verdadeiro!

DOM FUAS: Não queres que me esconda aí? Agora, por isso mesmo.

DONA NIZE: Tem mão, adverte...

DOM FUAS: Qual adverte? Tens aí acaso escondido o teu amante?

DONA NIZE: Não, D. Fuas, porque só tu...

DOM FUAS: Que é isso? Mudas de cor?

DONA NIZE: Se a cor é acidente, estou para desmaiar, vendo a sem razão, com que me criminas.

(*Entra Dona Clóris.*)

DONA CLÓRIS: Nize, que alarido é esse? Queres que venha o tio e ache aqui este estafermo?

DONA NIZE: São loucuras de um zeloso sem causa.

DOM FUAS: São zelos de uma causa sem loucura. E senão diga-me Senhora Dona Clóris, por vida do Senhor seu Alecrim, não é para ter zelos ver repetidas vezes a um sujeito procurar a Dona Nize com tão repetidos extremos, que uma coisa é vê-lo e outra dizê-lo; e suponho o tem agora escondido naquela alcova de donde me desvia para esconder-me?

DONA CLÓRIS: Isso verei eu, que também me importa essa averiguação.

DONA NIZE (à parte): Clóris, não te canses, que não hás de ver quem aí está. Estou perdida!

DOM FUAS: É para que veja, senhora, a razão que tenho. Ah, tirana!

DONA CLÓRIS: Já agora por capricho hei de ver quem aí está. Vossa mercê é, Senhor D. Gilvaz? Que é isso? Quer enxertar o meu Alecrim com a Manjerona de Dona Nize.

DOM GILVAZ: Há caso semelhante!

DOM FUAS: Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pretendo a D. Nize, te expões a embaraçar o meu emprego?

DOM GILVAZ: D. Clóris, D. Fuas, para que são esses extremos, quando a Senhora D. Nize nem a vós vos ofende, nem a mim me corresponde?

DOM FUAS: Ninguém se esconde sem delito.

DONA CLÓRIS: Ninguém se oculta sem motivo.

DONA NIZE: Ora, agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerário: é muita verdade, escondi a D. Gil, por que lhe quero bem; pois que temos?

DOM FUAS: Que isto sofra a minha paciência! Ah, ingrata!

DONA CLÓRIS: Que isto tolerem os meus zelos! Ah, falso amante!

DOM GILVAZ: A Senhora D. Nize está zombando, e aquilo nela é galanteria.

DONA NIZE: Não é senão realidade, e

tenho dito.

(Vai-se.)

DOM FUAS: Não se viu mais descarado rigor! Espera, cruel, e verás com os teus olhos os ultrajes que faço à tua Manjerona.

(Vai-se.)

DONA CLÓRIS: Senhor D. Gil, venha depressa o meu Alecrim.

DOM GILVAZ: O teu Alecrim é inseparável de meu peito.

DONA CLÓRIS: Deixemos graças, que eu não zombo.

DOM GILVAZ: Pois entendes que D. Nize fala deveras?

DONA CLÓRIS: Quer falasse deveras, quer não, venha o meu Alecrim.

DOM GILVAZ: De que sorte queres que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor?

(Canta Dom Gilvaz a seguinte Ária:)

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrasada,
Quando expira nos incêndios,
Solicita o mesmo ardor

Tal, ó Clóris, me magino,
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
que apeteça o teu rigor.

(Entram Semicúpio e Sevadilha.)

SEMICÚPIO: Senhor Dom Gilvaz, nunca Semicúpio se viu em calças mais pardas.

DOM GILVAZ: Por quê?

SEVADILHA: Porque o velho já aí vem caminhando como uma centopéia.

DONA CLÓRIS: Anda, D. Gil, para dentro, até que haja ocasião para saíres.

DOM GILVAZ: Vais ainda com escrúpulos na minha constância?

DONA CLÓRIS: Cá dentro apuraremos essas finezas.

(Vai-se.)

DOM GILVAZ: Ó Semicúpio, vê como havemos de sair daqui, que bem sabes que tenho de escrever hoje para o correio.

(Vai-se.)

SEMICÚPIO: Tomara que o fizessem em postas, o levasse barzabu às vinte.

SEVADILHA: E se lhe não dizemos que vinha o velho, ainda se não iam.

SEMICÚPIO: E ia-se a história sem nós fazermos nosso papel de Alfazema por causa do Alecrim.

SEVADILHA: Não me dirás, Semicúpio, em que há de parar toda esta barafunda?

SEMICÚPIO: Em algum casamento, isso já se sabe; tomara eu também que me dissesses em que havemos nós parar?

SEVADILHA: Em correr, que se paramos aqui talvez que nos envidem o resto.

SEMICÚPIO: Não embaralhes o sentido em que te falo. Ai, Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas também aos narizes! E assim não ponha por estanque os teus favores: antes afável, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.

SEVADILHA: Quem te meteu esses fumos na cabeça!

SEMICÚPIO: O dó que tenho de te ver tão matadora.

SEVADILHA: Vai-te daí, que tenho nojo de chegar-me a ti.

SEMICÚPIO: Eu não te mereço, que me descomponhas o carinho com que te trato. Ai, Sevadilha, que sinto assar-me nos espetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos espirros de meu incêndio...

SEVADILHA: Se me disseras isso em dois dedos de papel, ainda te crera.

SEMICÚPIO: Não só em dois dedos, mas em toda a mão do solfá, donde verás de teu Semicúpio as finas cláusulas de suas semicopadas.

(Canta Semicúpio, espirrando no fim de cada verso, a seguinte Ária:)

Não posso, ó Sevadi...
Dizer-te, o que pade...
Que o meu amor trave...
Chegando-me aos nari...

Num moto contínuo me faz espirrar.

Mas se é tafularia

Este vício de querer-te,
Toda inteira hei de sorver-te,
Por mais que me veja morrer, e estalar.

(Vai-se.)

SEVADILHA: Ora, deus o ajude com tanto
espirrar.

(Entram Dom Lancerote e Dom Tibúrcio.)

DOM LANCEROTE: Basta, sobrinho, que
não fostes vós, o que me
derreastes?

DOM TIBÚRCIO: Pois acha vossa mercê,
que havia pôr as mão violentas nas
reverendas barbas de vossa mercê?
Iguar eu me podia com mais razão
queixar de vossa mercê, que me fez
em estilhas.

DOM LANCEROTE: Eu, sobrinho? Isso é
engano, eu havia erguer a mão
para vós, quando só as devo
levantar ao Céu, para dar-lhe
graças, por dar-me para uma de
minhas sobrinhas um noivo tão
gentil-homem?

DOM TIBÚRCIO: Não vai a dar quebranto.

SEVADILHA *(à parte):* E ele, que é mui
belo.

DOM TIBÚRCIO: Pois se nenhum de nós
reciprocamente deu um no outro,
quem seria?

DOM LANCEROTE: Eu também não posso
atinar, o que sei é que a caixa para
nós foi de guerra.

SEVADILHA *(à parte):* E para o noivo, de
tartaruga do Alentejo.

DOM LANCEROTE: Sevadilha, anda cá,
não o negues: quem andar nesta
casa; há um par de noites que sinto
grande reboliço?

SEVADILHA: Senhor, eu tenho para mim
que esta casa às escuras é
assombrada.

DOM LANCEROTE: Tens visto alguma
coisa?

SEVADILHA: Ai, senhor, tenho visto tantas
coisas, que não me atrevo a dizê-
las.

DOM LANCEROTE: Dize, rapariga.

SEVADILHA: Só em cuidar no que vi, estou
para me desmaiar.

DOM LANCEROTE: Era coisa do outro

mundo?

SEVADILHA: Qual do outro mundo, se eu
a vi neste?

DOM LANCEROTE: Era fantasma?

SEVADILHA: O que é fantasma?

DOM LANCEROTE: É uma coisa branca,
que põe os olhos em alvo.

SEVADILHA: Senhor, eu não sei o que é;
sei somente que vi sair de uma
caixa uma coisa como furacão de
vento, que me deu muita pancada.

DOM LANCEROTE: Vedes, sobrinho? É o
mesmo que nos sucede em carne.

DOM TIBÚRCIO: Na carne aliás.

DOM LANCEROTE: Aqui não há outro
remédio mais que safares logo, e já,
e lebares vossa mulher convosco,
que eu ponho escritos nas casas, e
mudo-me às carreiras.

DOM TIBÚRCIO: Isso é o verdadeiro.

DOM LANCEROTE: Sevadilha, vai chamar
as raparigas que venham cá
depressa.

SEVADILHA *(à parte):* Genro, e sogro, não
os vi mais bestas!

(Vai-se.)

DOM TIBÚRCIO: Para que manda vossa
mercê chamar as minhas primas tão
depressa?

DOM LANCEROTE: Logo vereis.

(Entram Dona Clóris e Dona Nize.)

AMBAS: Que nos ordenas, senhor?

DOM LANCEROTE: Sobrinho, elas aí estão,
escolhi uma das duas para vossa
esposa.

DONA CLÓRIS: Eu fiz voto de ser freira, e
assim não posso casar.

DOM LANCEROTE: Pois case D. Nize.

DONA NIZE: Eu menos, que quero ser
donzela.

DOM LANCEROTE: Isso já não pode ser,
que dei a minha palavra, que vale
mais que tudo.

DOM TIBÚRCIO: Eu já me resolvera a
aturar a ríspida condição de Dona
Nize, mas sem receber o dote não
me recebo.

DOM LANCEROTE: Andai, que sois um
impolítico; algum homem que tem
brio, fala em dote?

DOM TIBÚRCIO: E algum homem, que
quer dote, atenta em brio?

(Entram Dom Fuas, Dom Gilvaz e Semicúpio vestidos de mulher com mantos.)

SEMICÚPIO: Senhor, esta indústria nos valha que, para sair, sempre foi boa uma saia.

DOM GILVAZ *(à parte):* Quem serve a Cupido, não é muito que se afemine.

DOM FUAS *(à parte):* Até nisto mostra o amor que é covarde.

DOM LANCEROTE: Que mulheres são essas que saem da nossa alcova?

DONA CLÓRIS *(à parte):* Estou tremendo não se descubra a tramóia.

SEMICÚPIO: Senhor Dom Tibúrcio, as mulheres honradas, como eu, se não tratam desta sorte.

DOM TIBÚRCIO: Senhora, vossa mercê vem enganada.

DOM LANCEROTE: Que é isto, sobrinho?

DOM TIBÚRCIO: Eu o não sei em minha consciência.

DOM LANCEROTE: Senhoras, como entrastes nesta casa?

SEMICÚPIO: Este senhor sobrinho de vossa mercê merecia que lhe dessem duas facadas, pois sem alma, nem consciência, depois de o introduzir na minha casa, para casar com uma de minhas filhas, que vossa mercê aqui vê, teve tais ardis que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas sentir esta madrugada, nos mandou viéssemos a esta casa, que disse era sua e no cabo sei que não é, e está para casar com uma sobrinha de vossa mercê. Ah, traidor, ladrão, não sei como te não esgadanho e te arranco essas goelas.

DOM LANCEROTE: É notável caso! Sobrinho desalmado, que é o que fizestes?

DOM TIBÚRCIO: Senhor, eu estou tolo de ver mentir esta mulher!

DOM GILVAZ: Ah, falso Dom Tibúrcio, o Céu me vingue de tuas falsidades.

DOM FUAS: Ainda nega o magano? Tal estou, que lhe arrancara estas barbas.

SEMICÚPIO: Deixai, filhas, deixai, que

ainda no Céu há raios e no inferno a caldeira de Pero Botelho para castigo de velhacos. Vamos, meninas.

(Vão-se.)

DONA CLÓRIS *(à parte):* Já estamos livres deste susto.

DONA NIZE *(à parte):* O criado vale um milhão.

DOM LANCEROTE: Senhor sobrinho, vossa mercê a tem feito como os seus narizes; basta, que vossa mercê é useiro e vezeiro a enganar moças?

DOM TIBÚRCIO: Senhor, eu não conheço tais mulheres.

DOM LANCEROTE: Se não tendes outra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo que por isso dilatáveis o casar com vossas primas, fingindo irresoluções e regateando o dote.

DOM TIBÚRCIO: Senhor, permita Deus, que se eu...

DOM LANCEROTE: Não jures falso; dizei-me, e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem atenção ao decoro de vossas primas?

DOM TIBÚRCIO: Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou tão inocente...

DONA CLÓRIS: Cale-se, tenha juízo; basta, que com esse feitio nos queria lograr?

DONA NIZE: É o senhor sisudo, que não aprovava os ranchos de Alecrim e Manjerona!

DOM TIBÚRCIO: Ora basta, que diga que eu não conheço tais mulheres.

DONA CLÓRIS: Cale-se, tonto.

DONA NIZE: Cale-se, simples.

DONA CLÓRIS: Basbaque.

DONA NIZE: Insolente.

AMBAS: Quê? Agora casar? Aqui para trás.

(Vão-se.)

DOM TIBÚRCIO: Senhor tio, dê-me atenção, senão desesperarei.

(Canta Dom Lancerote a seguinte Ária:

Eis aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva pronta,
Porta aberta, e casa tonta;

Ah sobrinho! Mas que digo?
Emprestai-me a vossa espada,
Que me quero degolar.

Oh prudência desgraçada,
Pois não faço uma salada
Por ninguém me ouvir gritar.

DOM TIBÚRCIO: Que isto a mim me
suceda? Não há homem mais infeliz!

CENA IV

(Praça. Entram Dom Gilvaz e Semicúpio.)

DOM GILVAZ: Uma e muitas vezes te
considero, Semicúpio, prodigioso
artífice de meu amor, pois com as
tuas máquinas vais erigindo o
retorcido tálamo que há de ser
trono do mais ditoso Himeneu.

SEMICÚPIO: Já disse a vossa Mercê que
mais obras e menos palavras:
Semicúpio, senhor, já se acha mui
cansado, tomara que me
aposentasse com meio soldo, que
este ofício de alcova é mui
perigoso; que suposto tenha asas
para fugir, também as asas têm
penas para sentir.

DOM GILVAZ: Semicúpio, já o pior é
passado: acabemos de deitar esta
nau ao mar, que então teremos
enchentes.

SEMICÚPIO: E no cabo de tantas
enchentes tudo nada.

DOM GILVAZ: Anda, não desmaies, que
hoje havemos mostrar ao Mundo os
trunfos do Alecrim.

SEMICÚPIO: E a Manjerona todavia não
menos viçosa com os borrifos de
Fagundes.

DOM GILVAZ: Mas a galanteria é que
todas as suas idéias redundam em
nosso proveito.

SEMICÚPIO: Aí é que está a filigrana do
jogo, Fagundes a semear e nós a
colher.

(Entra Sevadilha com mantilha)

DOM GILVAZ: Aquela que lá vem, não é
Sevadilha?

SEMICÚPIO: Pelo cheiro assim me parece.

DOM GILVAZ: Que novidade é essa,
Sevadilha? Tu só, por aqui?

SEVADILHA: Que há de ser? A maior
desgraça do mundo.

DOM GILVAZ: Que? Morreu o velho!

SEVADILHA: Isso então seria fortuna.

DOM GILVAZ: Pois que foi?

SEVADILHA: Foi, que D. Tibúrcio com a
pena de se ver acometido de três
mulheres, como vossa mercê sabe,
à vista das noivas e do sogro, tomou
tal paixão, que lhe deu esta noite
uma cólica e está quase indo-se por
um fio; e, assim, eu por uma parte,
Fagundes, e o Galego por ambas,
vamos a chamar o Médico. Adeus,
que me não posso deter.

DOM GILVAZ: Espera.

SEVADILHA: Não posso, que D. Tibúrcio
está morrendo por instantes.

SEMICÚPIO: Não te canses que já o
achas morto, ande cá, tenha
feição, e faça palestra com os
amigos.

DOM GILVAZ: Que faz Dona Clóris?

SEVADILHA: Não me detenha, adeus.

SEMICÚPIO: Dize-me primeiro que tal te
pareci em trajes de mulher?

SEVADILHA: Não estou para isso, deixe-me
ir, que estou de pressa.

SEMICÚPIO: Há tal pressa! Como se
estivera alguém para morrer!

SEVADILHA: Não vê que vou acudir a esta
grande necessidade.

SEMICÚPIO: Vai-te, filha, vai-te, não te
sofras.

SEVADILHA: Bem puderas tu poupar-me
essas passadas, e ir chamar um
médico às carreiras.

SEMICÚPIO: Vai descansada, que eu
chamarei o médico.

DOM GILVAZ: Sim, com muito gosto.

SEVADILHA: Ora, faça-me esse favor, e
adeus.

(Vai-se.)

DOM GILVAZ: Anda depressa, vai chamar
o médico.

SEMICÚPIO: Que médico? Cuide noutra
coisa.

DOM GILVAZ: Isso é zombaria? Não
permita Deus que o homem morra
por nossa omissão.

SEMICÚPIO: Vamos, que eu e vossa mercê havemos ser os Médicos na enfermidade de D. Tibúrcio.

DOM GILVAZ: Estás louco? Pois nós sabemos medicina?

SEMICÚPIO: Assim como há filosofia natural, por que não haverá natural medicina?

DOM GILVAZ: E se o doente morrer por falta de remédio?

SEMICÚPIO: Mais depressa morrerá por muitos remédios.

DOM GILVAZ: E que lhe havemos aplicar?

SEMICÚPIO: Tudo o que não for veneno, porque o que não mata, engorda.

DOM GILVAZ: Isso é temeridade.

SEMICÚPIO: Vamos, senhor, e Deus sobre tudo.

(Entra Dom Fuas.)

DOM FUAS: Espera, traidor Dom Gil.

SEMICÚPIO: Ai, que isto é alguma espera!

DOM GILVAZ: Que me quereis, D. Fuas?

DOM FUAS: Que metais a mão a essa espada.

DOM GILVAZ: Para quê?

SEMICÚPIO: É boa pergunta! Para que será? É para fazer alfêloa magana.

DOM FUAS: Vereis, que sabe o meu valor castigar ofensas de um amigo desleal: pois sabendo vós que Dona Nize era o ídolo da minha veneração, chegastes a profanar o meu culto com os sacrílegos votos de vossos sacrifícios, a quem suavizaram os odoríferos hálitos da Manjerona.

SEMICÚPIO: Ai, c'os diabos!

DOM FUAS: E assim metei a mão a essa espada, para que se conserve Dona Nize, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.

SEMICÚPIO: Senhor, aqui não é lugar de desafios, vamos para Val de cavalinhos a jogar os coices.

DOM GILVAZ: D. Fuas, estais louco? Vede, que sem causa é a vossa queixa.

DOM FUAS: Não quero satisfações, vamos puxando.

SEMICÚPIO: Este homem vem puxado.

DOM GILVAZ: Pois para que vejais que o satisfazer-vos não é temer-vos...

(Entra Fagundes com mantilha.)

FAGUNDES: Cé, ah Senhor D. Fuas, uma palavrinha depressa, que importa.

DOM FUAS: Aquela é Fagundes, que me quererá? Esperai, D. Gil, enquanto falo a esta mulher.

SEMICÚPIO: Senhor, não consinto, ou falar ou brigar.

DOM GILVAZ: Deixai mulheres e brigai, que estou pronto a satisfazer-vos por este modo.

FAGUNDES: Senhor, venha já, depressa.

SEMICÚPIO: Já vai, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho a um amigo.

FAGUNDES: Ande, senão vou-me.

DOM FUAS: Espera, que eu vou.

DOM GILVAZ: Briguemos, D. Fuas.

SEMICÚPIO: Vamos a isso, antes que se acabe a cólera.

DOM FUAS: D. Gil, se tendes brio, esperai; que eu venho já.

(Vai para Fagundes.)

SEMICÚPIO: Ora, vá de seu vagar, que esta pendência não é de cerimônia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos que brigar com loucos é ser mais louco.

(Vai-se.)

DOM GILVAZ: Tomo o teu conselho.

(Vai-se.)

FAGUNDES: Sim, senhor, a casa está revolta; D. Tibúrcio nos artigos da morte e quase moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e à vista disto pode vossa mercê introduzir-se em casa o mais depressa, que puder, em alguma forma, que inventar a sua indústria, e adeus.

DOM FUAS: Ouça cá.

FAGUNDES: Não posso, que vou à botica.

DOM FUAS: Pois essa ingrata de Dona Nize ainda...

FAGUNDES: Não estou para ouvir nada.

DOM FUAS: Espere, tome lá esses vinténs pelo trabalho.

FAGUNDES: Mostre cá depressa.

DOM FUAS: Ora diga-me, pois D. Nize...

FAGUNDES: Noutra ocasião falaremos, venha isso depressa.

DOM FUAS: Tome lá: mas diga-me enquanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...

FAGUNDES: Ai, mostre cá, não me detenha.

DOM FUAS: Espere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

FAGUNDES: Pois, senhor, se a sua bolsa está aferrolhada, a minha língua está ferrugenta.

(Vai-se.)

DOM FUAS: Muito interesseira é esta velha! Mas aonde está Dom Gil? Dom Gil? Foi-se o covarde; mas à fé de quem sou, que as não há de perder comigo, e tu, ingrata Nize, hoje irei a ver-te disfarçado; que à vista das tuas falsidades é justo que me revista não só de outro hábito, mas também de outro afeto.

(Canta Dom Fuas a seguinte Ária:)

De um amigo, e de uma ingrata
Ofendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh não sei como ainda cabe
No meu peito tanta dor!

Mas, sim cabe, porque as penas
Nos estragos repartidas
Pelas bocas das feridas
Sairão com mais vigor.

(Vai-se.)

CENA V

(Câmara. Haverá uma cama, e nela estará Dom Tibúrcio deitado, assistido de Dom Lancerote, Dona Clóris, Dona Nize e Sevadilha.)

DOM LANCEROTE: Oh, que tarda este médico!

SEVADILHA: Não pode tardar muito, pois me disse que já vinha.

DOM LANCEROTE: Como estais agora, meu sobrinho?

DOM TIBÚRCIO: Depois que arrotei acho-me mais aliviado.

DONA NIZE *(à parte):* Vaso mau não quebra.

DONA CLÓRIS *(à parte):* Se fora coisa boa, não havia de escapar.

DOM LANCEROTE: Não sabeis quanto

folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro que havia ser luzido; vós o veríeis.

DOM TIBÚRCIO: Outro tanto desejo eu fazer a vossa mercê.

(Entram Dom Gilvaz e Semicúpio vestidos de médico.)

SEMICÚPIO: *Deo gratias.*

DOM LANCEROTE: Entrem, meus senhores doutores.

DOM GILVAZ *(à parte):* Em boa me meteu Semicúpio! Eu não sei o que hei de dizer.

SEMICÚPIO: Qual de vossas mercês é aqui o doente?

DOM LANCEROTE: É este que aqui está de cama.

SEMICÚPIO: Logo me pareceu pelos sintomas.

SEVADILHA *(para D. Clóris):* Senhora, que são Semicúpio e D. Gil.

DONA CLÓRIS: Bem os vejo: Nize, que te parece?

DONA NIZE: Que faz melhor efeito o teu Alecrim, que a minha Manjerona.

(Entram Dom Fuas e Fagundes.)

FAGUNDES: Entre, Senhor Doutor, aqui vem este senhor, que também se entende muito bem.

DOM FUAS: Neste instante chego de fora da terra, quando logo me chamou esta mulher que viesse a ver um enfermo.

DOM LANCEROTE: Já era escusado, porém, entre e sente-se.

DONA CLÓRIS: Nize, D. Fuas compete nas finezas com D. Gil.

DONA NIZE: Não me pesa.

DOM FUAS *(à parte):* Aqueles são D. Gil e Semicúpio, estou ardendo!

SEMICÚPIO: Ah, senhor, não vês a D. Fuas também como gente?

DOM GILVAZ: Já sei.

DOM TIBÚRCIO: Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO: Agora vou a isso: Ora diga-me, que lhe dói?

DOM TIBÚRCIO: Tenho na barriga umas dores mui finas.

SEMICÚPIO: Logo as engrossaremos; e

tem o ventre túmido, inchado, e pululante?

DOM TIBÚRCIO: Alguma coisa.

SEMICÚPIO: Vossa mercê é casada, ou solteira?

DOM TIBÚRCIO: Por quê, Senhor Doutor?

SEMICÚPIO: Porque os sinais são de prenhe.

DOM LANCEROTE: Não, senhor, que o meu sobrinho é macho.

SEMICÚPIO: Dianteiro, ou traseiro?

DOM LANCEROTE: Ui, Senhor Doutor! Digo que meu sobrinho é varão.

SEMICÚPIO: De aço ou de ferro?

DOM LANCEROTE: É homem, não me entende?

SEMICÚPIO: Ora, acabe com isso; eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulara isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe aplicava uns cravos, e se fosse varão, umas limas; como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe há de fazer.

DOM LANCEROTE: Eis aqui como gosto de ver os médicos assim especulativos.

SEMICÚPIO: Pois o mais é asneira; diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

DOM TIBÚRCIO: Tanto como a futura; porque desde que me acabaram as chouriças, que trouxe no alforje, me tem meu tio posto a pão e laranja.

DOM LANCEROTE: Aquilo são delírios, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO: Assim deve ser por força ainda que não queira, pois conforme ao aforismo: *Cum barriga dolet, caetera membra dolent.*

DOM TIBÚRCIO: Não são delírios, Senhor Doutor, que eu estou em meu juízo perfeito.

SEMICÚPIO: Pior, pois quem diz que tem juízo, não o tem.

DOM LANCEROTE: Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que um fantasma, que saiu de uma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena que tem tomado de umas moças, que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja

insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

SEMICÚPIO: Ela é muito criada de vossa mercê.

DOM TIBÚRCIO: Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está boa.

SEMICÚPIO: Cale-se, que ainda há de ter uma boa barrigada, deite a língua fora.

DOM TIBÚRCIO: Ei-la aqui.

SEMICÚPIO: Deite mais, mais.

DOM TIBÚRCIO: Não há mais.

SEMICÚPIO: Essa bastará: é forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam, vossas mercês, Senhores Doutores.

DOM GILVAZ: A língua é de prata.

DOM FUAS: Úmida está bastantemente.

SEMICÚPIO: Venha o pulso; está intermitente, lânguido, e convulsivo; ó menina, tomou as águas?

SEVADILHA: Ainda não veio o aguadeiro.

SEMICÚPIO: Pergunto se o doente fez a mija?

DOM TIBÚRCIO: Nesta casa não há urinol.

SEMICÚPIO: Pois tome-as ainda que seja numa frigideira em todo o caso, *quia per orinis optime cognoscitur morbus.*

DOM LANCEROTE: Ah, senhores, grande médico!

DONA NIZE (para Clóris): E D. Fuas como está melancólico!

DONA CLÓRIS: Estará cuidando na receita.

SEMICÚPIO: Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este Fidalgo (se é que o é, que isto não pertence à medicina) teve uma colórica procedida de paixões internas; porque o espírito agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino reto; e como a matéria crassa e viscosa que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em

líquidos: estes, pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda essa noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuatur*, disse Galeno.

DOM LANCEROTE: Eu não lhe entendi palavra.

DOM TIBÚRCIO: Eu morro, sem saber de quê.

SEMICÚPIO: Conhecida a queixa, votem o remédio, que eu, como mais antigo, votarei em último lugar.

DOM GILVAZ: Eu sou de parecer que o sangrem.

DOM FUAS: Eu, que o purguem.

SEMICÚPIO: Senhores meus, a grande queixa, grande remédio; o mais eficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para cima.

DOM TIBÚRCIO: Como é isso, de bichas nas meninas dos olhos?

SEMICÚPIO: É um remédio tópico; não se assuste que não é nada.

DOM TIBÚRCIO: Vossa mercê me quer cegar?

SEMICÚPIO: Cale-se aí; quantas meninas tomam bichas, e mais não cegam.

DOM LANCEROTE: Calai-vos, sobrinho, que ele médico é, e bem o entende.

DOM TIBÚRCIO: Por vida de Dom Tibúrcio, que primeiro há de levar o diabo ao médico, e à receita, que eu em tal consinta.

(*Ergue-se.*)

SEMICÚPIO: Deite-se, deite-se; o homem está maníaco, e furioso.

DOM LANCEROTE: Aquietai-vos, sois alguma criança?

DONA NIZE: Ora, Senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é que os informemos, eu e minha irmã, de várias queixas que padecemos.

SEMICÚPIO: Inda mais essa? Ora digam.

DONA CLÓRIS: Senhor, o nosso achaque

é tão semelhante que com uma só receita se podem curar ambos os males.

DONA NIZE: Não há dúvida que o meu achaque é o mesmo em carne que o da minha irmã.

SEMICÚPIO: Achaque em carne pertence à cirurgia.

DONA CLÓRIS: Que como dormimos ambas, se nos comunicou o mesmo achaque; e assim, senhor, padecemos umas ânsias no coração, umas melancolias n'alma, uma inquietação nos sentidos, uma travessura nas potências; e finalmente, Senhor Doutor, é tal este mal, que se sente sem se sentir; que dói sem doer, que abraça sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

SEMICÚPIO: Basta, já sei, isso é mal Cupidista.

DOM LANCEROTE: O que é mal Cupidista, que nunca tal ouvi?

SEMICÚPIO: É um mal da moda.

DONA NIZE: Que remédio nos dão vossas mercês?

DOM FUAS: Eu dissera que o óleo da Manjerona era excelente remédio.

DOM GILVAZ: O verdadeiro para essas queixas são as fumaças do Alecrim.

DOM FUAS: Ui, Senhor Doutor, a Manjerona é um excelente remédio.

DOM GILVAZ: Nada chega ao Alecrim, cujas excelentes virtudes são tantas, que para numerá-las não acha número o algarismo; e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bendita.

DOM FUAS: Se entrarmos a especular virtudes, as da Manjerona são mais que as da erva santa.

SEMICÚPIO: Daqui a pô-la no altar não vai nada.

DOM FUAS: A Manjerona é planta de Vênus, de cujos ramos se coroa Cupido, e para o mal Cupidista não pode haver melhor remédio, que uma planta de Vênus, pois se notarmos a perfeição com que a natureza a revestiu daquelas mimosas folhinhas, para que todo o

ano sejam jeroglífico da
imortalidade; aquele suavíssimo
aroma, de cuja fragrância é
hidrópico o olfato, ela é a delícia de
Flora, o mimo de Abril, e a
esmeralda no anel da primavera.

SEMICÚPIO: É verdade; não há dúvida.

DONA NIZE (*à parte*): Estou tão contente!

DOM GILVAZ: O Alecrim, senhor, pela sua
excelência é titular na república das
plantas, cujas flores, depois de
serem bela imitação dos cerúleos
globos, são a doçura do mundo nos
melífluos ósculos das abelhas.

SEMICÚPIO: Todavia a matéria é de
apicibus.

DOM GILVAZ: Ele é a coroa dos jardins; o
lenço vegetável das lágrimas da
Aurora; nas chamas é Fênix; nas
águas Rainha; e finalmente é o
antídoto universal de todos os
males, e a mais segura tábuca da
vida, quando no mar das queixas
sopram os ventos inficionados; e
para prova deste sistema repetirei
traduzido em português um
Epigrama do Proto- Médico
Avicena, poeta arábico.

SONETO

Um dia para siques quis amor
Uma grinalda bela fabricar,
E por mais que buscou, não pôde achar
Flor do seu gosto entre tanta flor.

Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quis por se espinhar,
Ao girassol mostrou não se inclinar,
E ao jacinto deixou na sua dor.

Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Num verde ramo pretendeu colher;

Tu só me agradas, disse, pois enfim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

DONA CLÓRIS: Viva o Senhor Doutor, eu
quero as fumaças do Alecrim.

DOM TIBÚRCIO: E morra o senhor doente:

ai a minha barriga!

DOM FUAS: Se versos podem servir de
textos, escute uns de um
antagonista desse Autor a favor da
Manjerona pelos mesmos
consoantes.

SONETO

Para vencer as flores quis amor
Setas de Manjerona fabricar:
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda flor.

O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No girassol foi culto o inclinar,
Ais o jacinto deu de inveja e dor.

Entre as vencidas flores pode ver
Retirar-se fugido o Alecrim,
Que amor para vingar-se o quis colher;

Cantou das flores o triunfo, enfim,
Nem os despojos quis, por não querer,
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

DONA NIZE: Viva o Senhor Doutor, eu
quero o remédio da Manjerona.

DOM LANCEROTE: Não cuidei que a
Manjerona e Alecrim tinham tais
virtudes. Vejamos agora o que diz o
Senhor Doutor.

DOM TIBÚRCIO: Que tenho eu com isso?
Senhores, vossas mercês me vieram
curar a mim, ou às raparigas? Ai,
minhas barrigas!

SEMICÚPIO: Calado estive ouvindo a
estes senhores da Escola Moderna,
encarecendo a Manjerona e
Alecrim. Não há dúvidas que *pro
utraque parte* há mui nervosos
argumentos, em que os Doutores
Alecrinistas e Manjeronistas se
fundam; e tratando Dioscórides do
Manjeronismo e Alecrinismo, assenta
de pedra e cal, que para o mal
Cupidista são remédios inanes,
porque tratando Ovídio do remédio
amoris, não achou outro mais
genuíno contra o mal Cupidista que
o Malmequer, por virtude simpática,

magnética, diaforética, e diurética,
com a qual *curatur amorem*.
Repetirei as palavras do mesmo
Ovídio.

SONETO

Essa, que em cacos velhos se produz
Manjerona misérrima sem flor,
Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abrasa por sair à luz.

Ainda que se vejam hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que elas o bolo hão de repor,
Se não negro seja eu como um lapuz.

O Malmequer, senhores, isso sim,
Que é flor, que desengana, sem fazer
No verde da esperança amor sem fim.

Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá que a Manjerona e o Alecrim,
As plantas beijarão de Malmequer.

SEVADILHA: Viva, e reviva o Senhor
Doutor, e já que é tão bom médico,
peço-lhe me cure de umas dores
tão grandes que parecem feitiço.

SEMICÚPIO: Dá cá as pulseiras. Ah, perra,
que agora te agarrei! Tu estás
marasmódica, e impiamática. Ah,
senhor, logo, logo, antes que se
perpetue uma febre podre, é
necessário que esta rapariga tome
uns semicúpios.

SEVADILHA: Semicúpios, eu? É coisa que
abomino.

SEMICÚPIO: Eu desencarrego a minha
consciência e não sou a mais
obrigado.

DOM LANCEROTE: Ela não tem querer, há
de fazer o que vossa mercê
mandar.

FAGUNDES: Eu também sou de carne,
tenho anos, e tenho achaques.

SEMICÚPIO: Pois cure-se primeiro dos
anos, logo se curará dos achaques.

FAGUNDES: Não, senhor, que este
achaque não é anual, é diário.

SEMICÚPIO: Se fora noturno, não era
mau. Pois que achaque é o seu,

senhora velha?

FAGUNDES: Que há de ser! É esta madre,
que me persegue.

SEMICÚPIO: Ui, você com esses anos
ainda tem madre? E o que será de
velha a senhora sua madre? Filha,
isso não é madre, é avó.

FAGUNDES: Talvez, que por isso tão
rabugenta me persiga. E que lhe
farei, Senhor Doutor?

SEMICÚPIO: A uma madre velha que se
lhe há de fazer? Andar, ponha-lhe
óculos e muletas, e deixe-a andar.

DOM LANCEROTE: Isto aqui é um hospital,
graças a Deus, só eu nesta casa sou
são como um pero, apesar de duas
fontes e uma funda.

SEMICÚPIO: Ó ditoso homem, que vive
sem males!

DOM TIBÚRCIO: Senhores, o meu mal
devia ser contagioso; porque depois
da minha doença todos
adoeceram. Ai, minha barriga!

DOM LANCEROTE: Pois em que ficamos?

SEMICÚPIO: Senhor meu, falando em
termos, o doente sangue-se no pé,
vossa mercê, na bolsa; às senhoras
suas sobrinhas, três banhos; à moça,
semicúpios; e a velha lancem-na às
ondas que está danada.

FAGUNDES: Ai, que galante coisa!

DONA CLÓRIS: Eu não quero mais
remédio, que os fumos do Alecrim.

DONA NIZE: E eu os da Manjerona.

SEMICÚPIO: Não seja essa a dúvida, ainda
que não sou desse voto, contudo
cada um é senhor da sua vida e se
pode curar como quiser; lá vai a
receita.

(Canta Semicúpio a seguinte Ária:)

Si in medicinis
Te visitamus,

Non asniamus
Sed de Alecrinis,
Et Manjeronis
Recipe quantum
Satis aná.

Crediti mihi,
Qui sum peritus,

Non mediquitus
De cacaracá.

DOM LANCEROTE: Esperem, senhores, vossas mercês perdoem, lá repartam essa ninharia entre todos que eu não estou aparelhado senão para um.

SEMICÚPIO: Venha embora, que só este é o verdadeiro sintoma da medicina.

(Vai-se.)

DOM GILVAZ: Ai, Clóris, que quando o mal é de amor, só o morrer é remédio.

(Vai-se.)

DOM FUAS: Finjo que me vou por ver se posso apurar a falsidade de Dona Nize.

(Vai-se.)

DOM TIBÚRCIO: Mande-me cerrar este biombo, que vou entrando em um suor copioso, abafem-me bem.

DOM LANCEROTE: Aqui servia o meu capote: paciência! Vamo-nos, e deixemo-lo suar, ninguém lhe fale à mão.

(Vai-se.)

DONA CLÓRIS: Vamos, Nize, a moralizar os extremos destes amantes.

(Vai-se.)

DONA NIZE: Tanto me importa, vamos a regar os nossos craveiros.

(Vai-se.)

FAGUNDES: O diabo de Semicúpio temo, que m'ó meta em um chichelo com seus ardis.

(Vai-se.)

SEVADILHA: E para ver se o meu Malmequer também entra em réstia.

(Vai-se. Entra Dom Fuas.)

DOM FUAS: Já todos se foram. Quem me dera encontrar a esta tirana, cruel, falsa, inimiga.

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES: D. Tibúrcio fica a suar como um cavalo. Mas, ai! Quem está aqui?

DOM FUAS: Sou eu, Senhora Fagundes, não se assuste.

FAGUNDES: Senhor, que temeridade é esta? Vossa mercê não vê que

ainda é lusco-fusco? Como, sem deixar anoitecer, penetra esta parede aonde até o Sol entra às furtadelas?

DOM FUAS: Não reparei que ainda era dia; pois no abismo de meu ciúme sempre estou às escuras. Aonde está esta cruel D. Nize?

FAGUNDES: Estará no jardim.

DOM FUAS: Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meter-me na caixa a mim e a D. Gil.

FAGUNDES: Vamos, que eu lhe contarei o que foi; ande por aqui com pés-de-lã. Ai, Senhor Dom Fuas, quanto me deve!

CENA VI

(Vista de quintal, em que haverão alguns alegretes, e uma capoeira; e vem Dom Gilvaz, e Semicúpio descendo por uma corda.)

DOM GILVAZ: Semicúpio, deixa-me descer eu primeiro, para que se não quebre a corda com o peso de ambos.

SEMICÚPIO: Agarre-se bem à corda, e deixe-se escorregar.

DOM GILVAZ: Ora, já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com D. Clóris.

(Vai-se. Entra Dom Lancerote.)

DOM LANCEROTE: Este quintal é o meu divertimento, e encanto; um homem aqui assentado e tomando o fresco, não há maior regalo.

SEMICÚPIO: Agora já poderei descer afoitamente.

DOM LANCEROTE: Que é isso que cai sobre mim? Quem me acode?

(Ao descer Semicúpio cai sobre Dom Lancerote.)

SEMICÚPIO (à parte): Não é nada, escarranchei-me no velho cuidando que era poial; estou bem aviado!

DOM LANCEROTE: Mas que vejo? Aqui-d'El-Rei, ladrões!

SEMICÚPIO: Não o disse eu?

DOM LANCEROTE: Ladrão, velhaco, tu, descendo por uma corda os altos

muros de meu quintal? Pois com essa mesma corda te atarei de pés e mãos, até que amanheça, para entregar-te à justiça.

SEMICÚPIO: É bem feito, já que eu mesmo dei a corda para me enforçar.

DOM LANCEROTE: Dá cá os braços.

SEMICÚPIO: Já está meu amigo? Quer-me abraçar?

DOM LANCEROTE: Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

SEMICÚPIO: Não tenho febre.

DOM LANCEROTE: Anda, que atado hás de ficar.

SEMICÚPIO: Senhor, por sua vida, que me não ate; basta o enleio em que me vejo.

DOM LANCEROTE: Dize, a que vieste a este quintal?

SEMICÚPIO: Ora, senhor, ate-me muito embora mas não me aperte por isso.

DOM LANCEROTE: Por isso é que eu te aperto; hás de confessar a que vieste.

SEMICÚPIO (*à parte*): Eu estou atado, não sei o que lhe responda.

DOM LANCEROTE: Qual foi o fim que aqui te trouxe?

SEMICÚPIO: A dar fim à minha vida, por dar princípio à minha morte por meios desta corda, que falsa me entregou nas mãos de vossa mercê.

DOM LANCEROTE: Vieste roubar-me, não é verdade?

SEMICÚPIO: Sim, senhor, mas foi a roubar-lhe as atenções.

DOM LANCEROTE: Anda, ladrãozinho, para a capoeira donde ficarás atado.

SEMICÚPIO: Para onde, senhor?

DOM LANCEROTE: Para a capoeira até que venha o Sol a ser testemunha do teu latrocínio.

SEMICÚPIO: Pois vossa mercê quer encapoeirar-me? Graças a Deus que não sou cá nenhuma galinha, mas sabe por que fala? Porque me acha atado, quando não havíamos jogar as cristas.

DOM LANCEROTE: Anda, ladrão, que aqui

ficarás até amanhecer.

(*Vai-se.*)

SEMICÚPIO: Ora, criado senhor

Semicúpio: já sabemos que isto é meio caminho andado para a forca; mas é bem feito, que isto a mim se suceda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que ele fosse galo, me vejo eu feito galinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glórias, e eu entre penas; ele voando na esfera de amor, e eu de asa caída na gema dos ovos.

(*Entra Fagundes.*)

FAGUNDES: Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a salada de rabos para cearmos; já temperei as gaitas para o galego; já assei o fricassé; já cozi um guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou uma tonta, esquecia-me o melhor, que é matar uma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

SEMICÚPIO: Eu o estava dizendo; grande desgraça é ser um homem galinha, pois até de uma mulher tem medo.

FAGUNDES: Mas confesso que não sou para ver sangue, que logo desmaio; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

SEMICÚPIO: Oh, mulher! Deus te tire isso do pensamento.

FAGUNDES: Qual! Eu sou muito melindrosa e pusilânime; não tenho valor para matar uma formiga. Ora lá vai a Deus, e à ventura.

SEMICÚPIO: Sem falência eu morro de morte galinha! não há mais remédio que falar à velha; mas se lhe falo é capaz de acordar o cão do velho, que está dormindo, e encerrar-me em parte mais apertada; não sei o que faça; pois tal estou, que se a velha me mata, não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

FAGUNDES: Para que é cansar, eu não sou sanguinolenta.

(Entra Sevadilha.)

SEVADILHA: Fagundes, o senhor está desesperado por você; que faz aí?

FAGUNDES: Já que vieste, matarás uma galinha, que eu não me atrevo.

(Vai-se.)

SEMICÚPIO: Lá vem a Sevadilha: ora, o certo é que donde a galinha tem os ovos aí se lhe vão os olhos.

SEVADILHA: Aborrece-me gente melindrosa; vejam agora que dó pode haver de matar um animal? Verão como eu faço isso brincando.

SEMICÚPIO: Não são bons brincos esses, Sevadilha; mas se tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

SEVADILHA: Ai, que estamos em tempo que falam os animais! Este pela voz é Semicúpio.

SEMICÚPIO: Eu sou que te falo de papo; é o teu Semicúpio que está feito semigalo.

SEVADILHA: Quem te meteu aí?

SEMICÚPIO: O velho, por eu ser metediço.

SEVADILHA: Pois como foi?

SEMICÚPIO: Já me não lembro, que eu tenho memória de galo.

SEVADILHA: Anda cá para fora.

SEMICÚPIO: Não posso, sem tu me enxotares daqui.

SEVADILHA: Como não podes, se eu sei que muito pode o galo no seu poleiro?

SEMICÚPIO: Isso seria se o velho não me desasara.

SEVADILHA: Não sabes o bem que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás frança!

SEMICÚPIO: Sim, estou frança, porque estou feito galo.

SEVADILHA: Pois dá-me das tuas penas para um regalo.

SEMICÚPIO: Pois tu te regalas com as minhas penas?

SEVADILHA: Não, mas folgo de ver-te feito alma em pena.

SEMICÚPIO: Que fará, se souberas, que estou todo coberto de penas vivas? Ora, anda, Sevadilha, tira-me de mais penas.

(Cantam Semicúpio e Sevadilha a seguinte Ária a duo.)

SEVADILHA: Meu frangainho Topetudo

Como é galantinho!

Que lindo que está?

SEMICÚPIO: Minha bela

Malfazeja,

Caí na esparrela,

Liberta-me já.

SEVADILHA: Coitada da pila,

Pila, pila, pila,

Que te hão de pilar.

SEMICÚPIO: Acode-me, filha.

Que estou, há meia hora

A cacarejar.

AMBOS: Que triste cantar

É o cacarejar!

SEVADILHA: Mas não te agastes,

Que eu vou te a soltar.

SEMICÚPIO: Vem já, que não posso

Mais tempo penar.

AMBOS: Que é pena, que é mágoa,

Que uma ave de pena

Não possa voar.

SEMICÚPIO: Anda, deita-me pela porta fora, ainda que seja aos coices.

(Vai-se.)

SEVADILHA: Ora vamos.

(Vai-se. Entra Dom Fuas.)

DOM FUAS: Para este quintal, ou jardim, ou o que for, me disse Fagundes viera Dona Nize a regar a sua Manjerona; mas enquanto ela não vem, me esconderei atrás deste canteiro de Alecrim, pois de Manjerona não quero auxílios, para encobrir-me de argentados esplendores da Lua, que tão clara se ostenta esta noite, talvez avisando-me na clara inconstância de seus raios a variedade de Dona Nize.

(Esconde-se da banda do Alecrim. Entra Dom Gilvaz.)

DOM GILVAZ: Grande temeridade, foi a minha, pois sem avisar a Dona Clóris me expus a penetrar os quartos desta casa, com o perigo de me encontrar D. Lancerote; mas, sem dúvida, Clóris virá a este seu jardim

a namorar o seu Alecrim; e assim escondido nas sombras destas plantas... Mas aí que é Manjerona! Perdoa, Clóris, que esta ação foi um caso e não eleição.

(Esconde-se da banda da Manjerona. Entram Dona Nize e Dona Clóris, cada uma pela sua parte com aguadores na mão, regando, e cantando o seguinte:)

DONA NIZE: Sois no céu de Flora,
Manjerona bela.
Não só verde estrela,
Mas luzida flor.

DONA CLÓRIS: Alecrim florido,
Que de abril na esfera
Sois na primavera
Fragrante primor.

AMBAS: Esta pura neve,
Que tributa Flora,
São risos da Aurora,
E lágrimas de amor.

RECITADO

DONA NIZE: Mas que vejo? *(Ai de mim!)*
Quem arrogante,
Da Manjerona usurpa o ser fragrante?
DOM GILVAZ: Quem, ó Nize, escondido
amante espera
O Sol que adoro nesta verde esfera?
(Sai.)

DOM FUAS: Pois, traidor, como assim
tirano intentas,
Roubar-me a Nize, que meu peito adora?
(Sai.)

E tu, falsa inimiga. Mas aí triste,
Que mal a tenta pena a dor resiste!
DONA CLÓRIS: E tu, falso Dom Gilvaz, que
em torpe insulto
Buscas a Manjerona amante oculto,
Deixa-me, fermentido...
DOM GILVAZ: Atende, ó Clóris,
Que sem causa fulmina teus rigores,
Quando em puros ardores
Nas chamas do Alecrim feliz me abraço.

DONA NIZE: Sem motivo, D. Fuas, me
criminas, porque eu firme...

DOM GILVAZ: E eu constante...

DOM GILVAZ e DONA NIZE: Fiel te adoro,
e te busco amante.

ÁRIA A 4

DOM GILVAZ: Atende, ó Clóris, atende
Verdades de quem sabe
Ser firme em te adorar.

DONA CLÓRIS: Suspende, infiel, suspende
Injúrias de quem sabe
Jamais te acreditar.

DOM FUAS: Nize ingrata, infiel amigo,
Cesse a bárbara indecência,
Que a evidência
Não se pode equivocar.

DOM GILVAZ e DONA NIZE: Pois tu só
querida prenda,

DOM FUAS e DONA CLÓRIS: Já não creio
os teus enganos,

DOM GILVAZ e DONA NIZE: Nas purezas
do meu peito
Felizmente viverás.

DOM FUAS e DONA CLÓRIS: Nos rigores
de meu peito

Teu castigo encontrarás.

TODOS: Mas, ó cego amor tirano,
Como posso em tanto dano
Teu estrago idolatrar?

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES: Já acabaram de cantar? Pois
agora entrem a chorar.

DONA CLÓRIS: Por quê, Fagundes?

FAGUNDES: Porque o senhor seu tio diz
que logo vem ao quintal, afirmando
que há ladrões em casa, e diz que
se não há de deitar esta noite ainda
que faça rosa divina.

DOM GILVAZ: Aonde estará Semicúpio?

FAGUNDES: Não aparece; senhores,
escondam-se e não digam ao
depois, que duro foi, e mal se
cozeu.

DONA NIZE: Metam-se nesta capoeira
entretanto.

DOM GILVAZ: E que remédio, já que
Semicúpio não aparece?

DOM FUAS: A necessidade sabe unir a
quem se deseja separar. Nize cruel,
eu me escondo na capoeira, que
só o lugar das penas é o centro de
um amante infeliz.

(Mete-se na capoeira.)

DOM GILVAZ: Quem serve a Cupido, às
vezes é leão, às vezes galinha.

(Mete-se na capoeira.)

FAGUNDES: Ah, senhores, não me esmaguem os ovos de uma galinha que aí está de choco.

(Entram Dom Tibúrcio e Sevadilha.)

SEVADILHA: Senhor, não me persiga: olhem o diabo do homem!

DOM TIBÚRCIO: Aí no quintal te quero. Mas aqui está Clóris, e Nize, remediarei o negócio. Esta moça faz zombaria de mim; deixa-me tu casar, que eu te porei a caminho.

DONA CLÓRIS: Que é isso, primo? Como, estando doente, e tão perigoso, vem a estas horas ao sereno?

DOM TIBÚRCIO: Que há de ser, se vocês não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo que não faça às avessas? De sorte que me fez vestir e sair atrás dela, como desesperado das perrices que me faz.

DONA NIZE: Tu não queres, Sevadilha, senão ser descortês a meu primo?

FAGUNDES: Vossas mercês não querem crer que se há de fazer desta moça a peste, fome e guerra.

SEVADILHA: Para que estamos com arcas encoiradas? O Senhor Dom Tibúrcio anda-me ao sucário, e não me deixa uma hora, nem instante.

DOM TIBÚRCIO: Calte, mentirosa.

FAGUNDES: Isso tem ela que levanta um testemunho como quem levanta uma palha.

DONA CLÓRIS: Não nos importa essa averiguação; só digo, senhor Dom Tibúrcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui conosco a estas horas, e que pode vir meu tio e achar-nos com vossa mercê; que suposto seja primo e com tentações de noivo, sempre o recato e decência se deve conservar; e assim lhe pedimos em cortesia se vá para o seu quarto.

SEVADILHA: Ande, vá despejando o beco.

DOM TIBÚRCIO: Nem eu quisera que meu tio me achasse aqui por nenhum modo. Mas coitado de mim, que ele lá vem! Tomara que me não visse.

SEVADILHA: Pois esconda-se nesta capoeira.

DOM TIBÚRCIO: Dizes bem.

DONA CLÓRIS: Estás louca, Sevadilha? Meu primo há de se lá meter numa capoeira? Isso não.

DOM TIBÚRCIO: Não importa que para conservar o seu recato me meterei na parte mais imunda.

DONA NIZE: Estamos perdidas, que lá se encontra com os dois! Que fizeste, maldita?

SEVADILHA: Eu bem sei o que fiz: verão que peça lhe prego.

DOM GILVAZ: Este deve ser Semicúpio. És tu Semicúpio?

DOM TIBÚRCIO: Qual Semicúpio? Sou uma Semibala para ele: quem está aqui? Ó Sevadilha, abre-me a porta que eu quero sair, corra a água por onde correr.

SEVADILHA: Cale-se que aí vem o velho.

DOM FUAS: Que tal me suceda!

DOM GILVAZ: Estou tremendo!

DONA NIZE e DONA CLÓRIS: Estamos perdidas!

(Entram Dom Lancerote com uma luz na mão, e Semicúpio vestido de Ministro com vara na mão.)

SEMICÚPIO: Não se assustem, minhas senhoras, que isto não é mais que uma diligência.

DOM LANCEROTE: Vossa mercê poupou-me o trabalho de ir procurar de manhã para lhe entregar um ladrão que tenho preso naquela capoeira.

SEMICÚPIO: A isso mesmo venho, que já tive quem disse me avisasse.

DONA NIZE (à parte): Que será isto?

DONA CLÓRIS (à parte): São infortúnios meus.

FAGUNDES (à parte): Demos com o pé na peia.

SEVADILHA (à parte): Folgo por amor de D. Tibúrcio.

SEMICÚPIO: Hoje todos hão de mamar o chasco, que a ninguém me hei de dar a conhecer. Ora, meu senhor, como foi esse caso?

DOM LANCEROTE: Suponha vossa mercê que acabada uma junta de médicos, que vieram assistir a meu sobrinho, sendo já quase noite, estando eu assentado junto daquela

Manjerona, que não me deixará mentir, veio descendo um homem por uma corda, e cuidando que eu era poial, me pôs o pé no cachaço.

SEMICÚPIO: Isso foi o mesmo que pô-lhe o pé no pescoço: não há maior desaforo.

DOM LANCEROTE: Assustei-me, não há dúvida, quando me vi daquela sorte oprimido; mas, tornando a mim, fui sobre ele e conhecendo que era ladrão, o prendi nessa capoeira donde a perspicaz diligência de vossa mercê saberá melhor obrar do que eu falar.

SEMICÚPIO: E como conheceu vossa mercê que era ladrão?

DOM LANCEROTE: Pela cara, que era a mais horrenda que meus olhos viram.

SEMICÚPIO (*à parte*): Estou já desenganado que sou feio.

DOM LANCEROTE: Ande vossa mercê e verá.

SEMICÚPIO: Ah, sô ladrão, saia cá para fora.

DOM FUAS: Vossa mercê vem enganado, porque eu (*Entra.*) há maior desgraça! Sou um homem bem nascido.

SEMICÚPIO (*à parte*): É D. Fuas, que me dera ver a D. Gil, que é o que cá me traz.

DOM LANCEROTE: Senhor, este não é o ladrão que eu encerrei.

SEMICÚPIO: Já se vê que este não é tão feio como vossa mercê diz; vejamos se está lá mais algum? Oh, cá está mais outro; *venite ad cam para foram.* (*À parte.*) Ai, que é D. Gil! Já estou descansado.

DOM LANCEROTE: Também não é este o ladrão, que eu aqui encerrei.

DOM GILVAZ: Claro está que não sou eu, pois eu graças a Deus não necessito de furtar.

DOM LANCEROTE: E que faziam vossas mercês aqui, se não eram ladrões?

SEMICÚPIO: Essa inquirição me pertence a mim que sou juiz privativo desta causa; e vossa mercê, meu amo, não se costume a mentir aos

Ministros de vara grossa, dizendo-me que o ladrão era feio e horrendo, quando vemos que estes senhores são mui bem estreados.

DOM LANCEROTE: Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feio homem que vi em meus dias.

SEMICÚPIO: Cale-se, não minta, que o hei de mandar carregar de ferros.

DOM LANCEROTE: Ora, senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que assim como achou dois, que eu não meti, talvez que ache o que eu encerrei.

SEMICÚPIO: Já não tenho mais que buscar.

DOM LANCEROTE: Faça-me esse gosto que pode lá estar ainda mais algum.

SEVADILHA: Isso que se perde? Veja, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO: Bem sei que vou de balde, mas eu vou: mas, não, entre vossa mercê, que me não quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

DOM LANCEROTE: Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ai, que ele aqui está! Não o disse eu?

SEMICÚPIO: Traga-o cá para fora.

DOM LANCEROTE: Ei-lo aqui. Mas, que vejo! Não sois vós, meu Sobrinho?

DOM TIBÚRCIO: Eu sou, por meus pecados.

DOM LANCEROTE: Eu estou besta em besta.

SEMICÚPIO: Este sim, que é o ladrão, que tem horrendíssima cara; todos três venham comigo.

DONA NIZE (*à parte*): Ai, D. Fuas, que eu estou sem alma!

DONA CLÓRIS (*à parte*): Ai, D. Gil, que estou sem vida!

DOM LANCEROTE: Senhor, advirto que este é meu sobrinho.

SEMICÚPIO: Por ser seu sobrinho, não pode ser ladrão?

DOM LANCEROTE: Senhor, ele mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

SEMICÚPIO: Pois acaso ele dorme na capoeira?

DOM LANCEROTE: Não senhor.

- SEMICÚPIO:** Se não dorme, que fazia nela feito *socius criminis* destes dois machacazes?
- DOM LANCEROTE:** Sobrinho, a que vieste à capoeira?
- DOM TIBÚRCIO:** Eu, senhor, estando...
- SEMICÚPIO:** Chitom, não me usurpe a jurisdição; já disse que estas averiguações só a mim me pertencem: vamos andando *ad cagarronem*.
- DOM LANCEROTE:** Não importa; ide, sobrinho, que Deus é grande.
- DOM TIBÚRCIO:** A minha inocência me livrará.
- DOM LANCEROTE:** Como é a sua graça, meu senhor?
- SEMICÚPIO:** O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fora daqui com alçada na vara até o ar.
- DOM LANCEROTE:** Pois, Senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa mercê de caminho, que também me furtaram um capote de Saragoça em mui bom uso.
- SEMICÚPIO:** Capote de Saragoça é caso de devassa: notificados vossas mercês todos para que em amanhecendo venham jurar à minha casa sobre este furto.
- DOM LANCEROTE:** E onde mora vossa mercê?
- SEMICÚPIO:** Junto a um D. Gilvaz, que mora...
- DOM LANCEROTE:** Já sei, eu perguntarei.
- SEMICÚPIO:** Pois lá estará quem lhe responda.
- DOM GILVAZ (à parte):** Ai, que é Semicúpio! Agora reparo, já estou sem susto.
- SEMICÚPIO:** Vamos: amanhã todos à minha casa, sob pena de prisão.
- DOM FUAS:** Ai, Nize, que as tuas falsidades me puseram neste estado!
- DOM TIBÚRCIO:** Tio, trate logo de soltar-me.
(*Vai-se.*)
- DOM GILVAZ:** Quem não deve, não teme.
(*Vai-se.*)
- DOM LANCEROTE:** Que mal sossegarei esta noite, indo preso meu sobrinho, e não aparecer o ladrão que eu prendi! Não há homem mais desgraçado!
(*Vai-se.*)
- DONA NIZE:** Tal estou de sentimento que até me faltam as lágrimas para o alívio.
(*Vai-se.*)
- FAGUNDES:** Eis aqui os Alecrins e Manjeronas: coisas de ervas é para bestas.
(*Vai-se.*)
- SEVADILHA:** E de que escapou Semicúpio! Também alguma boa alguma rezou por ele.
(*Vai-se.*)
- DONA CLÓRIS:** Ai, D. Gil, que a tua desgraça será a causa da minha morte!
(*Vai-se.*)

CENA VII

(*Sala, em que haverá um bufete, tinteiro, papel, pena e cadeiras; e entram D. Gilvaz, e Semicúpio vestido ainda de Juiz.*)

DOM GILVAZ: Não te perdão o susto que me fizeste levar.

SEMICÚPIO: Nem eu o chasco da capoeira que me fez sofrer.

DOM GILVAZ: E agora que determinas com essa devassa que queres tirar?

SEMICÚPIO: Logo verá.

DOM GILVAZ: E por que não soltas a D. Fuas e a D. Tibúrcio que estão fechados naquele quarto escuro?

SEMICÚPIO: Não poderei também ter meus segredos sem que ninguém o saiba? O certo é que como o trouxemos às escuras entendem fixamente que estão em rigorosa prisão. Mas, aí vem gente e vossa mercê faça vezes de escrivão.

DOM GILVAZ: Aí parou uma sege: se serão elas?

SEMICÚPIO: Lá está quem as há de encaminhar; *sedete*, que aí vem subindo a primeira testemunha.
(*Entra Dom Lancerote.*)

DOM LANCEROTE: Senhor, aqui estamos todos à ordem de vossa mercê.

SEMICÚPIO: Venham entrando um a um.

DOM LANCEROTE: Pois, senhor, lembre-se do meu capote.

SEMICÚPIO: Eu já tenho tomado isso a mim; vá descansado que eu puxarei bem pela justiça e farei quanto ela der de si.

DOM LANCEROTE: Não tenho mais que dizer.

(Vai-se.)

DOM GILVAZ: Homem, tu me tens atônito com as tuas indústrias!

SEMICÚPIO: Bem é que as reconheça: ah, senhor, esteja de meio perfil, para que o não conheça D. Nize, que lá vem.

(Entra Dona Nize.)

DONA NIZE: Venho morta: nunca em tal me vi!

SEMICÚPIO: Uma vez é a primeira: senta-se, minha senhora, desabafe-se, suponha que está em sua casa.

DONA NIZE: Ai, senhor, não sei que respeito infunde a cara de um Juiz, que faz titubear o mais valente coração!

SEMICÚPIO: E mais eu, que pareço um Papiniano assanhado! Diga o seu nome: vá lá escrevendo, Senhor Escrivão.

DONA NIZE: Chamo-me D. Nize Sílvia Rufina Fabia Laura Anarda, e...

SEMICÚPIO: Basta, senhora, e pode vossa mercê com todos esses nomes?

DONA NIZE: Ainda faltam quatorze.

SEMICÚPIO: Visto isso, é vossa mercê a mulher mais nomeada que há no mundo. Que idade tem?

DONA NIZE: Quinze anos escassos.

SEMICÚPIO: Liberal andou a natureza; em tão poucos anos tanta perfeição! E do costume?

DONA NIZE: Não entendo.

SEMICÚPIO: Ponha lá que do costume jejuar. Sabe quem furtou aquele capote ao senhor seu tio?

DONA NIZE: Presumo que foi um criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim.

SEMICÚPIO: Tenho largas notícias desse criado, e me dizem que é ardiloso *quantum satis*.

DONA NIZE: Isso é pasmar!

SEMICÚPIO: E sabe se aqueles homens da capoeira seriam ladrões?

DONA NIZE: Não, senhor, porque um era D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

SEMICÚPIO: Diga, não se faça rubicunda.

DONA NIZE: Senhor, os ditos homens vieram por causa de amor; e como veio meu tio, se esconderam na capoeira.

SEMICÚPIO: Rapaziadas. Ora, ande, vá-se aí para dentro e não faça outra: seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito, *honestè vivere*.

DONA NIZE: À obediência de vossa mercê.

(Vai-se.)

DOM GILVAZ: Homem, acabemos com isso, venha Dona Clóris, por quem estou suspirando.

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES: Muito bons dias, meu senhor.

SEMICÚPIO: Chegue-se para cá; olhe para mim, vossa mercê a meu ver tem cara de testemunha falsa, ou eu me enganarei.

FAGUNDES: Serei o que vossa mercê quiser.

SEMICÚPIO: Como se chama?

FAGUNDES: Ambrósia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

SEMICÚPIO: Isso são nomes ou alcunhas?

FAGUNDES: Será o que vossa mercê for servido.

SEMICÚPIO: Casada ou solteira?

FAGUNDES: Nem casada, nem solteira, assim, assim.

SEMICÚPIO: Assim como?

FAGUNDES: É que tenho marido no Brasil há quarenta e sete anos.

SEMICÚPIO: De que anos casou?

FAGUNDES: De quarenta justos, que os fui fazer à porta da igreja.

SEMICÚPIO: Que anos tem?

FAGUNDES: Vinte e cinco bem puxados.

SEMICÚPIO: Não é nada, casou de quarenta, tem o marido no Brasil há quarenta e sete anos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se daí bêbada, falsária, que a hei de amarrar a uma escada, e deitá-la por essa janela fora.

FAGUNDES: Eu não sei contar, senão pelos dedos: ouça vossa mercê que eu quero dar a minha quartada.

SEMICÚPIO: A quartada dei eu: ande; ande, não cuide que se há de lavar com uma bochecha d'água; vá-se para dentro.

FAGUNDES: Eu vou rebolindo.
(*Vai-se.*)

DOM GILVAZ: Acaba já com isso.
(*Entra Sevadilha.*)

SEVADILHA: Sou criada de vossa mercê.

SEMICÚPIO: Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a vara que estou varado. Menina, como é o seu nome?

SEVADILHA: Sevadilha, sem mais nada.

SEMICÚPIO: Que anos tem?

SEVADILHA: Sete mui fanados.

SEMICÚPIO: Só sete? Não sois má cartinha para um sete levar. Casada ou solteira?

SEVADILHA: Estou para casar com um criado daqui do seu vizinho, D. Gil, que ainda que feio é mui carinhoso.

SEMICÚPIO: Esse foi o que furtou o capote a seu amo?

SEVADILHA: Este mesmo.

SEMICÚPIO: Logo é ladrão?

SEVADILHA: É o vício que tem, que se não fora isso era um moço perfeito.

SEMICÚPIO: Ai, Sevadilha, que esse ladrão...

SEVADILHA: Que tem, meu senhor?

SEMICÚPIO: Nada, nada: e por um triz que não deponho a judicatura e perco o júizo: assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

SEVADILHA: Eu não sei escrever.

SEMICÚPIO: Porém sabes muita letra: vai-te aí para dentro. A rapariga me pôs a ver jurar testemunhas.

SEVADILHA: Eu já vi uma cara que se parecia com a deste Juiz.
(*Vai-se.*)

SEMICÚPIO: Entre quem falta.

DOM GILVAZ: Resta D. Clóris, Semicúpio, perdoa que hei de falar-lhe.

SEMICÚPIO: Faça o que lhe digo, e não tenha graças comigo.

DOM GILVAZ: Como estás inchado!

SEMICÚPIO: Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão.
(*Entra Dona Clóris.*)

DONA CLÓRIS: Senhor Juiz, logo declaro que eu de furtos não sei nada, e só que D. Gil foi um dos da capoeira, e está inocente porque...

DOM GILVAZ: Porque foi preciso obedecer-te, querida Clóris.

DONA CLÓRIS: Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coração.

DOM GILVAZ: Não te admires dos sucessos de meu amor que os influxos do teu Alecrim sabem triunfar dos maiores impossíveis.

SEMICÚPIO: Aliás, que um Semicúpio sabe fazer possíveis as maiores dificuldades. Aí tem, Senhor D. Gilvaz, o seu bem de portas adentro; tenho cumprido a minha palavra e, se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

DONA CLÓRIS: Uma vez que me vejo em tua casa, não porei mais em contingências a minha fortuna.

SEMICÚPIO: Isso mesmo; quem disse casa casa.
(*Entra Dom Lancerote.*)

DOM LANCEROTE: Que é isto, Senhor Doutor? As testemunhas vêm e não tornam?

SEMICÚPIO: Já está concluída e sentenciada a devassa.

DOM LANCEROTE: Quem são os culpados?

SEMICÚPIO: As Senhoras suas sobrinhas, que são umas finas ladras.

DOM LANCEROTE: Minhas sobrinhas, ladras? De que sorte?

SEMICÚPIO: Desta sorte; vamos saindo cá para fora. (*Vai Semicúpio trazendo a todos para fora e diz o seguinte:*) Porque vistos estes sucessos, consta que a Senhora Dona Nize furtou o coração do Senhor Dom Fuas, e a Senhora Dona Clóris o de Dom Gil; e assim é de razão que lho restituam, casando com eles; porque no matrimônio se entregam os corações com as vontades.

DOM FUAS: Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre e admirado desta rara inventiva de Semicúpio.

DONA NIZE: É de justiça esta ação: que alegria!

DOM GILVAZ: Dona Clóris, dá-me o coração, que me tens, na mão que te peço.

SEMICÚPIO: Isso é falar com o coração nas mãos. Senhora Dona Clóris, case-se mas não se arrependa.

DONA CLÓRIS: Senhor Dom Gil, o meu coração lhe entrego em recompensa do que lhe roubei, se acaso é furto o que se dá por vontade.

SEMICÚPIO: Dom Tibúrcio, tenha paciência e pague as custas de permeio com o senhor Dom Lancerote, já que foram tão basbaques que se deixaram enganar de mim. Semicúpio, tantos de tal mês etc.

DOM TIBÚRCIO: Senhor tio, seja-lhe para bem, que aqui já não há para onde apelar.

DOM LANCEROTE: Nem eu posso agravar quando o matrimônio é o ditoso fim destes excessos.

SEVADILHA: Quem casa a tantos, por que se não casa a si?

SEMICÚPIO: Não me faleis em remoque; já sei, Sevadilha, que queres casar comigo; e pois a sentença passou em coisa julgada, demos as mãos e a boa vontade.

SEVADILHA: Oh, discreta mão, que escreveu tal sentença!

FAGUNDES: E que há de ser de mim, Semicúpio, que neste negócio também dei minha penada?

SEMICÚPIO: Em vindo a frota, virá teu marido.

DOM GILVAZ: E pois te consegui, galharda Clóris, publique a fama os vivos do Alecrim, que triunfou de tantos impossíveis.

DOM FUAS: Tende mão, que não é justo que roubeis a Manjerona a parte, que lhe toca no aplauso que merece; pois à sombra de suas

folhas conseguiste muita parte da dita, que possuis.

FAGUNDES: Isso é verdade, senão diga-o a escada e a caixa.

DOM TIBÚRCIO: Foi boa caixa.

DOM GILVAZ: Que importa que a Manjerona abrisse os caminhos aos favores, se o Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleios?

SEMICÚPIO: E senão diga-o também o fogo selvagem, a medicina, a ministrice, e a mãe de duas filhas.

DOM TIBÚRCIO: Pois que vai, senhor tio? É bico ou cabeça?

DOM LANCEROTE: Paciência por força.

DONA CLÓRIS: Não se pode negar que venceu o meu Alecrim, pois ele tocou a meta, pondo fim a nossos desejos.

DONA NIZE: A Manjerona só merece aplausos, porque deu princípio a este fim.

SEMICÚPIO: Então, visto isto, venceu o Malmequer pois ele foi o meio entre o princípio da Manjerona, e o fim do Alecrim.

SEVADILHA: Pois viva o Malmequer.

DOM GILVAZ: Tenho dito, venceu o Alecrim.

DOM FUAS: Se a eficácia das razões não basta a convencer-vos, esta espada fará confessar o triunfo da Manjerona.

SEMICÚPIO: Deixe estar a folha, que as da Manjerona não são o Alcorão de Mafoma, para que se defendam à ponta de espada; e pois, estou feito Juiz, pela autoridade que tenho declaro que ambas as plantas venceram o pleito pois cada uma fez quanto pôde; e para que se acabem essas guerras do Alecrim e Manjerona, mando que os dois ranchos façam as pazes e se ponha perpétuo silêncio nesta matéria, sob pena de serem assuntos de minuetos e andarem por boca de Poetas, que é pior que pelas bocas do mundo.

TODOS: Pois viva o Alecrim, e viva a Manjerona.

SEMICÚPIO: E viva todo o bicho vivo.

DOM LANCEROTE: Vivamos todos, meu Sobrinho.

DOM TIBÚRCIO: Essa é a verdade.

SEMICÚPIO: E como não há triunfo sem aclamação, enquanto o Coro não principia a festejar este aplauso, coroemos esta obra com as ramas da Manjerona e Alecrim.

CORO

DONA NIZE e DOM FUAS: Viva a Manjerona

Perpétua no durar.

DONA CLÓRIS e DOM GILVAZ: Viva o

Alecrim

Feliz no florescer.

TODOS: Viva a Manjerona

Viva o Alecrim,

Pois que um soube vencer,

E a outra triunfar.

DONA NIZE e DOM FUAS: No templo de Cupido

Troféu de amor será.

DONA CLÓRIS e DOM GILVAZ: Nas aras da fineza

Em chamas arderá.

TODOS: Viva a Manjerona,

Viva o Alecrim,

Pois que um soube vencer,

E a outra triunfar.

FIM

LEONOR DE MENDONÇA

Gonçalves Dias

PERSONAGENS

D. Jaime – Duque de Bragança
Leonor de Mendonça – Duquesa de Bragança
Alfonso Pires Alcoforado – o velho
Antônio, Manoel e Laura – seus filhos
Fernão Velho – veador do Duque
Paula – camarista da Duquesa
Lopo Garcia – capelão do Duque
Um servo
Um preto
Homens de armas, pajens e criados

LOCAL

Vila Viçosa, a 2 de novembro de 1512.

ATO I

QUADRO I

(A cena representa uma sala com toucador, portas laterais, porta no fundo, um banco e mesa com bancais de damasco, algumas cadeiras de espaldar; decoração da época.)

CENA I

PAULA *(só, acabando de compor a mesa)*: O que se havia de meter em cabeça àquele pobre Alcoforado! E escolher-me a mim, logo a mim para sua confidente! Mas enfim ele é tão novo, que não era de razão que eu o deixasse morrer assim sem mais nem menos. Que doido aquele!... Foi logo oferecer oferendas e romarias àquela santa que por certo lhas não há de aceitar; porém, que se me dá a

mim que ele gaste cera com ruins defuntos em vez de a mandar benzer para se guardar dos trovões!

CENA II PAULA, A DUQUESA

PAULA: Jesus! Sois vós, Sra. Duquesa!

A DUQUESA: De que te admiras?

PAULA: Tão cedo! Apenas o sol acaba de nascer! Acaso estais doente?

A DUQUESA: Não pude dormir; assim me acontece sempre em terras pequenas. Não tenho em que empregar os serões, deito-me cedo, e passo a noite a revolver-me no leito.

PAULA: Como estais pálida! Realmente é-nos preciso ir para a corte quanto antes; que se passais muitas noites como esta, não vos asseguro a vida por um ceutil.

A DUQUESA: Dizes bem; porém enquanto por cá andamos, não te esqueças

de me tocar.

PAULA: Sim, tocar-vos agora para terdes ao meio-dia um toucado desfeito e sem graça.

A DUQUESA: Compô-lo-ás de novo. Custa muito? *(Paula começa a tocá-la)* Já hoje viste o Senhor duque?

PAULA: Ah! O Senhor duque! Está outro como vós! Esta manhã, ainda o sol não era nascido, senti um tropel à porta do palácio; cheguei-me à janela, e vi vários cavalos arredados e prontos; pouco depois saiu o Senhor duque, cavalgou de um salto o primeiro que encontrou, e quando Fernão Velho, o veador, acabava de cavalgar o segundo, já ele se tinha sumido lá, bem longe, como quem vai caminho da tapada.

A DUQUESA: Pobre homem!

PAULA: Pobre! Bem terrível que é ele!

A DUQUESA: Terrível por quê? Não sabes tu que o duque tem alma grande e coração generoso?

PAULA: Generoso e grande quanto quiserdes; o que todavia não obsta a que eu em sentindo os seus passos me não deseje a cinqüenta braças pela terra dentro, ou a cinqüenta léguas distante dele.

A DUQUESA: Deveras antes compadecer-te do muito que ele há sofrido! Crês tu que a sua tristeza sombria e inexpugnável cifre-se toda nas rugas que lhe vês sulcar o rosto? Não... mais funda é a sua raiz, tu a encontrarás no seu pensamento e nas recordações dolorosíssimas que o esmagam.

PAULA: Vão lá ter compaixão de um homem que amedronta a gente!... Apesar de me repetir a mim mesma quanto me dizeis, Sra. Duquesa, não posso acabar comigo de... antipatizar com ele.

A DUQUESA *(severa):* Falas de meu marido?

PAULA: Jesus! Eu bem sei que ele é vosso marido; porém, devo eu por isso faltar à verdade?... Meu Deus, parece que nunca sentiste calar-vos

pelos ossos uma sensação de frio quando ele firma sobre um rosto qualquer aqueles olhos negros e sombrios, que parecem querer virar a gente de dentro para fora.

A DUQUESA: Cala-te. *(Mais baixo.)* Eu mesma, Paula, eu mesma, quando adivinho, não me é preciso ver, quando adivinho que meu marido me encara fixamente, sinto o sangue arder-me nas faces e perturbo-me toda como se fosse criminosa; e todavia não tenho um pensamento, nem sequer um pensamento de que me deva acusar.

PAULA: Vede! Até vós mesma...

A DUQUESA: Não posso escutá-lo sem estar em contínuo sobressalto; mesmo quando ele me fala eu temo a explosão da sua cólera. A sua cólera terrível! Eu a temo! Eu a temo!... E contudo, para que o amasse bem pouco lhe seria preciso... ele não o quer.

PAULA: Ele, senhora!

A DUQUESA: O rei seu tio, a rainha sua avó, a duquesa sua mãe, todos o constrangeram a celebrar este casamento bem contra a sua vontade. Ele o não queria, a ponto de tentar evadir-se disfarçado. Reputa-me a causa de haver ele mentido à sua vocação, e ainda me não pôde perdoar.

PAULA: Mas que culpa tendes vós?

A DUQUESA: Nenhuma; e contudo ele tem razão. Quem se não irrita de encontrar continuamente o mesmo obstáculo diante de si? Apesar disso ele trata-me com magnificência real, tem para comigo deferências e atenções, que eu bem sei que mais são filhas da urbanidade que do coração; mas outro fosse ele que facilmente se esqueceria na sua vida íntima das maneiras de cortesão. Sempre é certo que ele é bem melhor do que o supões.

PAULA: Não vos contradirei, Sra. Duquesa. Prouvera ao céu que ele fosse tão bom como vós sois.

A DUQUESA: Que! Já aprendeste a lisonjear?

PAULA: Pois deveras, Sra. Duquesa, sou eu a primeira em dizer-vos coisas tão simples como isto?

A DUQUESA: Certo, és a primeira.

PAULA: Pasma com o que me dizeis. Permitis-me que vos fale toda a minha verdade?

A DUQUESA: Dize-a.

PAULA: Olhai, senhora; se sou a primeira a dizer-vos que sois bela e que tendes bom coração, muitos outros que pensam como eu calam-se prudentemente para que não tomeis a verdade por ofensa, nem por lisonja o louvor merecido.

A DUQUESA: Boa Paula! Julgas que todos me vêem com os teus olhos, e que em mim pensam com a tua alma?

PAULA: Não, senhora; com melhores olhos que os meus, com alma mais ardente que a minha... Um sobre todos...

A DUQUESA: Quem?

PAULA: Aquele belo mancebo que todas as manhãs passa por defronte de vosso balcão montado em um formoso ginete murzelo, que ele parece sofrer não com esforço, mas só por força da sua gentileza.

A DUQUESA: De quem falas tu?

PAULA (*continuando*): Ainda não cinge espada de cavaleiro, mas...

A DUQUESA: Ah!

PAULA: Mas quando ele a houver cingido... vereis... vereis que nome terá o Sr. Alcoforado! Há de ser alguma coisa assim como Hermigues, o Traga-Mouros, ou Leonardo, O Cavaleiro Namorado.

A DUQUESA: És mais hábil do que eu, que ainda lhe não pude descobrir partes de cavaleiro.

PAULA: Oh! É porque ainda lhas não quisestes descobrir, ou porque talvez ainda não atentastes bem nele.

A DUQUESA: Muito te interessas por ele, minha boa Paula.

PAULA: Muito: por que vos hei de mentir? Gosto muito dele... Sabeis o que o outro dia me aconteceu?

A DUQUESA: Que foi?

PAULA: O outro dia tinha eu na mão aquela vossa fita de cetim rosa aleonada, e ele, que me viu com ela, veio direito a mim, e sem me dar tempo para dizer ai! Cortou um pedaço e... levou-o!

A DUQUESA (*levantando-se*): Imprudente! Não sabes que tenho por costume de a trazer, e que todos em palácio já me viram com ela?

PAULA: Não vos estou dizendo que não tive tempo para dizer ai! E depois, que mal há nisso? Uma fita já toda amarrotada!...

A DUQUESA (*severa*): Seja o que for, senhora, coisas que me pertençam não as quero por mãos de estranhos. Quando para aqui viemos, eu pedi ao Senhor duque que me livrasse da etiqueta cortesã, da numerosa companhia das damas do meu serviço, e que a vós fosse lícito acompanhar-me. Não deveis, portanto, abusar da minha condescendência, nem comprometer-me com a vossa levandade. Não sabeis que gênio tem o duque.

PAULA: Mas que querieis vós que eu fizesse? Ele julgou que a fita fosse minha.

A DUQUESA (*menos severa*): Estais certa disso?

PAULA: Pois de quem a havia ele de julgar? Viu-me com uma fita nas mãos e pensou, muito naturalmente, que era minha.

A DUQUESA (*à parte*): Vaidosa! (*Alto*.) Bem: O Senhor duque não pensará tão naturalmente como vós; e assim é mister que a torneis a haver.

PAULA: Eu lhe pedirei, Sra. Duquesa; e se ele recusar... Oh! Então nós o faremos julgar contumaz e revel, e como tal degradar para alguma das sete partidas do mundo, com baraço ao pescoço e pregão que diga: Cavaleiro descortês e descomedido degradado por amor.

A DUQUESA: Se ele vos não quiser atender, recorreremos a outra

justiça, menos pomposa, porém
mais segura.

(Senta-se e com a mão faz sinal para que se retire.)

PAULA *(ã parte):* Jesus, Senhor! *(Abre a porta do fundo e olha furtivamente para dentro.)* Ainda não!

A DUQUESA: Que dizes tu?

PAULA: Nada, senhora; estava agora lembrando-me daquele pobre cavaleiro!

A DUQUESA: Está bem, está bem.
(Repete-lhe o sinal. Paula sai; momento de silêncio.) Não gosto de ouvir falar nele, e não posso pensar em outra coisa. Por quê?

(Torna-se pensativa.)

CENA III

ALCOFORADO, A DUQUESA

ALCOFORADO: Senhora Duquesa!

A DUQUESA *(levantando-se):* Paula!
Paula!

PAULA *(entrando):* Que me quereis, Sra. Duquesa?

A DUQUESA *(em voz baixa):* Não sabias tu que ele vinha? Por que me deixaste só?

PAULA: Não o sabia, senhora.

A DUQUESA: Não importa, ficarás comigo.

PAULA: Quereis que ele presuma que dele vos arreceais?

A DUQUESA: Ah! *(Alto.)* Que fazias tu?

PAULA: Ia para junto dos vossos filhos.

A DUQUESA: Está bem, podes ir.
(Paula sai.)

CENA IV

ALCOFORADO, A DUQUESA

ALCOFORADO: Sra. Duquesa...

A DUQUESA *(sem olhar para ele):* A que vindes, senhor?

ALCOFORADO: Saber se alguma coisa vos apraz mandar do meu serviço.

A DUQUESA: Nada, senhor, podeis retirar-vos. *(Alcoforado encara-a tristemente por alguns segundos, e vai para sair. A duquesa observando-o.)* Pobre mancebo!

Bastou uma só palavra minha para o entristecer àquele ponto!...

(Sentando-se.) Sr. Alcoforado!

(Voltando-se para ele.) Como vai a vossa boa irmã, senhor?

ALCOFORADO: Vós sois boa, Sra. Duquesa. Sois severa de vez em quando, porém também tendes acentos que são como alívio para quem os escuta.

A DUQUESA *(admirada):* Mas quando eu vos falo de vossa irmã, a que propósito vem a minha bondade?

ALCOFORADO: A que vem, senhora... É que vós me viste triste e pensativo, temendo ter incorrido no vosso desagrado, e não quisestes que eu me fosse de vossa presença com aquele espinho no coração. Sois boa e generosa: pois não é generosa a mão que, podendo colher uma flor para a desfolhar no seu caminho, a deixa verde e orvalhada, balançar-se na sua haste? Não é generoso o pé que, podendo calcar um inseto, ressalva-o para lhe não fazer mal algum?

A DUQUESA: Enlouqueceis, senhor?

ALCOFORADO: Que sei eu, Sra. Duquesa? Eu mesmo não sei o que digo; mas já que principiei a dizer-vos destas coisas que não compreendo, e que todavia não posso esconder-vos por mais tempo, deixai que as diga por uma vez, e podeis ordenar-me que não mais apareça diante de vós... Oh! Não; dai-me um castigo bem rigoroso, mas não me exileis da vossa presença.

A DUQUESA: Inquietais-me.

ALCOFORADO: Escutai-me, Sra. Duquesa. As pessoas da vossa hierarquia têm às vezes necessidade urgente de um homem resoluto e discreto que marche afoitamente por meio das trevas sem temer os golpes de um punhal traiçoeiro, nem a morte obscura e sem glória, que em meio delas o poderá alcançar: têm às vezes caprichos imperiosos, e para os satisfazer é preciso todo o aparelho da tortura e todo o horror

do cadafalso. Assim mo disseram. Se alguma vez tiverdes um desses caprichos ou uma dessas necessidades, dizei-me: – Vail! E eu andarei por meio das trevas; – Sofrei! E eu me sujeitarei à tortura; – Morrei! E eu subirei ao cadafalso.

A DUQUESA: Sr. Alcoforado, não queira Deus dar-me tais pensamentos, nem tenha eu a criminosa vontade de manchar em seu começo a sua vida que promete ser tão bela. A vossa pátria tem necessidade de almas puras e braços esforçados e de homens que saibam morrer por ela; não de morte infame como a quereis, mas da morte gloriosa do valente na arena do combate! Será doravante meu cuidado abrir diante de vós uma senda nobre e grande por onde marcheis desassombrado e a passos de gigante.

ALCOFORADO: Não vos pedi que me não exilásseis da vossa presença?

A DUQUESA: Ah! Chamais a isto exílio!... Bem sei que na vossa idade há sempre motivos fortes que nos prendem a terra em que vivemos; porém é bem melhor que vos vades afazendo à idéia de que cedo ou tarde os haveis de romper, e por motivos talvez mais poderosos. *(Atentando no barrete.)* – Tendes um lindo barrete, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO: Um mimo de minha irmã, senhora.

A DUQUESA: Deixai-mo ver?... É lindo. E esta fita também foi vossa irmã quem vo-la deu?

ALCOFORADO *(à parte):* Céus... *(Alto.)* Não, senhora.

A DUQUESA: Agora me lembra! A minha camareira queixou-se-me há pouco de que impolidamente lhe haveis cortado uma fita que ela trazia na mão. *(Desprendendo a fita.)* E como essa fita era minha, não haveis a mal que eu dela me aposse de novo. *(Dá-lhe o barrete e põe a fita sobre a mesa. Momento de silêncio.)* Vós partireis, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO: Poderia eu desobedecer-vos, senhora!

A DUQUESA: Partireis. O senhor rei D. Manuel abriu aos seus campeões as portas da Ásia e derribou as da África: lá ireis ganhar as vossas esporas, e desde já vos asseguro que eu me alegrarei a cada notícia que me chegar de algum feito brioso que houverdes praticado, porque então conhecerei que sois digno de toda a minha proteção.

ALCOFORADO: E as pequenas palmas que eu colher no campo da glória, poderei, senhora, depor aos pés da minha protetora?

A DUQUESA: Quem vo-lo obstará? As nossas donas ainda se não esqueceram de sentir emoção ao aspecto de um rosto queimado pelo sol da África, de uma fronte coroada de louros ou de um peito coberto de cicatrizes. D. Manuel é magnífico; quando vemos uma comenda ao peito de um lidador, bem sabemos que ela esconde uma ferida gloriosa.

ALCOFORADO: E para que eu não desfaleça na senda perigosa que ora vou trilhar sozinho e sem conselhos...

A DUQUESA: Quereis uma memória, não é assim?

ALCOFORADO: Não me atrevia a pedi-la.

A DUQUESA *(brincando com a fita):* Dar-vos-emos uma memória, Sr. Alcoforado; uma memória que em nossa ausência vos aconselhe e que vos diga que, assim como estimaremos o vosso triunfo, uma ação má que praticardes nos será motivo de grande nojo e nos desconceituará perante nós mesma. *(Momento de silêncio. A duquesa levanta-se e estende-lhe a fita.)* Não é isso o que desejais possuir?

ALCOFORADO *(com entusiasmo):* Mouros e africanos! Atravessarei os mares para vos ir atacar impávido nas vossas espeluncas, para vos acossar nos vossos páramos ardentes, para

vos ir desafiar da porta das vossas fortalezas espedaçando o cajado dos vossos alarves. E quando dentre as vossas ruínas, do cimo de algum pano de muralha, a minha espada ensangüentada e fumegante apontar para o Ocidente rutilando sobre vós outros como um meteoro aziago, o eco do meu nome atravessará de novo os mares, e vós direis por ventura que eu era digno... (*Caindo-lhe aos pés e tomando-lhe a fita.*) da vossa proteção.

CENA V OS MESMOS, UM PAJEM

O PAJEM: Sra. Duquesa! (*Alcoforado levanta-se confuso.*) O duque, meu senhor manda saber de vós se lhe permitis visitar-vos.

A DUQUESA: Dizei ao senhor duque que sou bem feliz quando ele se digna de me honrar com sua presença. (*O pajem sai.*) Sr. Alcoforado, os fidalgos da comitiva do meu nobre esposo e senhor dora em diante só me poderão falar no salão do palácio.

ALCOFORADO: Mercê, Sra. Duquesa!

A DUQUESA: E isto começa desde já a efetuar-se.

ALCOFORADO: Mandais, senhora. (*Curva-se e retira-se.*)

A DUQUESA (*pensativa*): Fui imprudente.

CENA VI O DUQUE, A DUQUESA

O DUQUE: Minha Duquesa, venho hoje feliz e venturoso... (*Olhando em redor de si com desconfiança.*) Não faláveis a alguém?

A DUQUESA: Ao senhor Alcoforado, que se retirou neste momento.

O DUQUE: É um gentil mancebo o senhor Alcoforado. Nós prometemos ao seu velho pai fazer dele um brioso cavaleiro, e por São Tiago, não nos falta vontade de cumprirmos com a nossa promessa. Que pretendia ele?

A DUQUESA: Quase nada: que lhe permitísseis entrar noutra carreira, deixando o vosso serviço, e que impetrásseis del-rei vosso tio uma recomendação aos fronteiros de África para...

O DUQUE (*interrompendo-a*): Para que o tratem com mil atenções, deixando-o vegetar na sua barraca de campanha, como uma flor numa estufa, não é isso?

A DUQUESA: Não, senhor; para que lhe assinem um posto perigoso, onde ele possa alcançar morte honrosa ou nome glorioso.

O DUQUE: Bem, muito bem. Apraz-nos sabê-lo desse acordo, que é de um ânimo generoso revelar tal ardimento em tão verde juventude! Nós lhe abriremos essa estrada, e talvez que um dia nós mesmo, fronteiro das terras dentre Douro e Minho, fujamos da vossa mui amada companhia para irmos além-mar com os nossos vassalos, acometer aos idólatras ao grito de: Bragança e Portugal!... O senhor rei D. Manoel, que nos não quis ver professar na religião de Malta, permitirá sem dúvida à nossa espada dilatar-lhe o império por terras de infiéis. (*Momento de silêncio.*) Não é para isso que vimos ter convosco. Sentai-vos. Dizei-me, duquesa, não vos apraz esta vida um pouco rústica que viemos aqui buscar neste desterro?

A DUQUESA: Não é do meu dever seguir-vos para onde vos aprouver levar-me?

O DUQUE: Não vos falo do vosso dever; trata-se de vós, do vosso gosto; pergunto-vos se não amais esta vivenda.

A DUQUESA: Duque, poderia eu estar melhor algures que na vossa companhia?

O DUQUE: Sempre boa, afável e condescendente! Mas certo que deveis amar esta vida que aqui passamos em Vila Viçosa. Tendes a alma um pouco propensa à tristeza e à melancolia: é um contágio em todos os que me cercam e que

vivem na minha vida. Para essas almas, Duquesa, a vida cortesã é pesada e odiosa... Eu mesmo... há momento na minha vida em que eu daria de boa mente honrarias, brasões, títulos, nome e tudo para que aldeão simples e humilde me deixassem viver obscuro e feliz longe do clamor das turbas e do bulício do mundo. Não imaginais com que profundo prazer parto sempre para viver uma semana na Serra de Ossa com os meus capelães, alimentando-me com a doutrina daqueles santos padres, ou exercendo as práticas mais severas da sua religião; ou então, e bem melhor, para habitar o meu oratório no Convento do Bosque. O meu oratório, sabeis o que é? Uma ermidazinha humilde e vergonhosa ali escondida entre as ramas do arvoredado frondoso como um pensamento de virgem, aformoseado pelo silêncio e pelo pudor. Os pensamentos que aqui me perseguem, dolorosos como a realidade, lá me parecem doces e tristes como uma recordação.

A DUQUESA: Eu concebo, Sr. Duque, que vós partais sempre com a felicidade no coração, e que sempre torneis...

O DUQUE (*atalhando-a*): Mais feliz do que parti. Tenho a certeza de encontrar sempre a essa inalterável doçura, a vossa alma compassiva e angélica, e o vosso rosto sereno e tranqüilo. Não é convosco que as minha recordações... (*Apertando a cabeça.*) Sempre elas!...

A DUQUESA: Sofreis, Sr. Duque?

O DUQUE: Muito. Esta noite não sei que negros pensamentos me atormentaram. A morte lastimosa de meu pai, a minha infância desvalida, o meu envenenamento, o meu exílio por terras estranhas eram eventos dolorosíssimos que, sem cessar, me passavam por diante dos olhos roubando-me o sono... e a razão, creio eu...

A DUQUESA: E não vos distraístes com o passeio desta manhã?

O DUQUE: Sim. A corrida afanada, o tresfolgar dos cavalos e a aragem fresca do romper dalva tiveram forças para me chamar à realidade em poucos instantes. Respirei profundamente o ar puríssimo dos campos, vi o sol bordar o horizonte com uma franja de púrpura, derramar pelo céu alvacentos listões de fogo vivíssimo e destacar dos montes, como uma coluna de incenso, a neblina pegajosa que ali se balançava como um penacho de guerreiro em dia de batalha. Vi a natureza sorrir-se em redor de mim; e eu extasiei-me de a sentir tão fundamentalmente, e fui feliz! Tão feliz como no dia em que o senhor rei houve por bem mandar abrir as portas do meu palácio, fechadas com estrondo por um vento de morte. Tão feliz como no dia em que eu arranquei o crepe fúnebre que enlutava o meu escudo, pregado ali pela mão do carrasco. (*Levantando-se.*) Quando meu pai... Pajem! Pajem!

A DUQUESA: Que tendes vós, senhor?

O DUQUE: Não vedes que me é preciso sair ainda, que me é preciso matar este pensamento com algum exercício?

(*O pajem entra.*)

CENA VII OS MESMOS, UM PAJEM

O DUQUE: Fernão Velho que mande selar os ginetes, que faça aprontar a matilha e os falcões, e que abra a sala de armas para que os meus pajens e os senhores do meu serviço, que me quiserem acompanhar, se aparelhem para a caça.

(*O pajem vai-se.*)

CENA VIII O DUQUE, A DUQUESA

A DUQUESA: Não vindes, Sra. Duquesa?

A DUQUESA: Se me permitis, D. Jaime.

O DUQUE: Vamos à devesa de Vilaboim

que, como sabeis, abunda em caça; tem alguns javalis, mas creio que deles não vos arreceais; e demais, é ocasião de experimentardes o vosso belo palafrém andaluz que há pouco vos chegou da Espanha. Quereis vir?

A DUQUESA: Mandais...

O DUQUE: Não, peço-vos.

A DUQUESA: Mas... desejais ao menos levar-me na vossa companhia?

O DUQUE: Ser-me-ia prazer se para vós não fosse incômodo.

A DUQUESA: Irei, D. Jaime.

O DUQUE: Eu, vo-lo, agradeço, minha bela guerreira, e de volta falaremos do vosso protegido.

A DUQUESA: Meu protegido!

O DUQUE: Sim, não vos interessais por ele?

A DUQUESA: Como cousa que, por assim dizer, vos pertence.

O DUQUE: É ser cruel, Duquesa! Pois nem ao menos quereis que tenha a presunção de haver retribuído com outra a vossa cortesia? Como quiserdes, é certo que me não pesa de vos ficar obrigado. Ele partirá. Vireis já, não é assim?

A DUQUESA: Creio que vos não farei esperar.

O DUQUE: Então sede breve.
(*O duque vai-se.*)

CENA IX OS MESMOS, UM PAJEM

A DUQUESA (só): Ele irá também conosco; eu o adivinho... Vê-lo-ei pela última vez.

ATO I

QUADRO II

(*A cena representa o mesmo aposento do quadro primeiro.*)

CENA I A DUQUESA, PAULA

PAULA: Como estais, Sra. Duquesa?

A DUQUESA: Boa. Não veio alguém saber de mim?

PAULA: Um pajem do senhor duque da parte de seu amo.

A DUQUESA: Tu que lhe disseste?

PAULA: Que descansáveis; e ele tornou para dizer-me que o senhor duque seria convosco logo que acabásseis de repousar.

A DUQUESA: Está bem.
(*Momento de silêncio.*)

PAULA: Sra. Duquesa, é certo o que se diz que vos ia acontecendo?

A DUQUESA: O quê?

PAULA: Um desastre?

A DUQUESA: É certo.

PAULA: Mas podia ele ser de morte?

A DUQUESA: Que sei eu? Talvez fosse: felizmente o meu bom anjo me não desamparou.

PAULA: O vosso bom anjo?

A DUQUESA: Sim. Foi um momento horrível, Paula. O duque se havia embrenhado pela floresta com a sua comitiva, e alguns cavaleiros que me guardavam insensivelmente me foram abandonando, seguindo o vôo de um falcão que tinham soltado: de repente o meu palafrém arrancou comigo pulando troncos, pedras e valados.

PAULA: E não caístes?

A DUQUESA: Quis ver de que se tinha ele espantado: voltei a cabeça e vi... foi horrível um javali que vinha sobre mim.

PAULA: Jesus, Senhor!

A DUQUESA: Perdi o tino; ao invés de lhe soltar as rédeas, puxei-as com força: ele tropeçou, caiu, e eu caí com ele.

PAULA: Virgem Santíssima... E como vos salvastes?

A DUQUESA: Houve-me por morta, porém não tive tempo para ter medo. Escrava da minha sorte e sem tentar escapar-lhe, fechei os olhos, senti um zunido de uma coisa que cortava os ares e um braço que me enlaçava pela cintura quando eu ia cair por terra.

PAULA: Foi o senhor duque!... Bom

homem!... Que muito que lhe eu já quero pelo bem que vos há feito!

A DUQUESA: Não foi ele. Abri os olhos para ver o protetor que o céu tão oportunamente me enviara. Era Alcoforado quem me tinha salvado a vida. Por esforço de coragem sobrenatural, que ainda não sei como a achei em mim, quis-me interpor entre ele e o animal, que pouco havia não tinha ousado afrontar; porém ao tropel de alguns cavaleiros, olhei naquela direção, e vi o meu marido que de nós se aproximava: senti como uma nuvem diante dos olhos e caí desmaiada.

PAULA: Nobre mancebo!

A DUQUESA: Quando tornei a mim já ele tinha desaparecido: vi somente o javali com um venábulo que o atravessava de parte a parte. Foi preciso vê-lo para me convencer de que o que eu supunha um sonho tinha sido uma realidade.

PAULA: Então, Sra. Duquesa! Não é com razão que vos digo que o mancebo, em quem ainda não pudestes descobrir partes de cavaleiro, será em algum tempo guerreiro de nomeada?

A DUQUESA: Tem razão, boa Paula. A estas horas que seria de mim se ele não fosse?

PAULA: E bem que vos deu ele desmentido tão cavalheiroso! Ainda quereis que lhe eu peça a vossa fita?

A DUQUESA: Quando outra coisa não fosse, ser-me-ia bastante desairoso negar cousa tão pouca a quem tanto fez por meu respeito; não lhe faleis nela!

(Silêncio.)

CENA II OS MESMOS, O DUQUE

O DUQUE *(sombrio):* Como ides, senhora?

A DUQUESA: Foi um sobressalto, Sr. Duque, um delíquio passageiro que não merecia vossa solicitude.

O DUQUE: Folgamos de vos achar

perfeitamente restabelecida. Pesarnos-ia que por nossa causa sofrêsseis graves incômodos.

A DUQUESA: Quando eu os sofresse, D. Jaime, não teríeis razão para vos culpardes a vós mesmo. É verdade que fostes vós que me pedistes para ir a esta caçada; porém, o acontecimento que teve lugar, estava tanto acima da previdência humana, que não era de se prevenido.

O DUQUE: Sim, duquesa, estava muito acima da previdência humana, porém, não dos meus pressentimentos. Já falastes ao vosso salvador?

A DUQUESA: Não, Sr. Duque.

O DUQUE: Convém que lhe faleis. A pessoas da nossa hierarquia não está bem dever favores a quem quer que seja; porém, quando tal aconteça, deve-se-lhe uma remuneração tal, que ele se não lembre do favor prestado, senão do galardão recebido. Falai-lhe, prometei-lhe quanto vos aprouver, que nós de antemão subscrevemos a tudo quanto lhe prometerdes; antes mais que menos... Paula, na antecâmara da senhora duquesa deve estar algum dos nossos pajens; dizei-lhe que chame o Sr. Alcoforado, e trazei-nos depois um copo de água.

(Paula sai.)

CENA III O DUQUE, A DUQUESA

O DUQUE *(rompendo o silêncio):* Quereis ir para a corte, Sra. Duquesa?

A DUQUESA: E vós também ides?

O DUQUE: Comigo ou sem mim, isso que importa?

A DUQUESA: Duque, morarei de bom grado onde quer que morardes: o lugar pouco me importa.

O DUQUE: Mas não se dirá que sou um esposo colérico e despótico, que entorpeço a vossa vontade, que embargo as vossas ações, que

ponho obstáculos aos vossos mais inocentes, mais íntimos desejos? Por Deus, senhora, tende sequer um instante, sequer uma vez um desejo vosso, uma vontade vossa, livre e independente de outro desejo e de outra vontade. Não vos mostreis como vítima adornada para o sacrifício, e levada para ali malgrado seu; mostrai-vos senhora, que realmente o sois.

A DUQUESA: Irei, Sr. Duque.

O DUQUE: Falai assim, que vos entenderemos. A corte tem muitas festas, muita pompa, muitos divertimentos: precisais deles, bem o sabemos.

CENA IV OS MESMOS

(Paula, com um copo de água).

O DUQUE *(continuando):* Com o vosso gênio careceis de distrações, e fazeis bem em vos distrairdes, ou dia virá em que, como eu, mau grado vosso, sereis vítima da vossa imaginação. *(Tomando o copo maquinalmente.)* Sei que esta vida não deve quadrar com a vossa vida, e assim aprovo inteiramente a vossa resolução. *(Levando o copo aos lábios e logo arrojando ao chão.)* Esta água... Esta água.

A DUQUESA *(levantando-se assustada):*
Ah!

PAULA: Água rosada, senhor: não é o que costumais beber?

O DUQUE *(tomando vivamente as mãos da duquesa):* Oh! Perdão, perdão, duquesa! *(A Paula.)* Ide-vos.

(Paula sai.)

CENA V O DUQUE, A DUQUESA

O DUQUE: Contra a minha vontade vos atemorizei; foi um movimento rápido, impetuoso, violento... não tive tempo para o conter.

A DUQUESA: Fizestes-me bem mal, senhor!

O DUQUE: Bem o vejo. Desastrado que eu sou! Mas vós que tanto tempo há me conheceis, porque vos não rides dos meus arrebatamentos, das minhas desconfianças, dos meus acessos de cólera? Por que vos não rides, senhora?

A DUQUESA: Não posso.

O DUQUE *(sentando-se):* Já compreendeis a razão por que vos não desejo comigo? É porque mais que nunca os meus ataques multiplicam-se, acabrunham-me, perseguem-me, e contudo já os não devíeis temer; não vos devíeis atemorizar quando vos não compadecêsseis de mim.

A DUQUESA: Oh! Senhor!

O DUQUE: Sim, compadecerei-vos, porque eu sou mais infeliz que mau. Apenas me levantei do berço, que ao invés de meu pai vi um cadafalso por cima da minha cabeça; apenas no exílio, fomos envenenados, eu e meu irmão: ele morreu, e eu continuei a arrastar a minha vida sobre a terra. Despojado violentamente de quanto há no mundo de mais precioso e caro, continuadamente contrariado nas minhas inclinações as mais íntimas, as mais santas; ainda hoje! Hoje, que sou homem, duque, poderoso e respeitado, como dizem, sofro de ter nascido nobre ao invés de ter nascido vilão, de ser senhor, ao invés de ser vassalo, de ser livre ao invés de ser escravo!

A DUQUESA: Não digais tal, senhor.

O DUQUE *(pegando-lhe a mão):* Digo-vos isto, porque é este o meu sentimento; e porque, se assim não fora, eu não sentiria, mesmo agora, a vossa mão tremer na minha, fria e gelada, como que já não tendes vida.

A DUQUESA: Foi o terror momentâneo; já o não sinto.

O DUQUE: Ouvi. Esta manhã, quando vos eu vi por terra, sozinha e sem defesa contra o javali que vos ia despedaçar, julguei que vos havia

perdido, e por minha culpa; quando vi o senhor Alcoforado arrojar seu venábulo, da distância em que eu estava, e como vos visse cair, pareceu-me que o ferro vos tinha ofendido, e que morriéis dele. Felizmente que nada vos aconteceu, graças à mão certa do mancebo, que tomou a seu cargo desmentir os meus pressentimentos. Bem sabeis quanto sou supersticioso! A minha insônia desta noite, as duas mortes de que escapastes, fazem-me crer que uma fatalidade sobrevirá hoje à minha família. Não o duvideis!... Será o terceiro golpe o mais terrível! A vítima não escapará. Quando levei aos lábios aquele copo de água rosada que a vossa camareira me oferecia, a morte de meu irmão me passou por diante dos olhos como um relâmpago, e eu me esqueci de mim, de vós, de tudo, para só me lembrar do que já sofri com o veneno que me deram. Atemorizei-vos, bem contra a minha vontade.

A DUQUESA: Mas por que pensais em coisas tão tristes? Por que vos não distraís?

O DUQUE: Posso eu pensar noutra coisa que nisto não seja?... Posso eu achar prazer senão em afundar-me nos meus pensamentos e em torturar-me a mim mesmo?... Partireis, duquesa, jovem, nobre e formosa, não é com um homem como eu que deveis passar a vida. Ireis para a companhia de minha mãe que também é vossa, por ela fostes educada... *(Entra Alcoforado.)* Quem ousa interromper-nos?

CENA VI OS MESMOS, ALCOFORADO

ALCOFORADO: Sr. Duque...

O DUQUE *(severo):* O que nos quereis?

ALCOFORADO *(concentrado):* Serei acaso algum mendigo?

O DUQUE *(mais severo):* O que nos quereis, senhor?

ALCOFORADO: Inferno! Ser assim tratado na presença dela!

O DUQUE *(levantando-se):* Mancebo, não costumamos a repetir as nossas ordens. Cabeças mais nobres, presunções mais bem fundadas que as vossas, nós as temos por mais de uma vez curvado até se nivelarem ao solo. Rompei o silêncio, senhor, ou por S. Tiago...

ALCOFORADO: Eu me retiro, Sr. Duque...

A DUQUESA: Duque, não fostes vós quem o mandastes chamar?

O DUQUE: Ah! Sim, sim. Que miserável cabeça eu tenho! Perdoai, meu jovem amigo; outros pensamentos agora nos ocupavam, porém o salvador da nossa nobre esposa e senhora será sempre bem-vindo, qualquer que seja o lugar em que estivermos. Sentai-vos.

ALCOFORADO: Sr. Duque, se mo permitirdes, eu escutarei de pé as vossas determinações.

O DUQUE: Como vos aprouver. A duquesa nossa esposa vos quer agradecer a destreza e coragem com que hoje lhe salvastes a vida. Nós nos retiramos; vinde, porém, ter conosco antes de vos partirdes para a África, e onde quer que estiverdes, lembrai-vos que tendes um amigo no duque de Bragança e Guimarães. *(Estende-lhe a mão, Alcoforado hesita.)* Tomai-a, Sr. Alcoforado; mais nobre que ela a de el-rei; mais leal nenhuma. *(Alcoforado toma-lhe a mão.)* Adeus.

(Sai.)

CENA VII A DUQUESA, ALCOFORADO, PAULA

PAULA *(espreitando da porta):* Já se foi? *(Andando para o meio da cena.)* Viva Deus!... Está hoje terrível o senhor duque.

A DUQUESA *(levantando-se e levando a Paula para um canto da cena):*

CENA VIII

A DUQUESA, ALCOFORADO

Paula, não saias de junto de mim!

PAULA: Por quê, senhora?

A DUQUESA: Não saias. *(Vindo sentar-se.)*

Sr. Alcoforado, quando esta manhã vos oferecemos a nossa proteção, de mau grado a aceitastes, e cedo tivestes ocasião de nos provar que bem mais útil nos será a nós o vosso braço do que a vós a nossa proteção.

ALCOFORADO: Foi um acaso, Senhora Duquesa, não falemos mais dele.

PAULA: Mas deveras, senhor, que vos portastes com toda gentileza.

ALCOFORADO *(em voz baixa):* Paula, quero dever-te um grande favor.

A DUQUESA: Foi um acaso, é verdade, mas um acaso que nos podia ser funesto se ali felizmente não deparássemos convosco.

PAULA *(a Alcoforado, em voz baixa):* O que quereis de mim?

ALCOFORADO: Se não fosse eu seria outro; ao invés daquele incidente haveria outro qualquer, porque é bem de ver que não podíeis morrer assim. *(Em voz baixa, a Paula.)* Deixa-nos a sós.

PAULA: Oh! Sempre é certo que tendes o coração bem generoso e a mão certa e leal como vós sois. *(Em voz baixa.)* Ela pediu-me que não a deixasse; tentarei.

A DUQUESA: Mas... pesa-vos acaso que em o nosso reconhecimento vos devamos alguma coisa?

ALCOFORADO: Oh! Não, senhora. Se eu vos devesse a vida haveria por isso de estimá-la em menos? O evento desta manhã foi realmente um acaso bem indiferente para vós, bem venturoso para mim.

PAULA: Permitis, Senhora Duquesa, que eu me retire por um instante?

ALCOFORADO *(em voz baixa):* Não voltes!

A DUQUESA *(em voz baixa):* Louca! E o que eu te disse?

PAULA *(em voz baixa):* É só por um instante.

A DUQUESA: Vai, mas não te esqueças. *(Paula sai.)*

A DUQUESA *(depois de um momento de silêncio):* Quando hoje tornei a mim do meu desmaio, procurei-vos entre as pessoas que me cercavam, não tanto para vos agradecer, como para convencer-me por meus próprios olhos que nenhum mal havíeis sofrido por meu respeito.

ALCOFORADO: É certo que entre as pessoas que vos cercavam nenhuma houve que pudesse dar notícias minhas?

A DUQUESA: Não me atrevi a perguntá-lo.

ALCOFORADO: Ah! Não vos atrevestes! De certo, fora pasmoso que donas como vós inquirissem em público de pessoas como eu.

A DUQUESA: Não foi por esse motivo. *(Hesitando.)* Queria saber de vós mesmo se estáveis perfeitamente bem.

ALCOFORADO: Eu vo-lo agradeço, senhora. Infelizmente nada sofri.

A DUQUESA: Infelizmente!

ALCOFORADO: Infelizmente. Se algum desastre me houvesse acontecido, talvez que por um instante vos esquecêsseis da vossa nobreza para derramar um olhar de compaixão sobre o mísero, que por vós se houvesse sacrificado: talvez que por um instante vos esquecêsseis da prudência, essa virtude divina que é o móvel das vossas ações, não para verter lágrimas por mim, mas ao menos para desatar uma palavra do coração, para soltar um grito que me convencesse de que também experimentais o que tão profundamente fazeis sentir.

A DUQUESA: Não vos compreendo, senhor!

ALCOFORADO: Mas acreditais o que ainda hoje vos disse; compreendeis ao menos que eu vos serviria de joelhos toda a minha vida, para que do alto da vossa grandeza deixásseis cair sobre mim triste e mesquinho uma palavra de

comiseração? Que eu daria a minha vida por um sorriso vosso, que eu daria a minha cabeça ao carrasco, se me fizésseis um aceno, e se me prometésseis chorar sobre a minha estrela, sobre mim, ainda quando só fosse no silêncio da noite, quando nenhuns olhos pudessem interrogar os vossos olhos, orvalhados com lágrimas, quando nem uma voz pudesse desafiar a vossa voz, embargada pelos soluços? Compreendeis ao menos isto, Sra. Duquesa?

A DUQUESA: Não, senhor. Que sou eu para vos merecer tão alta dedicação?

ALCOFORADO: Que sois vós! Sei-o eu por ventura? Sois o objeto que me fere continuamente os sentidos, a idéia que tenazmente me ocupa a alma, a imagem que veio sentar-se imperiosamente à minha cabeceira, e dizer-me: “não terás olhos senão para mim”, a voz que me brada a todo o instante: “não terás ouvidos senão para mim”, o fantasma que me prende, que me enlaça, que me eleva nas asas da esperança, que me abate no abismo da desesperação, e que me repete sempre e sempre: “morrerás por mim!” Tentei resistir a esta idéia, a esta imagem, a este fantasma; não o pude, que mais podia a fascinação que a minha vontade. Evoquei o amor de família, as afeições que eu há pouco sentia ardentemente por meu pai, nobre velho cuja mão descansa sobre a minha cabeça como no bordão da sua velhice; por meu irmão, jovem esperançoso, que vai no caminho da vida medindo os seus passos sobre os meus passos; por minha irmã, donzela extremosa que se apegou ao meu destino como hera ao muro mal construído, que está prestes a desabar; e as minhas afeições foram mudas, e os meus olhos cegos, e os meus ouvidos surdos... Só essa imagem cintilava na

minha vida como uma santa numa capela ardente, cercada de turíbulos e envolta em ondas de incenso. Deixei-me arrastar por ela. Cedi; perdi-me.

A DUQUESA: Eu devia tê-lo adivinhado! *(Resolutamente.)* Estais salvo, senhor; partireis para a África.

ALCOFORADO *(amargamente):* Não é essa a vossa vontade?

A DUQUESA: Partireis, senhor; não escuteis uma palavra, não volteis a cabeça para trás. Parti amanhã, esta noite, agora mesmo, partil!... Embrenhai-vos pelos esquadrões dos inimigos sem temor da morte, que ela respeita os valentes; e quando vos tornardes do vosso delírio, a santa, que há de cintilar no meio das vossas esperanças, não será a imagem de uma mulher; será a glória, e estareis salvo.

ALCOFORADO: Partirei, Sra. Duquesa; mas juro-vos que me não hei de esquecer. Terei eu tempo para isso? A minha vida pende de um fio, não sei qual: sei que há de romper-se, e que não tardará muito!

A DUQUESA: Longe de maus agouros, Sr. Alcoforado; partireis cheio de vida e voltareis carregado de louros.

ALCOFORADO: Que farei deles? A minha imagem, dizeis vós, se terá apagado como um sonho ou como o fumo nos ares; meu pai terá desaparecido da face da terra, que os seus dias já não podem ser muitos; meus irmãos... Sei eu porventura o que será deles durante a minha peregrinação?

A DUQUESA: Pensais então diversamente, Sr. Alcoforado. Eu porém, vos não quero demorar; deveis partir precipitadamente se quereis partir.

ALCOFORADO: Partirei amanhã, Sra. Duquesa.

A DUQUESA: Talvez seja tarde!

ALCOFORADO: Com bem ânsia que me quereis longe de vós, senhora!

A DUQUESA: Ouvi. Disse-me o senhor duque vos promettesse o que me aprouvesse, que ele guardaria a

minha palavra. O que quereis vós?

ALCOFORADO: Nada, Sra. Duquesa.

A DUQUESA: Nada! Refleti bem. O vosso arrependimento seria tardio, ou a demora vos poderia prejudicar. Que postos quereis no exército?

ALCOFORADO: Nada, nada quero, e contudo... Sra. Duquesa, poderia eu pedir-vos mercê mais especial?

A DUQUESA: Falai.

ALCOFORADO: Julgais na vossa consciência que me deveis um serviço, não é assim?

A DUQUESA: A vida, Sr. Alcoforado; e somos bem felizes em poder confessar altamente.

ALCOFORADO: Pois leva, um serviço feito a vós. Sois vós quem o deveis galardoar, não é verdade? E de feito, que tenho eu com o senhor duque?

A DUQUESA: Concluí, senhor.

ALCOFORADO: Dizei bem. O homem que arriscou a sua vida só por amor de vos salvar, e que não esperou pelo vosso agradecimento, nem sequer por uma palavra vossa, que todavia ele quisera escutar, mesmo a troco de seu sangue, julgais que seja capaz de vos faltar com o acatamento que vos é devido?

A DUQUESA: Não o cremos; mas...

ALCOFORADO: Ainda uma palavra. E se não julgais que ele vos possa faltar ao decoro, podereis julgar que ele queira abusar da vossa gratidão ou arriscar a vossa honra?

A DUQUESA: Em nossa consciência, Sr. Alcoforado, que vos temos por um mancebo lhano e cortês, incapaz de faltar com o respeito às donas, de as ofender por gestos ou ações, ou de sacrificar a sua honra a um capricho irrefletido. Concluí. Que vos podemos nós fazer que seja recompensa de favor tamanho?

ALCOFORADO: É uma entrevista que vos peço.

A DUQUESA: Uma entrevista!

ALCOFORADO: Sim: uma hora, um instante em que eu vos possa, sem testemunha e sem temor de ser

escutado, dizer-vos tudo quanto sinto, tudo quanto sofro, e partirei, esperançoso senão feliz, resignado senão contente. Será a última vez que nos veremos, Sra. Duquesa, a última, e não mais ouvireis falar de mim!

A DUQUESA: E não estamos a sós?

ALCOFORADO: Mas posso ser interrompido de momento a momento; e que o não pudesse! Quando o homem sofre como eu sofro, é-lhe preciso morder com força os lábios entre os dentes para não emitir um som... e ai dele! Se deixa escapar um gemido, porque depois dos gemidos virão os gritos, e depois dos gritos a desesperação!... Concedei-me a entrevista, Sra. Duquesa; não ouvireis da minha boca uma só palavra que vos faça corar, nem um só gesto que vos possa ofender; eu vo-lo juro; é só para que vejais as lágrimas que eu tenho, as dores que eu padeço, e para que vos compadeçais de mim!... Oh! Senhora, é de joelhos!...

A DUQUESA: Levantai-vos, levantai-vos... Esta manhã, quase que vos surpreenderam a meus pés. Meu Deus! Que terror eu tenho!

ALCOFORADO: Vede!... Dizeis que estamos a sós, e toda vos atemorizais por cair eu a vossos pés.

A DUQUESA: Não seria isso imprudência?

ALCOFORADO: Muito prudente sois vós, Sra. Duquesa! Quando o meu sangue corresse em ondas sobre o soalho da vossa habitação, fora prudência e até delicadeza, mandar limpá-lo bem depressa para que vossos pés se não manchassem nele.

A DUQUESA: Sois injusto!

ALCOFORADO (*despeitoso*): Serei, senhora.

A DUQUESA: Não percebeis vós que a prudência é para mim um dever?

ALCOFORADO: E também para o homem; contudo, se eu só houvesse consultado a prudência, não teria

há pouco arremessado o meu venábulo, porque ao invés de vos salvar poderia errar o tiro e atravessar-vos com ele; se eu houvesse consultado a prudência... Oh! não me teria em corpo e alma me dedicado a uma pessoa de alta nobreza, que eu sei que não tem amor senão aos seus títulos, que não tem olhos senão para as suas louçarias.

A DUQUESA: Insensato, julgais que é o medo que me faz prudente, e que é por atenção a mesquinhezas que vos não estendo a mão coroável e benfazeja quando vejo que sofreis e que careceis de mim!... Já pouco prudente tenho eu sido mostrando-vos por vezes que me não sois inteiramente indiferente... bem pouco prudente, Sr. Alcoforado! Porque um volver de olhos, um sinal mais expressivo, uma proteção decidida da minha parte vos abriria a sepultura mais depressa do que podeis imaginar. D. Jaime é cioso; o seu orgulho tem olhos de lince, a sua cólera é terrível, e a sua vingança é estrepitosa como o trovão, e fulminante como o raio. Se a menor suspeita lhe atravessasse o espírito... faríeis bem em cair de joelhos e pedir a Deus perdão das vossas culpas.

ALCOFORADO: Tempo foi na minha infância em que, acordando pelo meio da noite, sentia verdadeiro terror quando escutava no silêncio das trevas o estrídulo de alguma ave noturna; hoje, porém, os seus pios agoureiros rebentam-me por baixo dos pés, e eu vos confesso que os escuto sem sobressalto nem terror.

A DUQUESA: Dizem contudo que há às vezes nesse canto um anúncio de morte.

ALCOFORADO: Seja embora; porém, a morte não aterra senão a quem não está afeito a lidar com os seus terrores; eu desde a infância que os experimento.

A DUQUESA: Então, senhor, apesar de tudo...

ALCOFORADO: Eu vo-lo suplico!

A DUQUESA: Vereis que não sou medrosa. Paula vos transmitirá o que eu houver determinado; porém, lembrai-vos... lembrai-vos que à vossa honra me confio, e que eu me escudarei com a vossa proteção.

(Vai-se.)

CENA IX

ALCOFORADO (só): Confia na tua inocência e na palavra de um homem honrado, que daria a sua vida para te poupar um desgosto.

ATO II

QUADRO III

(A cena representa uma sala modesta em casa do velho Alcoforado.)

CENA I

MANOEL, ALCOFORADO

MANOEL (sentado): Eis a terceira vez que te faço a mesma pergunta e ainda não me respondeste.

ALCOFORADO: Ah! Falavas comigo?

MANOEL: Pois com quem havia eu de falar? Pergunto-te o que tens.

ALCOFORADO: Nada tenho, irmão, estou preocupado.

MANOEL: Bela resposta! Isso vejo eu. Com o quê? É o que te eu pergunto.

ALCOFORADO: Com a minha partida.

Não sei como terei forças para me separar de tantas afeições que deixo atrás de mim, e que talvez não tornarei a encontrar.

MANOEL: Não te dê isso cuidado. Nós somos novos, tu, eu e nossa irmã, nosso pai é que é um pouco velho, porém ainda robusto, e espero em Deus que nos enterrará a todos um por um.

ALCOFORADO: E crês que para o homem morrer careça de ser velho?

MANOEL: Se não é, parece. O que eu sei

é que em teu lugar estaria bem contente por ir tão novo ganhar as minhas esporas... Sabes tu um receio que eu tenho?

ALCOFORADO: Qual?

MANOEL: O de não ter forças quando for homem para usar daquelas longas espadas de que usam os cavaleiros de el-rei. Não o digas a ninguém, menos ainda a Laura, que senão a travessa me não deixara descansar.

ALCOFORADO (*distraído*): Terrível pressentimento!...

MANOEL: Aí o temos outra vez.

ALCOFORADO: Quem poderá aventar o segredo desta entrevista? Ninguém o ouviu, ninguém o sabe; só Rozeimo que me trouxe a missiva de Paula. Rozeimo é fiel: que posso eu temer?

MANOEL: Já me estou impacientando.

ALCOFORADO: A noite vai escura e feia!

MANOEL: Ainda mais feia te há de parecer.

ALCOFORADO (*vivamente*): Que dizes?

MANOEL: Quando os dobres começarem...

ALCOFORADO: Que dobres? Que dizes tu?

MANOEL: De que te espantas?... Não é amanhã o dia de finados?

ALCOFORADO: Tens razão. (*Pensativo.*) Ainda outro mau agouro! (*Momento de silêncio.*) Irmão, és tu corajoso?

MANOEL: Homem, eu creio que sim; porém, com certeza que tens muito mais coragem do que eu, que também para isso és o mais velho.

ALCOFORADO: Se pois me acontecesse algum desastre?

MANOEL: Onde? Lá na África?

ALCOFORADO: Se aqui, se hoje, por exemplo, me acontecesse algum desastre, não terias tu a coragem de esconder as tuas lágrimas para não afligir com elas o nosso bom pai?

MANOEL: Estás hoje sombrio, irmão!

ALCOFORADO: Pois não terias tu coragem para isso?... Não acompanharias o nosso velho pai até a sepultura, não ampararias

com desvelos e solitudes a nossa irmã, que tanto precisa da proteção de nós todos?... Não serias bom filho e bom irmão, a ponto de que ambos se esquecessem de que eu tinha existido?

MANOEL: Posso-o eu porventura?... Nosso pai é robusto; porém, quem sabe quanto o abateria a dor de te haver perdido, a ti sobre quem ele esteia a sua velhice?... Nossa irmã Laura, jovem e formosa, que te ama sobre tudo, porque és o nosso irmão mais velho, sentiria profundamente perder-te; quem sabe o que seria dela?... Eu mesmo, terei coragem por ventura quando me faltares ou quando te houver perdido para sempre?

ALCOFORADO: Assim, pois, um desastre que me sobreviesse os abalaria a todos, e talvez algum caísse sobre o meu sepulcro.

MANOEL: Meu Deus! Que pensamentos são esses?... Estás bom, partirás amanhã, e falas em morrer hoje?

ALCOFORADO: Como estas horas se arrastam vagarosas!... (*Chegando à janela*) - O céu está coberto de nuvens; a noite vai escura e medonha.

MANOEL: Felizmente que estamos em casa, porque talvez tenhamos alguma tempestade.

ALCOFORADO: Não no céu, na terra, talvez.

MANOEL: Estás-me causando medo.

ALCOFORADO: Irmão, se meu pai se demorar, partirei sem vê-lo, tu lhe pedirás a sua benção por mim, que por ventura carecerei dela.

MANOEL: Vais sair?

ALCOFORADO: Sim, a uma devoção.

MANOEL: Ah! Vejamos!... Gibão de fustão prateado, colar e pontas de veludo roxo, calças vermelhas, cinta de couro preto com guarnições de prata, borzeguins... não, não são esses os vestidos de quem vai à noite lançar-se aos pés do altar. Enganas-me. Antônio: é outra a tua devoção.

ALCOFORADO: Será: mas não me interrogues, que nada te poderei dizer.

MANOEL: Atende: a noite vai escura, bem o viste; alguma cilada te podem armar. Leva contigo o nosso velho criado.

ALCOFORADO: Não; ele pode demorar-se.

MANOEL: Se ele se demorar, sairei contigo.

ALCOFORADO: Não: é um segredo que não deves saber.

MANOEL: Leva ao menos a tua espada.

ALCOFORADO: Não a levarei.

MANOEL: A minha espada é fiel, o sangue ainda a não enferrujou; a sua folha ainda me não traiu. A tua espada ou a minha... escolhe.

ALCOFORADO: Não levarei a tua espada, não levarei a minha.

MANOEL: É favor que te peço: quero que a minha espada te acompanhe uma noite, a derradeira que passarás conosco; será essa a lembrança que me deixarás por despedida. Tu a levarás.

ALCOFORADO: E a restituirei tão pura como sair das tuas mãos. Vai por ela.

MANOEL: Então espera-me!

ALCOFORADO: Esperarei.

(Manuel sai.)

CENA II ALCOFORADO

ALCOFORADO *(só, sentando-se):* Hoje enfim eu a verei sozinha! Talvez que ela por um instante se dispa dos seus preconceitos de orgulho e de nobreza para ouvir as palavras singelas do mancebo que a tão alto ousou elevar o seu pensamento; talvez que ela enfim se compadeça dos meus sofrimentos, sofrimentos terríveis que eu tenho sofrido sem murmurações, sem lágrimas. As murmurações podem despertar algum eco, e as lágrimas trair-me!... Dir-lhe-ei tudo, e depois que me assassinem, que me assassinem aos

pés dela, se o quiserem, que eu a bendirei morrendo.

(Torna-se pensativo.)

CENA III

ALCOFORADO, O VELHO ALCOFORADO

O VELHO ALCOFORADO: Antônio!

ALCOFORADO *(levantando-se):* Meu pai! *(Beija-lhe a mão.)*

O VELHO ALCOFORADO: Em que pensáveis, filho?

ALCOFORADO: Em vós, meu pai, em os meus irmãos, nas pessoas que me estimam, naqueles que eu amo, nesta casa em que nasci, enfim, em tudo que vou deixar, e que talvez não encontre, mesmo se a morte me não colher por lá.

O VELHO ALCOFORADO: Se por lá morrerdes, meu filho, eu sofrerei tanto como quando vossa mãe nos deixou sozinhos na vida para ir gozar a bem-aventurança nos céus. No entanto, eu vo-lo digo, estimarei mais a morte do meu filho que morrer pela sua pátria, do que a vida tranqüila do homem que vive sem nome, e que morrerá sem glória. Grandes são os vossos deveres, Antônio, que também para isso sois nobre.

ALCOFORADO: Meu pai!

O VELHO ALCOFORADO: Sim, mancebo; sois nobre, nobre com a nobreza aqui da terra, e nobre com a nobreza de alma que é a melhor de todas, porque diretamente nos vem do Senhor. Comprazo-me em pensar que sereis sempre digno do vosso nome, e que os vossos feitos terão sempre o cunho da ação que hoje praticastes – ardimento e dedicação.

ALCOFORADO: Não falemos nisso, senhor.

O VELHO ALCOFORADO: Pois em que havemos nós de falar? Quando errais, eu vos digo bem severamente que errais e que nisso fazeis mal; porém, quando praticardes bem, também vos direi com a sinceridade de um amigo e

com a complacência de um pai que vos portastes bem, e que vos estimo pelo bem que praticastes; nem quero que com isto vos vanglorieis, que vos não gabo a vós quando aprecio uma virtude. Antônio, é bem doce o velho, que lentamente caminha para a sepultura, parar de vez em quando para derramar os olhos obscurecidos sobre o caminho que ele decorreu na vida, e ver seus filhos que prometem honrar o seu nome e consolar a sua velhice. Sim, meu filho, eu vos digo que quando hoje arricastes impavidamente a vossa vida para salvar a esposa do seu protetor, fizeste como faria o vosso velho pai quando ele tinha a vossa idade, e sentia o sangue que lhe girava nas veias. (*Momento de silêncio.*) Que vos disse o senhor duque?

ALCOFORADO: Escreveu algumas cartas para os fronteiros de África e capitães do exército do ultramar.

O VELHO ALCOFORADO: Agradecestes, não foi assim?

ALCOFORADO: Sim, meu pai. Rendi-lhe ações de graça, tanto pelas que ele teve a bondade de escrever, com o pela que eu me atrevi a aceitar.

O VELHO ALCOFORADO: Como! Pois recusastes alguma?

ALCOFORADO: Todas, menos a que em meu nome pedia um posto arriscado e perigoso, que só pudesse ser confiado à lealdade de um homem valente e resolutivo.

O VELHO ALCOFORADO: Fizestes bem e... talvez fizestes mal. Eu amo a juventude ardida e corajosa que só põe a sua confiança em Deus e na sua espada; mas a juventude é inexperiente; e ela não sabe que neste momento nada se faz sem proteção; era este o ditado de nossos avós, que também será o dos nossos netos. Que fareis vós sem ela, encontrando a cada passo estorvo e dificuldade? Ela nos é

precisa; não para que sobremaneira se exaltem os nossos serviços, mas para que eles sejam devidamente avaliados. É para o que serve aquela proteção que é impetrada sem baixeza e nobremente concedida. No entanto, não vos repreenderei: fizeste bem.

CENA IV OS MESMOS, LAURA

LAURA: Enfim, eis-me aqui!

O VELHO ALCOFORADO: Boa noite, Laura.

LAURA: A vossa benção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO: Deus te abençoe, filha. Pois saíste a desoras sozinha?

LAURA: Levei comigo a velha Marta e o nosso velho criado nos acompanhava.

O VELHO ALCOFORADO: E onde foste?

LAURA: Primeiro à sepultura de minha mãe!

O VELHO ALCOFORADO: Boa filha! Não te esqueceste que amanhã é o dia de finados! E depois?

LAURA: Fui visitar as minhas amigas para lhes dizer que o nosso Antônio se partia amanhã. Talvez me demorasse mais tempo; mas como pensei que estáveis cá sem mim, voltei mais que depressa para a vossa companhia.

O VELHO ALCOFORADO: E Deus sabe quão pesada me seria a velhice sem ti, minha Laura! Os meus ouvidos já se afizeram a ouvir a tua voz afetuosa e os meus olhos descansam com prazer sobre o teu rosto. És boa filha, Laura.

LAURA: Sois vós que sois bom pai!

O VELHO ALCOFORADO: E por que não bom amigo?

LAURA: Oh! É um amigo bem indulgente... Não dizes nada Antônio?

ALCOFORADO: Que te direi eu, minha irmã?

LAURA: Não ouvis que pergunta é aquela, meu pai? O que me dirás tu? Que tens muita pena de nos deixar, e

que voltarás bem depressa para a nossa companhia.

ALCOFORADO: Boa irmã! Sentirás muitas saudades minhas?

LAURA: Muitas. (*Mais baixo.*) Antônio, não sejas temerário; não morras por lá!

ALCOFORADO: Terias muito pesar?

LAURA: Talvez te não sobrevivesse.

O VELHO ALCOFORADO (*severo*): Laura!

LAURA (*ajoelhando-se*): Perdão!

O VELHO ALCOFORADO: Só o pobre velho é que não precisa de nenhum dos seus filhos bem amados que lhe cerre os olhos na sua hora derradeira!

LAURA: Perdão, meu pai! Vós sois forte e prudente, e não sofrereis com a morte de dois de vossos filhos que se esqueceram de vós para só cuidar de si.

O VELHO ALCOFORADO: Ingrata! De que me servirá a minha prudência contra o esquecimento de meus filhos?... De que me servirá a minha força quando não fordes todos em redor de mim, vós que fortaleceis a minha velhice e que sois a minha só consolação?... Porém, de que me queixo eu?... O bom filho é aquele que trata a seu pai com respeito; que o não ame, pouco importa.

ALCOFORADO: Sois injusto, meu pai!

O VELHO ALCOFORADO: Tendes razão, Antônio; eu me esquecia de vós. Seja Deus louvado, que ainda tenho um filho!

LAURA: Meu pai, olhai para as minhas lágrimas, e vede se elas não merecem compaixão.

O VELHO ALCOFORADO: Eis-me também a chorar como uma criança. Levanta-te, filha: o pobre velho tresvariou com as vossas palavras loucas e foi injusto para contigo. Tu és uma boa filha e amas bem a teu pai!

LAURA: De todo o meu coração.

O VELHO ALCOFORADO: E em todo tempo te hás de lembrar que ele precisa da tua vida nos poucos dias que lhe restam para vegetar sobre a terra. Não é assim?

LAURA: Sim, bom pai.

O VELHO ALCOFORADO: Deus foi misericordioso para comigo! Ledo e tranqüilo, são de corpo e de espírito, vou caminhando para a eternidade acalentado pela voz de meus filhos. O prazer que desfruto é precursor da vida celeste, e a minha velhice é a aurora da bem-aventurança. Louvado seja o Senhor!

CENA V OS MESMOS, MANUEL

MANOEL: Eis a espada, meu irmão. Boas noites, Laura.

LAURA: Boas noites, irmão.

MANOEL: A vossa benção, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO: Deus vos abençoe. Trocaste a vossa espada?

MANOEL: Não meu pai, empresto-a.

O VELHO ALCOFORADO: Como? Pois ides sair, Antônio?

ALCOFORADO: Sim, meu pai: estava só à espera de vossa benção e da vossa permissão.

O VELHO ALCOFORADO: Ides...

ALCOFORADO (*hesitando*): Vou...

O VELHO ALCOFORADO: Concebo a vossa hesitação. Como é amanhã o dia de finados, ides orar pelos mortos, como é de um bom cristão.

ALCOFORADO: Não, senhor!

O VELHO ALCOFORADO: Não!... Ah! Sim!... Como sois bom filho ides talvez antes de vos partirdes, orar sobre a sepultura de vossa mãe.

ALCOFORADO: Não, senhor!

O VELHO ALCOFORADO: Não!... Ah! Bem. Como sois bom amigo, ides talvez despedir-vos dos vossos amigos.

ALCOFORADO: Não, senhor.

O VELHO ALCOFORADO: Não! Então a que saís?

ALCOFORADO: Não me interrogueis, meu pai!

O VELHO ALCOFORADO (*com desconfiança*): Ides sozinho?

ALCOFORADO: Sozinho.

O VELHO ALCOFORADO: Pois eu vos digo que não saireis sem que me digais

primeiro o que vos obriga a sair.

ALCOFORADO: Peço-vos que não me interrogueis, meu pai.

O VELHO ALCOFORADO (*levantando-se*): Que vos não interrogue!...

Pretendeis sair a desoras e sem testemunhas, de espada e com vestidos concertados, e não quereis que vos interrogue!... Onde ides vós, senhor?

ALCOFORADO: Eu vo-lo suplico.

O VELHO ALCOFORADO: Oh! Isto merece uma explicação. Retirai-vos.

CENA VI

O VELHO ALCOFORADO, ALCOFORADO

O VELHO ALCOFORADO: Vede a que me obrigam os vossos mistérios, que oxalá não sejam escandalosos!... Fazei que um pai expulse seus filhos da sua presença, porque ele terá talvez de vos dizer algumas dessas rígidas verdades que por eles não devem ser ouvidas. Onde ides, mancebo?

ALCOFORADO: Senhor, não o posso dizer.

O VELHO ALCOFORADO: Vós não ides cumprir com os deveres de amigo, nem de filho, nem de cristão; ao que ides, pois? Passar talvez a noite em algum lupanar, ou sobre a banca do jogo, ou em orgias de homens intemperantes e envilecidos, ou escalar algum muro como ladrão noturno para roubar a honra de alguma família honesta, ou bater sorratamente a alguma porta humilde para pagar a recepção cordial que durante o dia vos fez algum homem honrado e franco com a traição de um libertino. É infame!

ALCOFORADO: Meu pai!

O VELHO ALCOFORADO: Dizei, senhor, dizei na vossa consciência que não ides praticar alguma ação criminosa.

ALCOFORADO: Em consciência não o sei.

O VELHO ALCOFORADO: Sei-o eu, senhor!... Sei que o homem que marcha treda e cautelosamente

apalpando as trevas, e que não ousa confessar altamente as suas ações, muito se assemelha àquela ave de mau agouro, cujos olhos não podem suportar a luz do dia, cujo canto é um anúncio de desventura; sei que tão grande mistério pode encobrir uma virtude muito preclara, ou um vício muito vergonhoso. Dizei que ides praticar uma dessas virtudes cobertas com o precioso manto da modéstia, diáfano para Deus, impenetrável para os homens.

ALCOFORADO: Nunca vos menti, senhor.

O VELHO ALCOFORADO: E se o houvésseis feito, a Providência Divina que vos guiasse no caminho da vida, porque teríeis morrido para mim. Talvez me julgueis severo por me crerdes pouco sensível, ou por supordes talvez que o tempo, que gelou o sangue nas minha veias, já me fez esquecer da quadra em que fui da vossa idade, em que também já fui novo e cheio de esperanças na vida, e em que também dizia comigo o que agora lá vós estais dizendo convosco: além, naquele marco deixarei este caminho e tomarei outra vereda. Não; sou indulgente e pouco severo a ponto de vos confessar que também fui novo, e que alguns erros cometi quando tinha a vossa idade. Pois quem é perfeito neste mundo? Mas eu vos asseguro que a minha vida escrita, conquanto em parte me pesasse dela, não me traria um só remorso, nem me desconceituaria a minha velhice: asseguro-vos ainda que, em vésperas de um dia duas vezes santificado pela religião e pelo sentimento, nunca abandonei eu o teto de meus pais, como homem sem crença e filho pouco respeitoso, para me entregar às carícias de uma criatura sem pejo. Há limites em tudo, mancebo.

ALCOFORADO: Senhor, por que me supondes capaz de tão negro feito, ou por que vos mereço tal

conceito? Acaso me tenho eu mostrado revel ao vossos conselhos, ou terei desaprendido as vossa lições? Não, senhor: se não vou praticar uma virtude, também não é um vício nem o crime quem lá fora me está chamando. Não é criminosa a ação que vou praticar; juro-vos...

O VELHO ALCOFORADO: Jurai, senhor, jurai! No meu tempo o homem que ambicionava uma espada, ou que já a podia trazer consigo, tinha o juramento por uma coisa veneranda e sagrada, e usava dele apenas nas circunstâncias de momento. Era o vassalo que jurava lealdade ao seu rei; era o cidadão que jurava amor à sua pátria, era o guerreiro que jurava morrer com o seu companheiro de armas. Por isto o juramento era entre eles uma religião, e os mais altos como os mais humildes não se atreviam a quebrá-lo. Hoje, porém, fizeram dele uma fórmula para os usos da vida, e a criança desde o berço aprende a balbuciar essa palavra vazia de sentido, que noutro tempo foi símbolo de fé e era condão de prodígios.

ALCOFORADO: Como vos poderei eu confiar um segredo que me não pertence? Há bem tempo que vo-lo teria dito, se ele fosse todo meu, e se a minha confissão a ninguém mais compromettesse. Eu vos respeito como meu pai, eu vos amo como amigo, eu vos estimo como homem probo e cheio de integridade; sei que é impossível trairdes um segredo: mas devo eu traí-lo primeiro? Aconselhai-me vós que tendes experiência da vida: dissei-mo vós que sois meu mestre; posso eu fazê-lo?

O VELHO ALCOFORADO: O segredo é inviolável; tendes razão.

ALCOFORADO: Deixai-me então sair, bom pai. Oh! Se soubésseis quanto soffro por vos não poder confiar tudo!... Sede indulgente mais uma vez,

talvez a derradeira. Esta demora me tem martirizado; largos anos tenho vivido nestes curtos instantes! Deixai-me partir.

O VELHO ALCOFORADO: E não há perigo?

ALCOFORADO: Nenhum, nenhum! Eu vo-lo asseguro.

O VELHO ALCOFORADO: E aquela espada?

ALCOFORADO: Foi um capricho de meu irmão que não sabe a que vou. Dir-lhe-ia um segredo que vos não digo a vós? Bem vedes que nada arrisco: deixarei a espada, e é até melhor que eu vá desarmado.

O VELHO ALCOFORADO: Levarás a espada!

ALCOFORADO: Bom pai, quanto vos agradeço!

O VELHO ALCOFORADO: Vai, e Deus seja contigo.

ALCOFORADO: Irei e voltarei bem depressa. (*Cingindo a espada.*) O mais depressa que eu puder. Vereis que nada me acontece. Meu Deus! Como partiria eu tão alegre, se de alguma coisa me arrecesse!

O VELHO ALCOFORADO: Vai, meu filho.

ALCOFORADO: Nada receeis. Adeus, bom pai.

(*Vai-se.*)

O VELHO ALCOFORADO (*ficando pensativo; alguns dobres ao longe*):
Meu filho! Meu filho!...

(*Vai-se.*)

CENA VII

(*Uma câmara no Palácio do Duque*)

O DUQUE

O DUQUE (*entrando desalinhado e com os cabelos em desordem*): O javali esteve a despedaçá-la... o venábulo roçou-lhe o rosto... e eu vejo ainda o cadafalso de meu pai!... Crime ou fatalidade, um deles me está iminente; mas qual? Isto não é superstição, é um presságio, uma intuição do futuro. Vejo o relâmpago, o raio não tardará a cair... mas sobre quem?... Por quê?...

Não o sei, mas é inevitável!... Oh!
Venha embora o azar maldito, que
não será pior que esta ansiedade!...

CENA VIII O DUQUE, FERNÃO

FERNÃO (*da porta com uma carta*): Sr.
Duque!

O DUQUE: Entrai, Fernão.
(*Senta-se*).

FERNÃO: Senhor! Que tendes vós?

O DUQUE: Nada: dai cá. (*Lê a carta e
atira-a sobre a mesa.*) El-rei nos
concede os dízimos dos pescados
em Lisboa e não sei em que
outras terras: para que os quero
eu?

FERNÃO: É uma indenização do que tão
desgraçadamente sofreu o senhor
vosso pai, e do que vós mesmo
haveis sofrido na vossa fazenda.

O DUQUE: Velho, não assististes a meu pai
no seu derradeiro instante?

FERNÃO: Fui eu, senhor: não vos contei já
essa história?

O DUQUE: Sim; eu, porém, gosto de me
recordar dessa desgraça para
adormecer a minha dor com o
excesso do sofrimento. Meu pai,
moço, nobre, leal e valente, foi
decapitado e exposto no cadafalso
como se fosse um miserável! Fernão,
conheceis alguém mais desditoso?

FERNÃO: Vós, senhor.

O DUQUE: Eu! Que sabeis vós?

FERNÃO: Senhor, eu vos hei servido leal e
fielmente. Quando o vosso pai ouviu
a sua sentença, tomou-me à parte
e me fez jurar que eu vos salvaria a
custo de minha própria vida.
Quando acabaram de cometer
aquela sanguinolenta injustiça, fui
buscar-vos, e com vosso irmão
fugimos, e caminhamos noite e dia.
Foi somente quando pisamos a terra
hospitaleira de Espanha que eu tive
lágrimas para chorar, e algumas
palavras para vos dizer.

O DUQUE: Sois fiel, Fernão.

FERNÃO: Depois disso eu vos tenho
sempre acompanhado no desterro

como na opulência, e nunca vos
pedi prêmio, nem sequer minguado,
não de serviços relevantes, mas dos
longos anos que vos hei servido.

O DUQUE: Sois fiel e desinteressado,
Fernão, mais amigo do que servo.
Mas o que quereis com isso?

FERNÃO: Assim, pois, senhor, se me
escapar algumas palavras
incompatíveis com o respeito que
vos é devido, vós desculpareis a
franqueza do velho que vos
respeita como a seu senhor, e...
perdoai-lhe, que vos amam como
a seu filho!

O DUQUE: Falai! Falai!

FERNÃO: Eu vo-lo direi de joelhos para
que perdoeis o arrojo do vosso
servo. Senhor, não é bem
desgraçado o nobre traído na sua
honra?

O DUQUE: Vossas palavras são profundas
e contadas, vós sois prudente e
cauteloso: eu vos escuto!

FERNÃO: Senhor, não confiastes a alguém
a vossa honra?

O DUQUE: A ninguém. Somos o primeiro a
velar sobre ela, e não a fiamos de
ninguém.

FERNÃO: Senhor, não a confiastes a
alguém?

O DUQUE: A ninguém!... Ah! (*Levanta-se,
batendo com a mão na testa e
agarrando no braço de Fernão.*)
Que sabes tu da Duquesa?

FERNÃO: Sede prudente, senhor, eu vo-lo
suplico.

O DUQUE: Fala!

FERNÃO: Não vos arrebateis, senhor; ouvi-
me primeiro.

O DUQUE: Fala!

FERNÃO: Oh! Que bem me arreceava eu
de vos confiar este segredo!

O DUQUE: Fala, carrasco!

FERNÃO: Eu vo-lo direi. O pajem que esta
manhã foi anunciar a vossa visita à
senhora duquesa encontrou
Alcoforado a seus pés.

O DUQUE: Outra prova!

FERNÃO: O vosso rosto me atemoriza!

O DUQUE: Continua!

FERNÃO: O senhor Alcoforado traz no

barrete um laço da fita que a senhora duquesa costumava trazer ao colo.

O DUQUE: Eu a vi! Fui eu quem lha dei. (*Ouve-se o dobre ao longe.*) E eu o elogiei diante dela! Muitas vezes o chamei à sua presença! E ainda hoje!... Que sabes mais?

FERNÃO: Rozeimo, o pajem da senhora duquesa, levou-lhe hoje uma carta.

O DUQUE: Morte e sangue!

FERNÃO: Senhor! Senhor, sede corajoso; não vos deixeis arrebatado pela vossa cólera, pesai a vossa justiça. A carta era de Paula!

O DUQUE: Algoz, e que me importa Paula?

FERNÃO: O pajem assim o julgou, e abriu-a indiscretamente. Dizia a carta que à meia noite, uma corda estaria pendente do balcão da senhora duquesa.

O DUQUE: Estúpido! Estúpido! Estúpido!

FERNÃO: Senhor! Senhor!

O DUQUE: Julguei-o leal, porque era novo; julguei-o generoso, porque o vi arriscar a vida, e não conjecturei logo que se não arrisca a vida por generosidade!... Chama esse pajem!... Não... não... (*Com voz rouca.*) Seria divulgar a minha vergonha!

FERNÃO: Senhor, as minhas palavras não são evangelho; pode ser que me iludissem: moderai-vos!

O DUQUE: Nascestes em minha casa, acompanhaste a meu pai na sua última hora, acompanhaste-me no meu desterro, e encaneceste no meu serviço; pois juro-te que, se esta noite o infame não for encontrado neste palácio, morrerás como um cão!

FERNÃO: Ele virá, senhor.

O DUQUE: Virá!... Tu me insultas, Velho!

FERNÃO: Perdão! Perdão!

O DUQUE: O covarde! O covarde!

FERNÃO: Vós empalideceis, senhor; as vossas mãos estão frias!...

O DUQUE: Não te importes. Escuta. Eu posso morrer antes da meia-noite...

FERNÃO: Não digais tal, senhor.

O DUQUE: Escuta. Encobre a minha morte, distribui gente armada pelo parque; deixe-o entrar: entrado ele, toma as saídas; tomadas elas, vai ao quarto da duquesa, arromba as portas, assassina-os, assassina-os!

FERNÃO: Senhor, eu vo-lo peço de joelhos: não me obrigueis a cometer um crime no fim da minha velhice.

O DUQUE: É justiça; jura que o farás.

FERNÃO: Senhor, é justiça tomada por vós, mas não tomada por mim!

O DUQUE: Jura, ou eu te apunhalo!

FERNÃO: Eu o juro!

O DUQUE: Vai.

(*Fernão sai.*)

CENA IX O DUQUE

O DUQUE (*só*): Eu estava sufocado!
(*Corre a um armário, tira algumas armas que arroja sobre a mesa.*)
Sangue!... Sangue!... Sangue!
(*Cai.*)

ATO III

QUADRO IV

(*A cena representa a câmara da duquesa: um leito de cortinados, cadeira e mesa.*)

CENA I PAULA

PAULA (*só, entrando com uma luz*): Ainda não veio!... Com efeito, para um namorado é ser bem esquecido. Ah! Se fosse comigo, eu lhe cantaria uma ladainha bem comprida para o ensinar a ser descortês com senhoras. (*Chegando-se à janela.*) Como está escura a noite!
(*Recuando.*) Jesus, Senhor!... Parece-me que vi lampejo de armas por entre as folhas do bosque. (*Observando de novo.*) Já nada vejo!... Foi ilusão.
(*Fecha a janela.*)

CENA II A DUQUESA, PAULA

A DUQUESA: Ainda não veio?

PAULA: Não, Sra. Duquesa; e todavia é quase meia-noite!

A DUQUESA: Está bem. Vê se todos descansam no palácio.

PAULA: Nada mais quereis de mim?

A DUQUESA: Nada mais.

(Paula sai.)

CENA III A DUQUESA

A DUQUESA *(só, sentando-se):* Alcoforado tem alma de fogo; porém, é respeitoso e comedido! Pobre moço!... Quis dizer-me adeus sem que nos vissem, e partirá feliz com a idéia de que por ele me interesso. Podia eu fazer menos em favor de quem tão generosamente me salvou a vida?... Não... Mas talvez fui imprudente.

CENA IV A DUQUESA, ALCOFORADO

(Alcoforado saltando pela janela.)

A DUQUESA *(assustada):* Ah!

ALCOFORADO *(fechando a janela):* Sou eu, senhora, não vos assusteis.

A DUQUESA *(sentando-se):* Vindes armado!

ALCOFORADO: Nada receeis da minha espada, Sra. Duquesa! Foi um capricho de meu irmão e uma ordem de meu pai que me obrigaram a trazê-la. *(Põe a espada sobre a mesa.)* Permiti-me, senhora, que eu vos agradeça bem sincera, bem cordialmente o sacrifício que hoje por mim fizestes. Favor tão grande não vos posso eu pagar com palavras, nem o meu sangue, tudo que fosse, bastara para o resgatar.

A DUQUESA: Está bem, senhor.

ALCOFORADO: Deixai que vos diga tudo quanto me inspira o meu reconhecimento para que não

fiqueis julgando que abrigastes a um ingrato. Depois que condescendestes com o meu pedido, e quando me partia de vossa presença, aventei todo o perigo que nesta entrevista podia haver para vós, que eu por mim nada receio; e eu vo-lo confessarei, pasmei do meu desmarcado arrojo em vo-la pedir, e admirei-me da vossa muita bondade em me concederdes, quando poderíeis ter feito expulsar da vossa presença como um louco, e de feito eu o era; porém, certo que, se me negásseis esta graça, eu me haveria por mui desgraçado, por mui digno de lástima e de compaixão.

A DUQUESA: Deixemos isso, senhor: partireis sempre amanhã?

ALCOFORADO: Partirei amanhã: irei espalhar as minhas mágoas por terras longínquas; irei por clima estranho em busca de um nome que algum dia possais pronunciar como o de um amigo, que não como o de um servo.

A DUQUESA: Senhor!

ALCOFORADO: De um servo, sim. Para vós, filha do primeiro duque de Espanha, mulher do primeiro duque de Portugal, o que é um moço fidalgo que está ao serviço de vossa casa? Julgais acaso que eu não tenha pensado nestas cousas durante muitas horas, durante noites bem compridas? Pois em verdade eu vos digo, senhora, que eu tenho muitas vezes amaldiçoado a minha estrela que me fez nascer tão baixo, quando a sorte vos colocou tão sobranceira aos outros, que o meu nome, por mui famigerado que venha a ser, jamais não poderá ser equiparado ao vosso. É desdita; mas de que vale queixar-me?

A DUQUESA: Não vos compreendo, senhor!

ALCOFORADO: E fora maravilha que me compreendêsseis!... Falar-vos hei pois claramente. Bem sabeis que eu parto amanhã; o que, porém, vós

não sabeis é que desde criança um pensamento fatal se enraizou profundamente na minha alma. Não viverei muito! A outra por certo não diria eu isto, que se riria da minha credulidade; digo-vos, porém, a vós, porque vos falo sem rebuço, e porque quero que leiais na minha alma como em um livro aberto, que podeis folhear à vontade. Partirei e não voltarei mais.

A DUQUESA: Temos boas esperanças de haveis de voltar, Sr. Alcoforado.

ALCOFORADO: Não voltarei! Assim pois, no último dia que me é dado passar convosco, permiti-me que vos revele um segredo; não vo-lo confiaria, a não ser esta circunstância; eu o guardaria comigo até o último dia da vida, eu o encobriria a todos os olhos, e a terra, que me há de tragar o coração, inteiro e não sabido o tragará também.

A DUQUESA: Dizei.

ALCOFORADO: Quando o houverdes escutado, Sra. Duquesa, podereis calcar-me aos pés, que vos não oporei resistência; podereis enxovalhar-me o rosto sem que eu descerre um suspiro; podereis rasgar-me, espedaçar-me o coração!... *(Caindo de joelhos.)* Eu vos amo!

A DUQUESA *(levantando-se):* Senhor!

ALCOFORADO: Não fujais, senhora, não fujais. Eu sou uma criatura fraca e inofensiva, que eu não sei senão sofrer silenciosamente e verter lágrimas nas vistas. Notai que se eu vos revelo este segredo é porque eu tenho certo que a minha presença nunca mais ofenderá os vossos olhos, nem há de atrair o sangue à flor de vosso rosto. Parto e morrerei; mas dizei, dizei ao menos que vos compadeceis da minha loucura, e que não amaldiçoareis ao mísero que se deixou render por um amor insensato!

A DUQUESA: Levantai-vos; e depois de me ouvirdes conhecereis que é da

vossa honra fugir de mim, e que me convém não vos tornar a ver. Eu vos amo senhor!

ALCOFORADO: Potestades do céu!

A DUQUESA: Não vos iludais: vinde, vede o que está neste leito.

ALCOFORADO: Vossos filhos!

A DUQUESA: Sim, meus filhos. É à cabeceira de meus filhos que eu vos direi que vos amo; eu vos amo, porque sois bom, porque sois nobre, porque sois generoso; eu vos amo, porque tendes um braço forte, um coração extremoso, uma alma inocente; eu vos amo, porque vos devo a vida, porque não tendes mãe, e eu vos quero servir de mãe porque sofreis, e eu quero ser vossa irmã. É um amor compassivo e desvelado, que poderá ser reprovado na terra, mas que eu não creio o seja no céu. Entendeis-me agora?

ALCOFORADO: Oh! Sra. Duquesa, vós sois bela, pura como os anjos, sois boa e grande como Deus; vossas palavras são como um bálsamo de vida, e tornam o homem superior a si mesmo!

(Dobres.)

A DUQUESA: Meu Deus!

ALCOFORADO: Que tendes, senhora?

A DUQUESA: Aqueles sons... não ouvís?

ALCOFORADO: Que importam! Quando o homem é feliz, parece que toda a natureza se esmera em proclamar a sua ventura. Que vale a voz do trovão quando o contentamento nos mora dentro da alma!

A DUQUESA: Não os quisera escutar!

PAULA *(de fora):* Andam homens armados pelos corredores. Acautelai-vos!

ALCOFORADO *(correndo à janela):*

Cortaram a corda! E fui eu quem vos lançou neste abismo!

A DUQUESA: Trata-se de vós, senhor, vejamos se vos podemos salvar.

ALCOFORADO: Estais salva. Dizei somente que me perdoais, para que eu morra consolado.

A DUQUESA: Que ides vós fazer?

CENA V
O DUQUE, A DUQUESA

ALCOFORADO: Oh! Nada! Lançar-me-ei do vosso balcão abaixo, e talvez que ainda me sobrem forças para ir morrer fora do vosso parque.

A DUQUESA: Tendes alma sublime, Alcoforado; eu contudo não posso aceitar o vosso sacrifício, que a vossa morte seria terrível testemunho contra a minha inocência.

ALCOFORADO: Quem se atreveria a responsabilizar-vos pela morte de um miserável, que aparecesse sem vida por baixo de vossas janelas? Não é este o último recurso?

A DUQUESA: Não, esperai. (*Vai à janela e recua aterrada.*) Meu Deus! O parque está todo iluminado... Que eu não cometesse culpa nem crime, e que tenha que ver manchada a minha reputação!

VOZ (de fora): Abri! Abri, Sra. Duquesa!

ALCOFORADO: Maldito! Maldito!

A DUQUESA: Calai-vos! Quem bate?

VOZ (de fora): O senhor duque vos quer falar.

A DUQUESA: Deixai-me vestir. Alcoforado, aqui, escondi-vos aqui por detrás desta alcatifa; não apareçais senão em últimas circunstâncias... prometei-mo. A vossa espada, o vosso barrete... tomai tudo.

ALCOFORADO (de joelhos): Oh! Senhora, ainda é tempo, deixai-me precipitar daquela janela, e sereis salva.

O DUQUE (de fora): Duquesa!

A DUQUESA: Céus! Meu marido!

ALCOFORADO: Perdão! Perdão!
(*Cai-lhe o barrete.*)

O DUQUE (de fora): Arrombai a porta!

A DUQUESA: Esperai. Alcoforado, não leveis mão da vossa espada contra meu marido; eu vo-lo suplico por mim, por meus filhos, por Deus, por tudo que mais amais.

ALCOFORADO: Não usarei dela.

O DUQUE (de fora): Arrombai!
(*Pancadas na porta.*)

A DUQUESA: Escondi-vos!... Senhor, sede comigo!
(*Abre a porta.*)

O DUQUE (atentando na agitação da duquesa e olhando para todos os lados com desconfiança): Está aqui!

A DUQUESA (à parte): Já sabe tudo!

O DUQUE (em voz baixa e rouca): Onde está ele?

A DUQUESA: Ele quem, senhor? Vós me apareceis pelo meio da noite ameaçador e terrível; vindes tumultuosamente, acompanhado pelos escravos para fazer arrombar a porta da minha câmara. Por quê, senhor? Sou eu acaso alguma mulher sem consideração, alguma criatura vil e desprezível para que nem sequer vos lembrásseis que a vossa suspeita me desacreditaria no conceito dos vossos lacaios? Sr. Duque...

O DUQUE: Onde está ele?

A DUQUESA: Fizestes iluminar o vosso parque, mandastes armar os vossos homens de armas, alvoroçastes todo o palácio, para quê, senhor? Eu sou mulher, e vós bem me podeis fazer morrer sem ser a força de escândalo e de vergonha, sem me acabrunhar com todo o peso do vosso poderio. Vindes cercado de uma turba vil e mercenária, a quem basta um só aceno vosso para me cuspir no rosto, porque sou mulher e fraca, enquanto que vós sois homem e temido. É isto ser nobre?

O DUQUE: Onde está ele?

A DUQUESA: Onde está ele! Está aqui, senhor; está aqui no meu leito.
(*Correndo as cortinas.*) São vossos filhos: eles que vos atestam a minha inocência.

O DUQUE (apanhando o barrete): A fita! A fita!

A DUQUESA: Meu Deus!

O DUQUE (arrojando o barrete ao chão e calcando-o aos pés): Morrerá!

A DUQUESA: D. Jaime, escutai-me pacientemente: eu vos explicarei este azar funesto que me faz parecer culpada.

O DUQUE: Ambos! Ambos!

A DUQUESA: Escutai-me, Sr. Duque: vós ides cometer uma injustiça.

O DUQUE: Injustiça! Sois bem disfarçada e atrevida arrostando o olhar de um homem ultrajado sem cair por terra, de joelhos, de mãos postas clamando perdão para o vosso delito e piedade para o que haveis de sofrer!... Injustiça! Um vilão que acha no seu leito dois adúlteros, duas víboras, pode esmagá-los impunemente, e eu não o poderei fazer? Por que o não poderei? Porque sou herdeiro jurado do trono, duque de Bragança e Guimarães, senhor de Ourém, Borba, Claves, Barcelos e Vila Viçosa? Porque sou o primeiro duque da Europa, e o mais poderoso entre os nobres depois da nobreza coroada? Por S. Tiago que vos desenganaremos!

A DUQUESA: Por S. Tiago que vos enganais: podeis, sem dúvida, matar-me, senhor, mas vós vos arrependereis, e o vosso arrependimento será tardio; conhecereis a minha inocência, já tarde, e o remorso vos não deixará.

O DUQUE: Justificai-vos perante todos os da minha casa; não quero que se diga que eu mato uma inocente. Olá!

A DUQUESA: Senhor, eu leio a minha condenação nos vossos olhos, vejo que não me haveis de perdoar, nem fazendo o céu um milagre para me salvar e para vos mostrar a minha inocência. A minha vida tem sido constantemente um estorvo para os vossos projetos, e eu conheço que ocultais a vossa convicção para mais facilmente vos livardes de mim, eu o sei e o vejo; porém, se me quereis matar, Sr. Duque, se é esse o vosso propósito, como eu o creio, matai-me vós mesmo, barbaramente se o quiserdes; manchai embora o meu nome com uma nódoa infame, mas não me humilheis na presença

de vossos servos. O meu nome é o vosso, Sr. Duque: não os podeis separar.

O DUQUE: Assim é, senhora; liguei o meu nome ao vosso, e vós tomastes o trabalho de mo infamar: trabalho bem fácil para vós, impossível para o mundo. Quando pois o vosso nome se tornar sinônimo de infâmia, o meu se converterá em ludíbrio da população, que folga, a vil, com o desar dos grandes. Assim fora se me não viesse à mente fazer secar a mofo e o escárnio nos lábios do mais atrevido com o sentimento do terror. Bem dissestes vós... eu posso matar-vos a ambos, martirizar-vos, espezinhar-vos... nada me seria mais fácil. Mas esta vingança, que bastaria talvez para satisfazer a um vilão, não me satisfaz a mim. Oh! Tivesse eu a certeza que esta frágua de ódio, que me devora, não me consumirá inteiro dentro de algumas horas; pudesse eu contar com a vida até ao raiar do sol... fora outra a minha vingança!... Esta noite eu faria erguer em Vila Viçosa dois patíbulos, um em frente ao outro, e daria amanhã um espetáculo de sangue aos meus bons e leais burgueses. Convidaria todos para um festim de rei, far-vos-ia arrastar pelas ruas como dois miseráveis criminosos; e malgrado as justiças del-rei, eu vos faria subir ao cadafalso, à luz do sol, à vista de todos e à face do mundo. Mas já que não posso contar com a vida, tomarei outra vingança, se menos esplêndida igualmente aterradora. Entrai.

A DUQUESA: Senhor, é de joelhos que eu vo-lo peço; não me obrigueis a corar morrendo, nem a suportar a piedade hipócrita dos meus inferiores, que em torno de mim se estarão rindo interiormente com o meu suplício e com a minha desdita!

O DUQUE: Entrai.

CENA VI
O DUQUE, A DUQUESA, FERNÃO,

(Homens de armas, pajens com luzes.)

A DUQUESA *(cobrindo o rosto com as mãos):* Ah! São eles!

O DUQUE: Traidores não merecem contemplação.

A DUQUESA *(erguendo-se):* Nem o sou, nem meus pais o foram nunca, senhor! Podeis empunhar o cutelo do algoz, podeis cobrir o rosto com a máscara da justiça, podeis fazer-me assassinar traiçoeiramente: só não podeis descobrir labéus na minha vida, nem crime nas minhas ações.

O DUQUE *(aos da sua comitiva):* Procurai por toda parte um vil que deve estar neste palácio.

CENA VII
OS MESMOS, ALCOFORADO

ALCOFORADO *(Saindo detrás do leito.):*
Sr. Duque!

O DUQUE: Enfim! *(A Fernão.)* Fernão, dize ao preto cozinheiro que traga o manchil da cozinha; dize a dois dos meus capelães que venham confessar dois penitentes.

(Fernão sai.)

ALCOFORADO: Esqueceis que ainda tenho a minha espada?

O DUQUE: Usai dela: folgaremos com isso.

A DUQUESA *(baixo):* A vossa promessa... lembrai-vos!

ALCOFORADO *(ao duque):* Eu prometi que não levaria mão da minha espada contra vós, e que o não promettesse! Vale por ventura a minha vida um combate?
(Depondo a espada.) Ai tendes a minha espada, Sr. Duque.

O DUQUE *(dando com o pé na espada):*
Covardia!

ALCOFORADO: Senhor!

O DUQUE: Calai-vos!... Digo-vos que sois covarde porque sois traidor, e o traidor não pode deixar de ser covarde.

ALCOFORADO: Ainda hoje mostrei que o não era!

O DUQUE: Silêncio! Que mostrastes vós? Que já na vossa idade tendes a astúcia de uma serpente: e de feito, tendes enganado a todos com falsas aparências de nobreza e de candura; mendigastes a minha proteção, introduziste-vos em minha casa, aliciastes meus servos, seduzistes minha... nem eu sei como a chamei!... Morrerão ambos!

ALCOFORADO: Assim é, Sr. Duque; eu sou um covarde, um falso, um infame, não pelo que dissestes, mas porque envolvi na minha ruína uma criatura inocente como os anjos; porque, depois de a ter obrigado a descer ao fundo da minha ignomínia, não a pude defender das vossas afrontas, nem dos doestos que lhe assacastes, cousas que não eram para dizer: por isso mereço a morte. Estou em vosso poder, Sr. Duque; fazei de mim o que aprouver, mas até o meu derradeiro instante ouvireis a minha voz bradar cada vez mais alto: A duquesa é inocente!

O DUQUE: Mentira! O covarde deve mentir.

ALCOFORADO: Ainda quando a mentira houvesse escolhido os meu lábios para sua morada, não vos mentiria eu no meu derradeiro instante para que a maldição divina não pesasse eternamente sobre minha alma. Não é por mim que vos suplico a vida, Sr. Duque; fora indigno de viver quem tão baixamente a suplicasse. Estou no vosso poder, nem disso me queixo: depus a minha espada a vossos pés antes que me viesse a tentação de a arrancar contra vós; curvei a cabeça na vossa presença, e de joelhos e à hora da morte eu vos digo que ela é inocente, que por isso me tenho envilecido, e que por isso me envileço ainda.

A DUQUESA *(à parte):* Nobre mancebo!

O DUQUE *(encarando-a fixamente):*
Tredos! Fizesse ou correr o mar entre

ambos, que de um lado a outro voaria o pensamento do adultério!... Mar de sangue correrá entre ambos.

ALCOFORADO: Saciai a vossa vingança no meu sangue, que será o bastante para apagá-la; puni o criminoso, mas não vos deixeis cegar pela vossa cólera, não mistureis o sangue do inocente com o sangue do pecador. Não sabeis quantas vítimas cairão comigo na sepultura!... Minha irmã enlouquecerá!... Meu pai... Oh! Eu vos juro que será um desengano terrível para o bom do velho o féretro que amanhã lhe for enlutar a habitação, quando ele tropeçar em um cadáver, ao invés de abraçar seu filho, seu filho bem amado que ele ainda espera abençoar, e mandá-lo às terras de África pugnar pela religião de seus pais, banhando a sua espada em sangue dos inféis!... Quando lhe chegar aos ouvidos notícia de morte tão desastrada, o desgosto lhe quebrará violentamente a vida. O pobre velho morrerá!... Se quereis mais vítimas, vítimas, senhor, se inocentes vos são precisas para o vosso sacrifício, sereis amplamente satisfeito. O velho e a donzela, ambos morrerão; e todavia não é por mim, não, é por eles que imploro a vossa compaixão! Sede justo, senhor: Salvai-a.

O DUQUE: Entra, escravo. (*Entra o preto com um manchil.*) Envilecer-se-ia o braço do homem livre que vos cortasse a cabeça, e a espada que no vosso sangue se tingisse se tornaria infame; não morrereis por mão de um homem livre, nem aos golpes de uma espada. Vede... Vede também, senhora!

A DUQUESA: Oh! Senhor!

O DUQUE (*a duquesa*): Vede: será o seu carrasco um escravo, um preto... (*Arroja-a de si, e ela cai de joelhos.*)

A DUQUESA: Meu Deus! Compadecei-vos de mim!

O DUQUE (*a Alcoforado*): E o instrumento de sua morte será um manchil grosseiro tão vil como vós sois.

QUADRO V

(*A cena representa um aposento no palácio do Duque, do lado direito um altar paramentado de tela branca, e sobre ele um crucifixo, de outro lado uma mesa e cadeira; portas ao fundo.*)

CENA I A DUQUESA

A DUQUESA (*só, nos degraus do altar*): Não posso orar!... O meu coração não pode despregar-se da vida, minha alma não pode elevar-se até Deus, e a religião me não pode consolar!... Quisera ter alguém que me falasse, porque me parece que isso é um sonho! Um sonho horrível que me está sufocando!... (*Pausa.*) Tenho frio!... Mas por que aterrorizar-me assim? Se eu tenho sempre de morrer, que importa que me venha a morte agora ou logo, hoje ou passados anos?... A vida cansa, e Deus tem um sorriso mais carinhoso para aquele que mais sofre sobre a terra, e eu tenho sofrido muito!... Em vão, em vão! Apesar do sofrimento, eu quisera ser como as outras, viver a minha vida até o fim, e morrer com a morte que Deus manda! (*Pausa.*) O duque é bem cruel e todavia eu sou como ele, sou talvez mais do que ele, e morrerei!... Morrerei porque sou fraca, morrerei porque sou mulher!... Deus foi misericordioso para comigo em me não ter dado uma filha; que se eu a tivesse, por muito que a amasse, e ainda que ela fosse a única... meu Deus! Cometeria hoje um crime... matava-a... seria talvez condenada por toda a eternidade, porém, ela seria livre no céu! Mas porque será irrevogável a minha condenação? Eu sou esposa sua, a mãe de seus filhos. Por ventura quis ele punir a minha imprudência só com o terror,

e a estas horas já ele terá pensado que o meu martírio deve acabar. O duque é generoso; se ele tem sempre esmola para os mendigos, por que não terá também piedade para os que sofrem? Eu sofro tanto!

CENA II A DUQUESA, PAULA

PAULA: Sra. Duquesa!

A DUQUESA: Quem me chama?... Paula!

PAULA: Deixai-me chorar a vossos pés!

A DUQUESA: Já me havia esquecido de ti, boa Paula; bem haja tu que em tanta tristeza te vieste fazer lembrada, e que te não esqueceste da mísera condenada que algumas horas apenas tem de vida.

(Encostando-se ao ombro dela.)

Quando eu era feliz, e já me parece que foi há muito tempo, tinhas sempre um sorriso para desfazeres as minhas preocupações; e hoje, achaste no teu coração algumas lágrimas que vens derramar sobre o meu infortúnio. Bem hajas tu.

PAULA *(chorando):* Vós, que sois inocente, senhora, por que haveis de morrer?

A DUQUESA: Dize, dize que não é para me consolar que assim me falas; jura-me que acreditas na minha inocência: preciso que alguém creia nela para não morrer de desespero.

PAULA: Não tenho eu vivido sempre na vossa companhia? Não leio no vosso rosto como na minha alma? Não sei eu que se pudésseis cometer um crime, nenhuma haveria que não fosse criminosa?

A DUQUESA *(tristemente):* Os meus também hão de acreditar na minha inocência, mas já tarde; talvez romperão lanças em favor dela, mas eu já serei morta! Oh! Se as lágrimas do arrependimento e do remorso pudessem dar vida a um cadáver, não me pesara morrer, porque eu teria certa a minha ressurreição! Oh! Boa Paula, é bem

mal permitido que o homem, que não pode dar vida, tenha o poder de matar; é bem injusto que uma miserável criatura possa apagar a luz preciosa da existência que só Deus pode acender!... É bem injusto, meu Deus!

PAULA: É destino, Sra. Duquesa; que lhe havemos nós de fazer!

A DUQUESA: Tens razão, temos todos o nosso calvário, carregamos todos com a nossa cruz; e por que não haveria eu de sofrer também?... Mas, ó Senhor! Bem aviltador é o meu calvário, e a minha cruz é muito pesada para mim!... Morrerei, Paula... o último favor que te pedir, cumpri-lo-ás tu?

PAULA: Dizei, Senhora.

A DUQUESA: Quando me aparelharem para o meu infame suplício, hão de cortar-me os cabelos; creio que assim se faz. Tu os ajuntarás, Paula: vai depois ao meu guarda-roupas, e lá encontrareis os meus vestidos que eu trouxe de Espanha; era então uma criança!... Tira um deles e manda-o à minha irmã com uma trança dos meus cabelos: farás isto?

PAULA: Eu o farei.

A DUQUESA: Bem quisera eu deixar-te uma lembrança, boa Paula: mas que posso eu agora? Entrei para esta casa coberta de veludos, e hei de sair vestida com a mortalha: entrei nova e cheia de inocência, e hei de sair ainda nova, mas infamada!... A vossa pobre duquesa, mais pobre do que vós outras, nada tem para recompensar os bons serviços dos meus fiéis servidores. Escuta: quando eu for morta, tomarás para ti o meu livro de orações, e escreverás na primeira página o meu nome com o meu sangue; não creias que ele seja vil porque o hão de derramar vilmente!... Não lhe ponhas título nenhum, só o meu nome de batismo; e quando rezares lembra-te da infeliz Leonor, e dá-lhe uma das tuas orações.

PAULA: Seja-me Deus boa testemunha em como, se morrerdes, eu irei me sepultar em algum convento para ali passar a minha vida em orações e penitências, não por vós, mas por ele que vos assassina. *(Como que se lembra, levantando-se.)* Ah!

A DUQUESA: Assim me deixas?

PAULA: Esperai, esperai!
(Sai.)

CENA III A DUQUESA

A DUQUESA *(só):* Nunca me julguei com forças para sofrer tanto, nem que eu tivesse tantas lágrimas para chorar. No entanto, sofro como se nunca houvera sofrido; choro como se nunca houvera chorado. *(Pausa.)* Sinto passos!... Quem sabe se não será o carrasco?... O carrasco!...
(Sobe com terror pelos degraus até encostar-se às paredes do altar.)

CENA IV A DUQUESA, PAULA, OS DOIS MENINOS.

A DUQUESA *(correndo para eles):* Meus filhos! Meus pobres filhos!...
(Beijando-os e abraçando-os.) Vossa mãe ia morrer sem vos abençoar na hora da morte, sem beijar-vos, sem acariciar-vos mais esta vez, sem vos banhar o rosto com as minhas lágrimas!... Meus pobres filhos! Que fareis vós no mundo sem o amor de vossa mãe?... Talvez que uma estrangeira venha deitar-se no meu leito para dele vos expulsar!... Que sereis vós sem mim!... Inocentes! Pobres inocentes!... Eles vos dirão que eu fui uma grande criminosa e que me havia tornado indigna de viver: não os acrediteis, meus filhos!... Quando vos disserem mal de vossa pobre mãe, lembrai-vos de hoje e de minhas lágrimas, e adivinheis então que eu fui bem infeliz, ouvistes?... Oh! Eles não compreendem as minhas palavras, e até do meu nome se hão de

esquecer!... Paula! Paula! Por que me trouxeste meus filhos? Eu me resignaria a morrer, e agora é impossível!... Atende-me: vai ter com o senhor duque, dize-lhe que lhe quero falar uma hora, um instante antes de morrer. Deixa-me meus filhos... não, leva-os; dir-lhe-ás que é em nome deles que eu lhe peço um instante para lhe falar; e ele não me poderá negar mercê tão pequena.

(Paula sai com os meninos.)

CENA V A DUQUESA, LOPO GARCIA

A DUQUESA *(só, no meio da cena):* Ele me perdoará!

LOPO GARCIA: Senhora!

A DUQUESA: Lopo Garcia! Ah! Que me acordais bem cruelmente, meu padre!

LOPO GARCIA: Resignai-vos, minha filha!

A DUQUESA: Resignar-me a quê? Não carecerei de vosso mister, meu padre: já mandei chamar a D. Jaime, que me não poderá recusar uma entrevista.

LOPO GARCIA: Resignai-vos!

A DUQUESA: Mas não estais vendo que é impossível que eu morra assim?... Não sabeis que meu pai é o duque de Medina Sidônia?... O Sr. Duque não pensou nisso: ele me perdoará.

LOPO GARCIA: Não o fará.

A DUQUESA: Como! Vós que sois um bom e santo padre, pondeis um freio injurioso à bondade daquele que folga em sua justiça de amolgar o coração mais endurecido, e de reparar o mal por mão daquele mesmo que o praticou?

LOPO GARCIA: Não o espereis! A esperança engana sempre que não esperamos a morte. Preparai-vos no santo tribunal da penitência para subirdes à presença do senhor; confessai as vossas culpas e contristai-vos!

A DUQUESA *(chorando):* Ah! Meu padre, sois bem cruel em me despojar

assim das minhas últimas esperanças. Deus vos perdoe a dor que me causais.

LOPO GARCIA: Que merece a vida, minha filha? É um sonho mais ou menos longo, alegre ou triste, que o acordar da morte só vale dissipar. Consolai-vos! Deus é misericordioso, e vos perdoará em favor do vosso arrependimento.

A DUQUESA: A vida! A vida, meu padre!

LOPO GARCIA: Não vos rebeleis contra o Senhor, nem o irriteis com a vossa desobediência! Curvai a cabeça perante a sua justiça, e confessai-vos para que a morte vos não colha impenitente.

A DUQUESA: Que vos hei de eu confessar?

LOPO GARCIA: A vossa vida. Qual é o justo que vive sem pecado durante o período de sua existência? Recordai-vos de quanto haveis feito, dito ou pensado, e atentai que, se é o sacerdote que escuta as vossas palavras, é Deus quem recebe a vossa confissão.

A DUQUESA: A minha vida... é um tecido de dores, bem pequenas que talvez não compreendais, o que todavia me têm martirizado.

LOPO GARCIA: Contai-a.

A DUQUESA (*depois de alguns instantes de silêncio*): Criança me trouxeram da casa de meus pais, prenderam-me numa câmara forrada de veludo, envolveram-me em alcatifas de seda, em reposteiros de damasco, e eu disse adeus ao prado florido, ao meu jardim encantado, às flores que eu amava, a tudo, meu padre, a tudo!... Disseram-me então que eu pertencia a um homem, e que o devia amar porque ele era meu esposo. Afiz-me à idéia de que lhe pertencia, fiz esforços incriveis para o amar, a ele que eu só via de quando em quando, rodeado de larga turba de cortesãos, polido e respeitoso para comigo, porém, nunca extremoso. Nunca ele teve

franqueza para comigo, nunca eu a pude ter para com ele; nunca o pude amar. E se ele o quisera! Bem pouco lhe seria preciso, porém, jamais se deu ele a esse trabalho. Nunca, meu padre, nunca estive com ele sem recear um acesso de sua cólera, sem tremer na sua presença, como uma escrava. Dizei, meu padre: sou eu culpada em o não ter podido amar?

LOPO GARCIA: Continuai.

A DUQUESA: Quisestes escutar a minha vida... já vo-la contei. Não tive flores na minha infância, nem descanso na minha juventude. Outras culpas terei eu de que me não recordo... Deus mas perdoará.

LOPO GARCIA: Não mintais à hora da morte!... E o mancebo que foi há pouco encontrado no vosso aposento?

A DUQUESA: Ah! Sim, meu padre, a ação pertence à criatura, mas as circunstâncias vêm... talvez do céu. Serei criminosa para Deus, porém, sou inocente para os homens. Ouvi. Na minha soledade houve um mancebo que se compadeceu de mim, talvez porque adivinhou os sofrimentos que eu curtia silenciosa; desvelou-se no meu serviço; cercou-me de solitudes, velava incessantemente sobre mim. E eu conheci que ele era respeitoso e cheio de extremos, e que o seu amor era nobre, inocente e puro, como sua alma. Dizei-me, fiz mal em o não expulsar da minha presença?

LOPO GARCIA: Continuai!

A DUQUESA: Por algum tempo me deixei embalar por esse novo afeto, que então principiava a sentir: veio-me depois a idéia que eu o não devia entorpecer na sua carreira, e pedi ao senhor duque que o dispensasse do seu serviço e que o mandasse para a África ganhar nome no serviço del-rei e salvação em guerras de infiéis. Dizei-me: fiz mal intercedendo por ele?

LOPO GARCIA: Continuai.

A DUQUESA: Ontem o senhor duque quis que o acompanhasse a uma caçada: acompanhei-o. No meio dela um javali ia espedaçar-me; esse mancebo salvou-me a vida. Dizei: fiz mal dizendo-lhe que lhe devia a vida?

LOPO GARCIA: Prossegui.

A DUQUESA: Ele ia partir para a África, mais por força das minhas instâncias do que por vontade sua. Cheio de funestos pressentimentos, que ainda mal se realizaram, ele se lançou a meus pés pedindo-me que o escutasse. O senhor duque nos podia surpreender, algum pajem nos podia escutar, e ele estaria perdido; fui prudente. Pedi-me uma entrevista para esta noite, que ele devia partir ao amanhecer. Eu conhecia a sua nobreza e honradez; concedi-lha. Dizei: fiz mal em ser prudente para não ser ingrata?

LOPO GARCIA: Acabai.

A DUQUESA: À noite eu o recebi na minha câmara; meus filhos descansavam no meu leito. Ele disse que me amava; eu disse que o amava também como a um irmão, como a um filho. Fui nisto criminosa?

LOPO GARCIA: Nada mais?

A DUQUESA: Nada mais! Foi ser boa, afável, generosa, agradecida e prudente, tudo isto que na terra se diz virtudes, e que por ventura também se chama virtude no céu: foi tudo isto que me perdeu!

LOPO GARCIA: Deus vos receberá na sua glória, minha filha.

A DUQUESA: Mas não compreendeis vós que, se eu morrer, o mundo me julgará criminosa? Não vedes que eu não quero morrer porque amo a vida, que o não posso porque sou inocente?

CENA VI

LOPO GARCIA, O DUQUE, A DUQUESA

O DUQUE: Acabai com a vossa confissão!

A DUQUESA (*levantando-se*): Dai-me

forças, meu Deus!

LOPO GARCIA: Escutai-me um instante, Sr. Duque!

O DUQUE: Não vos podemos atender, meu padre!

LOPO GARCIA: Bem sei que o segredo da confissão é inviolável e sagrado; porém, Deus me perdoará se obro mal com isto, porque o faço para vos poupar um crime. Sr. Duque, a vossa esposa é inocente!

O DUQUE: Não cometais um sacrilégio, meu padre; perfizestes o vosso mister; podeis retirar-vos.

LOPO GARCIA: Eu vo-lo repito, senhor, ela é inocente!... A duquesa terá caído em faltas que não de achar graça na presença de Deus, e Deus é justo. Vós sois homem, Sr. Duque; não sejais mais rigoroso do que Ele... perdoai-lhe.

O DUQUE: Meu padre, não aprove ao Senhor dar-nos o condão da paciência... retirai-vos.

(*Lope Garcia sai.*)

CENA VII

O DUQUE, A DUQUESA

O DUQUE: Findou-se o prazo, senhora.

A DUQUESA: Senhor, mais um instante.

O DUQUE: Mais dez minutos.

A DUQUESA: É pouco, senhor: tenho tanto para vos dizer!

O DUQUE: Tendes um quarto de hora.

A DUQUESA (*depois de um instante de silêncio*): Assim, pois, Sr. Duque, não quisestes dar crédito às palavras de um moribundo que sobre a condenação eterna de sua alma vos asselava a minha inocência com um pé sobre o sepulcro!

O DUQUE: Mentiu: eu vi a fita!

A DUQUESA: A fita! Mas se ela fosse um presente vergonhoso, não a recataria ele cuidadosamente ao invés de a trazer tanto às claras? Não vos parece que seria isso uma loucura, Sr. Duque?

O DUQUE: Que sei eu? A alma do vilão embriagou-se com a posse de uma duquesa; quis fazer alarde dos seus

amores, quis escarnecer de mim... enganou-se!

A DUQUESA: Se não quereis acreditar nas palavras do moribundo, dai crédito ao menos ao santo sacerdote. Não vos disse ele que eu era inocente?

O DUQUE: Mentistes vós: ele lá estava convosco.

A DUQUESA: Meus filhos também lá estavam senhor.

O DUQUE: Escândalo maior, senhora, escândalo maior! Quando mentistes ao sacerdote na vossa última confissão, condenastes a vós mesma; se tão somente profanásseis o vosso leito, o crime ficaria ainda convosco! Fora isso apenas impiedade numa cristã, infâmia numa esposa! Há muito disso. Mas que a esposa se lembrasse dos filhos para encobrir o seu adultério, que o crime se lembrasse da inocência para vestir a sua nudez, que a mãe se lembrasse dos filhos para os industriar no crime... eis o que é horroroso, senhora, eis o que é estupendo e inaudito, eis o crime por que haveis de morrer!...

A DUQUESA: Imprudentemente me prodigalizais impropérios e convícios, Sr. Duque. Fui criada em vossa casa, foi vossa mãe quem me educou. Atentai que parte de quanto me dizeis recai sobre quem se encarregou da minha educação.

O DUQUE: Por quê? Conheço almas fáceis que se persuadem que ser virtuosa é ser fingida, e que para ser impune basta ser habilmente criminosa. Outras há que nascem propensas para o crime e com o instinto do vício no coração. Há criaturas assim!

A DUQUESA: Sr. Duque, vós sois poderoso e escusais de subterfúgios contra mim. Ninguém vos pedirá contas da minha morte, senhor, e escusais de torcer os vossos juízos para me caluniar. Podeis dizer, e disse-o francamente, que ninguém nos escuta: "Morrerás porque assim eu quero!" É uma razão que todos

compreendem, a razão do mais forte, se não é a do mais nobre. Contra a vossa vontade me oferecestes mão de esposo, e tendes sempre vivido constrangido considerando-me como um estorvo para a vossa vocação, porque premeditáveis ser frade ou coisa semelhante. Bem oportunamente vos sorri este ensejo para de mim vos desfazerdes. Aproveitai-vos dele, e agradecei ao azar sem ostentardes de justiceiro. Não me faleis em justiça humana, senhor, porque eu me poderei lembrar que vosso pai foi humanamente justificado!

A DUQUESA: Deus vos encontre tão pura como ele, Sra. Duquesa.

A DUQUESA (*de joelhos*): Perdão, senhor, perdão. Não era isso o que eu vos queria dizer; mas sei eu por ventura o que digo?... Estou quase louca, não penso, não meço as minhas palavras. Perdoai-me!... Eu amo a vida, Sr. Duque; Por que vos hei de eu mentir?... Sou uma mulher fraca e sem forças; choro porque a amo e porque dói perdê-la. Sou eu acaso algum homem para ter coragem?... Amo a vida; amo tudo o que me cerca, amo tudo o que me era indiferente... sou nova e não me posso resignar... sou inocente e não devo morrer. Perdoai-me! Que vos importam algumas palavras, descuidadas que me escapam? Não pensei nelas, nem foi minha intenção ofender-vos. Vós me aborreceis e com razão... O que era eu para merecer o nome de vossa esposa?... Que sou eu para vos merecer o vosso amor?... A mim também casaram-me sem que eu soubesse o que era matrimônio. E que culpa tenho eu em não ter resistido à obediência a que desde criança me afizeram?... Como o poderia eu imaginar!... Ainda então não sabia que o homem, que é forte, pode ser obrigado a casar-se contra o seu querer, a casar-se com

uma mulher que ele não ama!

O DUQUE: Quem me poderia obrigar, senhora?

A DUQUESA: Tendes razão: eu é que sou uma louca em vos dizer destas coisas; mas tenho eu consciência do que vos estou dizendo?... Digo-vos tudo quanto me vem à cabeça para que vejais quanto soffro e para que me perdoais, Sr. Duque...

O DUQUE: Levantai-vos, Sra. Duquesa: o meu propósito é irrevogável.

A DUQUESA: Mudá-lo-eis, senhor; mudá-lo-eis quando aventardes que mofina que eu sou, e que embaraços a minha morte vos pode acarretar. O conde de Urenha, meu cunhado, e o marquês de Cazaça, meu irmão, virão reptar-vos para o duelo, apelando da vossa sentença para o juízo de Deus.

O DUQUE: Atrever-se-ão eles!...

A DUQUESA: Meu Deus! Como lhe hei de eu falar!... Eu vos digo estas coisas sem consciência, sem intenção de vos ofender. Eu é que sou a medrosa, vós sois forte e valente, de nada vos arreceais. Com efeito, de que vós podeis temer? Que vos importam meus irmãos, ou que vos podem eles fazer? Bem podeis vos calar-me, bem podeis matar-me e fazer de mim quanto mais vos aprouver; mas que glória vos virá daí, Sr. Duque?

O DUQUE: Confrontai estas vossas palavras com as que ainda há pouco em a vossa câmara me dissestes!... Com o gesto irritado, com o olhar sobranceiro pediste-me contas do meu proceder tachando-me de pouca lisura e comedimento! Agora, porém, confessais a minha prepotência, e tendes sem dúvida para vós que, se como homem me injuriastes, eu como senhor me vingou!... Apesar de vos abaixardes tanto, senhora...

A DUQUESA (*levantando-se*): Sr. Duque!

O DUQUE: Apesar de quanto tendes feito para alcançar a vida, apesar de tudo quanto me haveis dito ou me

possais dizer, não será menos certa a vossa morte. Acreditai que me não deixarei amolgar pelas vossas preces e que nem as vossas lágrimas torcerão a minha justiça. Morrereis!

CENA VIII OS MESMOS, UM PAJEM

O SERVO: Sr. Duque!

A DUQUESA: É ele!

O DUQUE: Viestes oportunamente. Findou-se o prazo.

A DUQUESA: Meu Deus!

O SERVO: Perdoai o meu arrojo, Sr. Duque, e não me tenhais má vontade, porque uma só vez vos desobedecerei.

O DUQUE: Falai.

O SERVO: Não vos posso servir nesta ocasião, senhor!

O DUQUE: Por que?

O SERVO: Aquele santo padre que há pouco saiu desta câmara, disse-nos que a senhora duquesa era inocente, e que excomungado seria que em mal dela vos obedecesse!

A DUQUESA: É possível!

O DUQUE: Por nosso respeito não desobedecereis ao santo padre, nem ireis contra os ditames da vossa consciência! Entre os nossos vassallos mais do que um haverá que neste ensejo nos acuda em vossa falta. Chamai-os.

(O servo abre a porta e faz sinal para dentro.)

CENA ÚLTIMA

O DUQUE, A DUQUESA, SERVOS, HOMENS DE ARMAS.

O DUQUE: Este homem que aqui vedes nos obriga, em circunstâncias bem melindrosas, a experimentar a vossa lealdade. Precisamos de um executor de alta justiça, e dar-lhe-emos com a nossa proteção cem peças de ouro.

A DUQUESA: Inspirai-os, meu Deus! Inspirai-os!

O DUQUE: Nenhum se move!... Pensais talvez que mais vale a cabeça de uma duquesa... nós lhe daremos mil peças de ouro e o primeiro lugar entre os meus servidores.

A DUQUESA: Não de tentar-se!... Nenhum! Nenhum!

O DUQUE (*concentrado*): O padre!... Por que o deixei sair quando precisava de um algoz?... (*Baixo ao primeiro servo.*) O estrado e o cepo?

O SERVO: Estão prontos.

O DUQUE: E o cutelo?

O SERVO: Está afiado.

O DUQUE (*como que falando consigo*): Uma duquesa não deve morrer como uma mulher vulgar.

A DUQUESA: Estou salva!

O DUQUE (*em voz alta*): A filha de D. João de Gusmão, duque de Medina Sidônia, conde de Niebla, marquês de Cazaça e senhor de Gibraltar, merece contemplação pela sua

hierarquia. (*À duquesa.*) Não vos parece?

A DUQUESA (*tímida*): Foi talvez inspiração do céu a que tornou esses homens surdos à voz do interesse.

O DUQUE: E do céu é que vem esta inspiração, Sra. Duquesa. Alegrai-vos... tereis um duque por carrasco!

A DUQUESA: Vós, senhor!

O DUQUE (*travando-lhe o braço*): Vinde!

A DUQUESA: Oh! Ainda um instante!

O DUQUE: Nada mais!

A DUQUESA: Eu tenho ainda tanto para vos dizer... Escutai-me até o fim e certamente me haveis de perdoar.

O DUQUE: Não vos perdoarei.

A DUQUESA: E que é um instante para vós que ficais desfrutando a vida?... Por Deus! Dai-me um só instante!

O DUQUE: Não vos escuto!

A DUQUESA: Um instante, senhor!

O DUQUE (*saindo com ela pela porta do fundo*): Morrereis!... Morrereis!...

FIM

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1. 123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel. : _____

Nome do diretor ou responsável: _____


Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907



TINSI
SÉDEALENCARMACHAL
VEDOFRANÇAJUNIOR
OTOJEIROJORACYCAMARGO
JRADESILVEIRASAMPAIONELSON
LIODEALMEIDAJORGEANDRADE
ONIERFODUVALDOVIANNAFILH
SARMUNIZARIANOSUSSUNASÉ
SGOMESJOÁOBITTENCOURT
APALOTINICONSUELODF
OISABELCÁMARAJO
EBIANTONIOBIVARM
TAÍDEMARIOPRATA
S JOSÉDEANCHI
SMARTINSPE
SÉDEA
AZEVED
TÁOT
AD

500 Anos de Dramaturgia Brasileira

